

A LEI DO AMOR

AS LEIS ESPIRITUAIS II



Vicent Guillem



Título: A Lei do Amor.

Subtítulo: As Leis Espirituais II

Autor: Vicent Guillem Primo

Tradução para português: Martinho Nogueira da Silva

Autor da foto da capa: Josep Guillem Primo

Primeira edição, Fevereiro de 2012

Nº de registo de propriedade intelectual V-289-12 (Valência, Espanha).

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra por todos os meios actualmente disponíveis, com a condição de não ser feita com fins lucrativos nem seja alterado o seu conteúdo.

Página web oficial do livro:

<http://lasleyespirituales.blogspot.com>

Página web oficial do livro em Português:

<http://asleisespirituais.blogspot.com>

Correio electrónico: lasleyes.espirituales@gmail.com



O trabalho A Lei do Amor de [Vicent Guillem Primo](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em <http://asleisespirituais.blogspot.com.es/>.

ÍNDICE

PRÓLOGO	4
INTRODUÇÃO	5
A LEI DO AMOR	13
AS RELAÇÕES DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR	21
A INFIDELIDADE NA RELAÇÃO DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR	60
OS EGO-SENTIMENTOS NAS RELAÇÕES DE CASAL	64
AS RELAÇÕES COM A INFÂNCIA À LUZ DA LEI DO AMOR	81
O AMOR AO PRÓXIMO À LUZ DA LEI DO AMOR	93
OS DEZ MANDAMENTOS À LUZ DA LEI DO AMOR	114
MISSÃO DE JESUS NA TERRA II	167
A DESPEDIDA	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS AUTORES	192

PRÓLOGO

Querido leitor ou leitora. Se estás a ler estas linhas, decerto leste anteriormente o livro *As Leis Espirituais*. Por isso, compreenderás que prefira chamar-te irmão ou irmã. Começámos o prólogo de *As Leis Espirituais* dizendo que o conteúdo do livro era uma mensagem de amor para toda a humanidade. O conteúdo do livro que estás a começar a ler continua a ser uma mensagem de amor, pois, na realidade é a continuação do livro anterior, onde aprofundaremos mais, tanto quanto possível, uma dessas leis espirituais, talvez a mais importante: A Lei do Amor. Nesta segunda parte, continuaremos a colocar ao nosso amigo Isaías, todas aquelas questões que ficaram por colocar sobre o sentido da vida e sobre os sentimentos. Muitas das perguntas formuladas que encontrareis a seguir, são as vossas perguntas que nos fizestes chegar via correio electrónico, nos colocastes em palestras ou pessoalmente. Seleccionámos as que são de maior interesse para todos, e que têm a ver com o tema que de que vamos tratar agora: o amor.

Desejo, que te sirva para conheceres melhor os teus sentimentos, que te permita distinguir os sentimentos de amor verdadeiro das formas de egoísmo que imitam o amor, mas que o não são, que procures alimentar os primeiros e eliminar os segundos, pois é a única forma de se conseguir chegar a ser feliz. Desejo que consigas perder o medo de amar, para que a tua vida seja um reflexo do que sentes. Espero que, depois de leres este livro, seja para ti claro que tens um direito fundamental que não debes permitir que ninguém restrinja, que é o direito à liberdade de sentimento.

Com todo o meu amor, para ti.

INTRODUÇÃO

És feliz? Não, não me respondas ainda. Porque não creio que seja uma pergunta a que se possa responder levemente. Além de que gostaria que fosse uma resposta sincera, que não respondesses simplesmente para dar uma boa imagem de ti, a pensar na resposta que eu gostasse de ouvir. Não penses que te peço sinceridade, por mim. A mim, bem podias, seguramente, enganar que nada aconteceria. Peço-te que sejas sincero contigo mesmo, que não tentes auto-enganar-te, porque toda a tua vida depende da resposta a esta pergunta. Porque julgo que é tão importante? Porque acho que o desejo de todo o ser humano é conseguir ser verdadeiramente feliz. Por acaso, não desejas ser feliz? Eu observo as pessoas, e não me parece que a maioria seja feliz. Não exalam felicidade. Porquê? Possivelmente, porque não sabem como ser felizes. É possível chegar a ser-se feliz, e como? Creio que todos nós já fizemos esta pergunta alguma vez, ou seja, como se pode chegar a ser feliz? Intuitivamente, relacionamos o ser-se feliz com o facto de se conhecer o amor. Refiro-me ao amor de casal. Por isso, muitas vezes temos sonhado encontrar esse amor que nos faça felizes. Há pessoas que me dirão que não. Que não é verdade. Que o amor não traz felicidade porque eu amei muito, e o que esse amor me fez foi sofrer. São pessoas que associam o amor ao sofrimento e, para não sofrer, preferem não amar. Mas, o que é o amor, o que são os sentimentos? Sabemos realmente o que é o amor? Vamos deixar esta pergunta em aberto. Teremos muito tempo para pensar nela ao longo do livro. Agora gostava de vos falar de outra coisa.

Depois dos meus primeiros contactos com o mundo espiritual e das minhas primeiras experiências com viagens astrais, despertou em mim um forte sentimento de saudade por aquele mundo e, ao mesmo tempo, uma falta de interesse pela vida neste. A minha visão do mundo e da vida tinham mudado radicalmente. Se antes não compreendia o que acontecia, agora, depois das

minhas primeiras experiências extracorpóreas, comecei a ficar com a impressão de que este mundo é como uma espécie de teatro onde o ser humano passa a vida toda a interpretar um papel, como se fosse um actor que, à força de passar muito tempo a representar a mesma obra, acabasse tão identificado com o seu personagem que julga que a sua personalidade é a do personagem que interpreta, e que não há outra realidade para além da obra em que está a representar. Contemplava as pessoas com a sensação de que somos todos robôs agindo mecanicamente, inconscientes da verdadeira realidade, entretidos com coisas banais e irrelevantes a que damos toda a importância. Refiro-me à importância que atribuímos a ter sucesso na vida, como seja, ter reconhecimento, fama, prestígio, dinheiro ou poder. A maioria das pessoas emprega todas as suas forças para conseguir esses objectivos, como se disso dependesse a sua felicidade. A sensação que tinha era que tudo aquilo a que as pessoas dão tanta importância, era totalmente irrelevante para mim, porque em nada disso encontrava qualquer motivo que me fizesse feliz, feliz como me tinha sentido quando estivera no plano espiritual. Ao mesmo tempo, outra preocupação me gerava intranquilidade, e que era a de conseguir recordar completamente todos os detalhes das experiências vividas no plano espiritual, porque ainda que eu tivesse anotado tudo o que recordava, tinha a impressão de que era impossível recordar tudo completamente e contá-lo tal como o tinha vivido. E por estas razões, quando tentava relaxar para voltar a sair do corpo, não o conseguia. Pensamentos desordenados acudiam-me à mente, impedindo-me o relaxamento completo de que precisava. A minha consciência não estava suficientemente relaxada e tranquila para poder repetir a experiência. Isso ainda me provocava maior nervosismo e desânimo.

Numa das tantas vezes em que tentava relaxar, deitado no divã, fechado em casa, em obscuridade quase total, em solidão e silêncio completos, entre pensamentos desordenados que me acudiam à mente, ouvi muito claramente: NÃO TE PREOCUPES. Isso provocou-me um enorme sobressalto, como quando nos

despertam subitamente do sono. A minha primeira reacção foi abrir os olhos e olhar à volta. Estava escuro. Às tantas, acendi a luz. Não havia ninguém. Estava tudo calmo. Não ouvi, em momento algum, qualquer abrir ou fechar de portas, nem qualquer outro ruído. Nesse instante cheguei a pensar, será imaginação minha? Voltei a apagar a luz e recostei-me de novo no divã, procurando voltar a relaxar através de exercícios de respiração profunda. Porém, ao fim de pouco tempo, voltei a ouvir muito claramente: NÃO TE PREOCUPES. Desta segunda vez, o sobressalto foi menor e, em vez de me levantar, deixei-me ficar totalmente imóvel e expectante. Estava consciente de que, na verdade, essa voz não soava nos meus ouvidos. Era, mais, uma voz que falava na minha mente, como um pensamento muito claro, mas que não procedia de mim mesmo.

-Quem és tu?- perguntei mentalmente, para tentar alguma coisa, sem esperança que essa pergunta fosse ter qualquer resposta. E não houve uma resposta imediata. Passaram-se uns minutos e não aconteceu nada, pelo que voltei a deixar-me relaxar.

-HOMEM DE POUCA FÉ. DEPOIS DE TUDO O QUE JÁ VISTE, AINDA TENS DÚVIDAS? QUEM JULGAS QUE SOU?

-És o Isaías?- perguntei.

-DIZ-ME TU, EM VEZ DE ME PERGUNTARES- respondeu.

-Reconheço "a voz do teu pensamento". Mas como não te vejo, é essa a razão por que não tenho a certeza.

-SENTE, NÃO PENSES APENAS, E AS TUAS DÚVIDAS DISSIPAR-SE-ÃO. NÃO ME VÊS PORQUE ESTÁS LIGADO AO TEU CORPO. MAS, PODES OUVIR-ME CLARAMENTE, E ISSO É O SUFICIENTE PARA O QUE DESEJAS.

-E, afinal, o que será que eu desejo? Não sei a que te referes-disse-lhe.

-ESTÁS PREOCUPADO COM QUALQUER COISA, E EU DISSE-TE PARA NÃO TE PREOCUPARES.

-Ah, sim? E porque estarei preocupado?- disse-lhe.

-DIZ-ME TU. OU PREFERES QUE JOGUEMOS ÀS ADIVINHAS? GARANTO-TE QUE TE GANHAREI. NÃO TE ESQUEÇAS DE QUE EU SOU CAPAZ DE LER OS PENSAMENTOS. MAS PREFIRO ADIARMOS ISSO PARA OUTRA ALTURA, PORQUE NÃO GOSTO DE JOGAR EM VANTAGEM.

-Bem, há várias coisas que me preocupam. Por um lado, preocupa-me ver como vivem as pessoas, ver como sofrem.

-DANTES TAMBÉM SOFRIAM, E TU NÃO TE PREOCUPAVAS TANTO.

-Isso era porque, dantes, eu não me dava conta. Quero dizer, não me dava tão conta como agora – disse.

-CLARO, PORQUE AGORA A TUA SENSIBILIDADE DESPERTOU, E NÃO É SÓ PORQUE O VÊS, É PORQUE O SENTES E O VIVES. ELES JÁ SOFRIAM ANTES, MAS COMO NÃO TE DAVAS CONTA, ISSO NÃO TE AFECTAVA. AGORA, QUE ESTÁS CONSCIENTE, AFECTA-TE. ISSO É MUITO NORMAL. MAS, MESMO SOFRENDO TU, NÃO VAIS CONSEGUIR QUE ELES DEIXEM DE SOFRER.

-É que eu gostava de fazer qualquer coisa por eles, mas sinto-me incapaz. Sei que falámos deste assunto quando estivemos com Vesta e Juno. Refiro-me a dar a conhecer às pessoas a realidade sobre como funciona o mundo, a espiritualidade, e a necessidade para o ser humano de desenvolver a sua capacidade de amar, para poder evoluir e ser feliz. Mas, não sei por onde começar.

-POIS COMEÇA PELO PRINCÍPIO. AH! AH! AH!...

Sentia-me um bocado embaraçado, pois tinha a impressão que Isaías se estava a divertir com algo que para mim era muito sério. E, claro, ele notou-o logo.

-NÃO FIQUES INCOMODADO, HOMEM. NÃO JULGUES QUE PARA MIM ISSO NÃO É UM ASSUNTO IMPORTANTE, É PRECISAMENTE POR ISSO QUE ESTOU AQUI. APENAS TENTAVA FAZER-TE RIR PARA DESCONTRAÍRES UM POUCO. NÃO SABES QUE O HUMOR E O AMOR ESTÃO RELACIONADOS? O RISO É UM REFLEXO DO BEM-ESTAR INTERIOR, DE FELICIDADE, DA MESMA FORMA QUE O É DO AMOR.

-Peço-te desculpa, é que me sinto muito susceptível.

-NÃO FAZ MAL. JÁ TE DISSE QUE ESTOU AQUI PARA TE AJUDAR.

-Pode parecer uma tolice, mas não sei como divulgar a mensagem, e também me preocupa não recordar toda a experiência por que passei. Sinto, além disso, que não tenho conhecimentos suficientes para conseguir transmitir tudo aquilo de que as pessoas precisam. Não me considero preparado, além de que eu próprio tenho imensas incertezas. Como vou conseguir tirar as dúvidas aos outros se, eu mesmo, não estou seguro?

-VAIS CONSEGUIR, PORQUE EU TE VOU AJUDAR.

-Parece-me que não percebeste. Mesmo que me ajudes, eu tenho é medo de não me lembrar do que me disseste, depois, quando regressar ao corpo.

-EU COMPREENDO-TE, MAS TU A MIM NÃO, PORQUE ESTÁS CEGO. JÁ, ANTES, TE TINHA DITO PARA NÃO TE PREOCUPARES COM ISSO. TUDO TEM SOLUÇÃO E, NESTES TEMPOS, MAIS AINDA. PODES FALAR?

-O quê? Não te estou a entender. Porque me perguntas agora se posso falar. Não estamos a conversar? - disse-lhe.

-NÃO PERCEBESTE. NÃO É COM A MENTE. NESTE MOMENTO ESTAMOS A COMUNICAR ATRAVÉS DO PENSAMENTO. REFIRO-ME A PODERES USAR A TUA VOZ, EMITIR SONS. REPARA QUE CONTINUAS LIGADO AO TEU CORPO.

- Não sei. Ainda não experimentei – respondi-lhe.

- EXPERIMENTA, MAS TENTA NÃO TE DESCONCENTRARES.

Tentei fazer o que Isaías me pedia. Foi então que me apercebi do que Isaías me tinha dito. Continuava no meu corpo, mesmo que me tivesse esquecido desse facto. Quero dizer que ainda não tinha prestado atenção a isso. Agora que Isaías me pedia para falar, foi quando tomei consciência dele, apesar de me parecer que não respondia às minhas ordens e quase não o sentir. A minha sensação era como se estivesse paralisado, dormente. Tentei mexer a boca para falar, mas não podia. Estava dentro do meu corpo, mas não o podia mover.

-Não posso - disse mentalmente.

-ESPERA UM MOMENTO, VOU AJUDAR-TE UM POUCO.

Em breve comecei a sentir uma espécie de formigueiro na cabeça, que entrava pela nuca, e era muito agradável e suave. O formigueiro descia progressivamente por dentro da cabeça até à zona do pescoço. Era como se estivesse a receber uma descarga eléctrica, mas de muito baixa intensidade, que não me incomodava nada, antes, era muito agradável. O formigueiro tinha como que pulsações de maior e menor intensidade e circulava desde a parte alta da cabeça até ao pescoço como se fosse um repuxo. Isto fez com que deixasse de sentir adormecimento na parte da cabeça, ainda que o resto do corpo continuasse em paralisia completa.

-EXPERIMENTA AGORA - disse-me.

Ainda me custava mexer a boca e, embora agora já a pudesse mexer um pouco, ainda não podia articular nenhuma palavra. Apenas conseguia engolir saliva, e com grande dificuldade.

-Custa-me muito – pensei.

-CONTINUA A TENTAR.

Estive ali a mexer a boca e a língua uns cinco minutos sem que acontecesse nada, até que, finalmente, pude emitir um pequeno rumor, que mais parecia um rugido gutural.

- AINDA ME OUVES?

-Sim - respondi mentalmente.

-JÁ CHEGA POR HOJE. CONTINUAREMOS A PRATICAR ESTE EXERCÍCIO NOUTRA OCASIÃO.

- E qual é a finalidade deste exercício?

-É PARA QUE POSSAS FALAR ENQUANTO ME OUVES MENTALMENTE.

-Para quê?

-PARA QUE GRAVES O QUE TE DIGO.

-Gravar?

-SIM, HOMEM. NÃO TENDES APARELHOS PARA GRAVAR A VOZ? USA-OS. ASSIM PODERÁS REGISTAR PORMENORIZADAMENTE O QUE FALAMOS, SEM NECESSIDADE DE TERES DE TE RECORDAR. E ASSIM TERÁS O TEU PROBLEMA RESOLVIDO.

-E o que é que faço com isso?

-TAMBÉM QUERES QUE TE DIGA QUE FAZER COM ISSO? USA A TUA IMAGINAÇÃO. O QUE É QUE SE FAZ NO VOSSO MUNDO, QUANDO ALGUÉM TEM ALGUMA COISA PARA CONTAR E O QUER DIVULGAR?

-Escreve um livro?

-POR EXEMPLO. NÃO QUERIAS AJUDAR AS PESSOAS? NÃO QUERIAS QUE AS PESSOAS CONHECESSEM A VERDADE SOBRE O FUNCIONAMENTO DO MUNDO E AJUDÁ-LAS A DESENVOLVER A SUA CAPACIDADE DE AMAR PARA PODEREM SER FELIZES? POIS, EU TAMBÉM. VOU-TE AJUDAR A TRANSMITIRES ÀS PESSOAS O CONHECIMENTO DE QUE PRECISAM PARA PODER DESPERTAR O SEU INTERIOR E SE LEMBRAREM DO MOTIVO PELO QUAL VIERAM AO MUNDO, E QUE NÃO É OUTRO MAIS DO QUE DESENVOLVER A SUA CAPACIDADE DE AMAR E, ASSIM, PODEREM COMEÇAR A SER UM POUCO MAIS FELIZES. CONTUDO, UM ÚNICO LIVRO NÃO VAI SER SUFICIENTE. SERÃO NECESSÁRIOS UNS QUANTOS VOLUMES. MAS, CADA COISA A SEU TEMPO. SE QUISERES, COMEÇAMOS HOJE MESMO COM O TÍTULO. PARA VER SE SERÁS CAPAZ DE O RECORDAR. O TÍTULO VAI SER “AS LEIS ESPIRITUAIS”.

-Ah! Mas, o que são “As Leis Espirituais”?

-VAMOS ESPERAR ATÉ PODERES GRAVAR PARA QUE NÃO ESQUEÇAS LOGO EM SEGUIDA O QUE DISSERMOS. NÃO QUERO QUE FIQUES TRAUMATIZADO. AH! AH! AH!...

-Muito amável.

-BEM, VOU ADIANTAR-TE JÁ ALGUMA COISA. SABES QUE UMA DESSAS LEIS ESPIRITUAIS É A LEI DO AMOR? É A MAIS IMPORTANTE, POIS TUDO NO UNIVERSO GIRA À VOLTA DO AMOR. E HAVERÁ MUITO A DIZER SOBRE ISSO. POR ISSO TERÁS DE ESCREVER MAIS QUE UM LIVRO PARA TRATAR DA LEI DO AMOR.

A LEI DO AMOR

- O destino do espírito é alcançar a felicidade pela experiência do amor incondicional, por sua livre decisão.
- Sem amor não há evolução. Sem amor não há sabedoria. Sem amor não há felicidade.
- O amor é a força harmonizadora e dinamizadora do universo espiritual.

Qual é, segundo o teu critério, a aspiração mais elevada do ser humano?

Alcançar a felicidade verdadeira e permanente.

Qual é o segredo para alcançar a felicidade?

Amar, mas isso não é nenhum segredo. Cada espírito, ou seja, cada ser humano conhece, intui que necessita de amar para ser feliz. Todo o seu processo evolutivo gira à volta desse objectivo, desenvolver a capacidade de amar para ser feliz.

Qual é o caminho a seguir? Quero dizer, se queremos avançar no amor, por onde se deve começar?

O caminho começa no próprio e continua nos outros. Isto é, temos de nos amar a nós mesmos, para podermos amar os outros.

E, se cada ser humano intui esse caminho, por que razão ainda não o conseguiu alcançar? A minha impressão é que há muito pouca gente no mundo que se possa dizer feliz.

Não julgueis que é um caminho fácil ou rápido. No processo de se amar a si mesmo e de amar os outros, há diferentes etapas que têm de ser percorridas antes de se chegar à meta final, a qual será a de amar incondicionalmente qualquer outro como a si mesmo. Jesus resumiu isso mesmo numa mensagem muito simples, mas muito profunda, quando disse: "ama o próximo como a ti mesmo". É um caminho que implica viver múltiplas experiências, encarnando inumeráveis vezes. A tarefa é dupla. Por um lado, temos o desenvolvimento dos sentimentos e, por outro, a eliminação do egoísmo. Anteriormente, já falámos dos diferentes níveis de egoísmo, do ponto de vista espiritual, das diferentes fases da vaidade, do orgulho e da soberba, e de como se manifesta o egoísmo em cada uma dessas etapas. Agora, gostava que aprofundássemos o tema do desenvolvimento dos sentimentos, de como estes se vão desenvolvendo gradualmente a partir de si mesmo até aos outros, começando pelos que nos são mais chegados, até aos que não têm nenhuma ligação especial connosco. Falaremos

do amor de casal, do amor no seio da família (entre pais e filhos) e nas relações humanas e sociais. Analisaremos também como o egoísmo se instila entre os sentimentos e os adultera, causando verdadeiros estragos, confundindo os seres humanos e afastando-os do caminho do amor e da felicidade. O egoísmo é o maior inimigo do desenvolvimento do amor, e tem muitas ramificações. Se as não conhecemos, podemos desviar-nos da nossa evolução, até ao ponto de chegarmos a pensar que estamos a amar quando, na verdade, estamos a deixar-nos levar por formas de egoísmo disfarçadas de amor, como se fosse um lobo vestido com pele de cordeiro.

Mas, o que é amar-se a si mesmo?

Proceder com liberdade de sentimento, quer dizer, reconhecer as necessidades afectivas próprias e os seus sentimentos, e passar a desenvolvê-los para que sejam o motor da sua vida, para que as decisões importantes da sua vida sejam tomadas de acordo com esses sentimentos.

Que é amar os outros?

Sentir os outros como a si mesmo. Quando alguém sente o outro como se fosse ele mesmo, sente a felicidade do outro tanto como a sua própria, e percebe o sofrimento do outro como se fosse o seu próprio. Quando uma pessoa ama os outros, deseja tanto a felicidade deles como a sua própria e esforça-se, tanto a ajudá-los a alcançar essa felicidade, como a que as suas acções não os prejudiquem nem lhe provoquem sofrimento.

E donde vem o sofrimento?

O sofrimento pode advir como consequência das acções egoístas dos outros ou como consequência de egoísmo próprio. Quer dizer, às vezes sofre-se porque somos vítimas de actos egoístas dos outros, enquanto outras vezes a nossa própria atitude egoísta faz com que julguemos os actos dos outros equivocadamente, culpando-os do nosso sofrimento quando, na realidade, sofremos porque os outros não agem conforme esperávamos ou exigíamos deles. Também se sofre quando uma pessoa reprime os seus sentimentos e não vive de acordo com

eles, mas sim contra eles. A última opção causa um sofrimento mais intenso.

Como saber se sofremos em consequência dos actos dos outros ou se é como consequência das nossas próprias atitudes?

Sendo sinceros connosco mesmos. Sem sinceridade não pode haver crescimento, pois em vez de reconhecer a realidade tal como ela é, com a finalidade de mudar a nossa forma de actuar de acordo com esse reconhecimento, o que acontece é que a iremos distorcer para justificar os nossos actos egoístas, para justificar os actos egoístas dos outros, ou para justificar a repressão dos nossos sentimentos.

Como se pode saber se os outros sofrem em consequência dos nossos actos ou não? Não pode acontecer provocarmos sofrimento nos outros, ainda que a nossa intenção não seja essa? Que se deve fazer nestes casos?

É preciso distinguir donde vem o sofrimento, antes de decidir se é consequência dos nossos actos egoístas ou da nossa atitude repressiva dos sentimentos, ou se é consequência do egoísmo deles próprios.

Há certos sofrimentos que não podemos evitar aos que amamos, como os que surgem na sua vida como consequência do seu próprio egoísmo, em que eles se vêem confrontados com as consequências dolorosas de actos egoístas seus, do passado. Nestes casos, o melhor que podemos fazer por eles, é aconselhá-los o melhor possível para que tomem consciência de que o seu sofrimento pode ser consequência das suas próprias atitudes egoístas, e de que tomem muita atenção quanto à experiência que estão a viver, para não que não estejam, eles mesmos, a provocar igual sofrimento aos outros. Há sofrimentos que surgem quando se enfrenta alguma prova dura que se escolheu antes de encarnar, fazendo parte essa prova, do próprio processo de aprendizagem espiritual. Nestes casos, pode-se reconfortar a pessoa que está a viver esse momento, dando-lhe ânimo e esperança para que tenha forças para superar essa prova, fazendo-lhe ver que essa prova tem um significado e que, se for superada, conseguirá progredir espiritualmente.

Tomemos o caso de alguém nos ter feito saber que lhe estamos a provocar sofrimento. Como devemos encarar essa situação?

Com sinceridade e realismo. Analisemos primeiro a nossa atitude em relação a essa pessoa, para ver se reconhecemos egoísmo da nossa parte ou não. Se reconhecermos uma atitude egoísta da nossa parte que prejudica ou causa sofrimento a outra pessoa, cabe-nos a nós alterar a nossa atitude egoísta. A tomada de consciência das nossas atitudes egoístas faz parte da aprendizagem espiritual, pois, em muitas ocasiões, agimos egoisticamente sem consciência de que esse egoísmo causa dano aos outros. Por isso, é-nos necessário observar as consequências dos nossos actos, a fim de tomarmos consciência do sofrimento que provocamos.

Também pode dar-se o caso de que a outra pessoa sofra porque existe em nós uma repressão dos nossos sentimentos de amor em relação a ela, porque a repressão dos sentimentos não provoca danos apenas a si mesmo, mas também aos outros. Ou seja, sofrem por privação de amor.

Também deveríamos analisar a possibilidade de, o sofrimento dessa pessoa, não ser causado pelo nosso egoísmo, mas sim pelo seu próprio, quer dizer que se pode tratar de uma errónea avaliação da realidade por parte dela. Neste caso, a sua própria atitude egoísta, leva-a a considerar, injustamente, o nosso procedimento como egoísta, ou porque não viu satisfeitas as suas expectativas, ou porque não agimos da forma que esperava ou exigia de nós.

Neste último caso, deveremos satisfazer o outro nas suas exigências? Ou seja, deveremos dar-lhe o que espera de nós para lhe pouparmos o sofrimento?

Deve-se usar de bom senso para avaliar se, o que vos é pedido, é justo e honesto, e se está na vossa disponibilidade e vontade realizá-lo ou não. Em qualquer caso, nada vos pode ser exigido, porque a exigência, em si mesma, já configura um acto de egoísmo. No limite, deve ser formulado como um pedido, admitindo a possibilidade de ser recusado sem que ocorra

nenhum tipo de represália, de contrário tratar-se-á de uma ofensa ao livre arbítrio.

Em qualquer caso, não é aconselhável, alguém sentir-se obrigado a adoptar atitudes sem ser motivado por sentimentos, apenas para, com elas, agradar aos outros. Anulando a sua própria vontade ou a sua liberdade, a única coisa que se consegue, é sofrer inutilmente, pois nem progredimos nós, nem ajudamos o outro a fazê-lo. Apenas satisfaremos o seu egoísmo. Exemplificando, seria um esforço tão inútil como o daquele que carrega às costas outra pessoa que finge estar coxa, mas que pode perfeitamente andar. Neste caso, agrada-se ao outro à custa de um sobreesforço desnecessário, uma vez que o estamos a fazer por ele, ele consegue-o fazer por si mesmo.

Mas, há pessoas que são de opinião de que se gostas de alguém tens de te sacrificar por esse alguém, ou seja, deve-se colocar a felicidade da pessoa amada antes da sua própria. Que achas disto?

Que é errado pensar dessa maneira. A felicidade de uma pessoa não pode justificar o sofrimento de outra. Seria injusto, da parte do mundo espiritual, pedir a alguém que renunciasse ao seu direito à felicidade. Todos os seres espirituais têm direito a ser felizes, sem que isso implique, em relação aos outros, uma diminuição do mesmo direito. Por isso, não é justo renunciar à sua própria felicidade em benefício dos outros, nem é justo exigir aos outros renúncias ou sacrifícios em seu benefício. O que faz diminuir o direito a se ser feliz é o egoísmo e não o amor. O que acontece é que vós tendes uma concepção equívoca do que é o amor, pois a vossa forma de amar está, na maior parte das vezes, impregnada de egoísmo e, por isso, julgais que, para que os outros sejam felizes, tendes que suportar renúncias ao vosso próprio direito à felicidade, ou então julgais-vos no direito de exigir renúncias aos outros para vós poderdes ser felizes. Por isso, é tão importante analisar muito bem a nossa forma de amar, para se poder distinguir o que são sentimentos de amor verdadeiro do que são manifestações egoístas. Assim, não vos confundireis realizando ou pedindo sacrifícios e renúncias desnecessários.

Mas, não é verdade que, às vezes, é necessário renunciar a certas coisas em benefício das pessoas amadas?

Pois, depende do que entendais por renúncias. Renunciar ao egoísmo por amor é algo de positivo. O que não faz sentido é renunciar ao amor por amor.

Não compreendo o que queres dizer exactamente. Dás-me um exemplo para ficar esclarecido?

Imagina o caso de um casal materialista que está a planear ter filhos. O facto de ter filhos, podem vê-lo logo como renúncia à satisfação dos seus caprichos materiais, porque agora terão de fazer face às despesas com os filhos, e podem também vê-lo como renúncia aos seus tempos livres, pois agora também parte do seu tempo terá de ser dedicado aos filhos. Se o encaram como uma renúncia, é porque predomina o egoísmo sobre o amor, porque valorizam muito as suas posses materiais e comodidades, e valorizam pouco os sentimentos. Se, por amor aos seus filhos, se esforçam por serem menos caprichosos, isso será algo de bom para eles, pois as perdas são em egoísmo e os ganhos, em sentimento. Outro caso muito diferente é o da mulher que, por ter um filho em comum com um homem, se obriga a viver com ele sem o amar, amando outro, porque considera que é o melhor para o seu filho, condenando-se a uma vida de sofrimento. Esta é a pessoa que equivocadamente renuncia ao amor por amor, porque renuncia à sua liberdade de sentimento julgando, erradamente, que isso vai beneficiar a felicidade do seu filho.

Este exemplo que acabas de dar, faz-me reflectir sobre a quantidade de situações diferentes que podem existir, e o quão difícil é analisá-las a todas com clareza para saber o que fazer em cada uma delas, sem confundir sentimentos com egoísmo. Comentaste os temas das relações de casal e o das relações com os filhos. Acredito que analisar, de forma exaustiva, estas situações que se verificam dentro das relações pessoais, seria muito útil a todos, a mim em primeiro lugar, porque penso que

afectam quase toda a gente, e julgo que muitas pessoas sofrem como consequência de as não saber enfrentar com a consciência espiritual esclarecida. Podia-se escrever um livro apenas com isso.

Bem. Estamos aqui para tentar esclarecer tudo isso. É verdade que a maior parte do sofrimento emocional do ser humano tem a ver com as relações pessoais, começando pelas relações de casal e relações familiares (entre pais e filhos, irmãos, etc.). Por isso será bom que as tratemos de forma exaustiva. Por onde queres que comecemos?

Se posso escolher, começaria pelas relações de casal.

Pois avança. Pergunta, que sou todo ouvidos.

AS RELAÇÕES DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR

Observo que uma das maiores causas de infelicidade do ser humano tem a ver com o tema relação de casal. Uns sofrem porque não encontram parceiro e outros sofrem porque são infelizes na sua relação com o parceiro. Por que razão há tanta gente que não é feliz no seu relacionamento?

Porque não há um verdadeiro sentimento de amor de casal entre eles, ou porque os defeitos se sobrepõem aos sentimentos, ou por ambas as coisas ao mesmo tempo.

O que é preciso para que duas pessoas sejam felizes numa relação de casal?

A felicidade completa na relação de casal apenas é possível quando haja uma afinidade interior completa e um verdadeiro sentimento de amor mútuo, correspondido e livre. Mas, isso pouco acontece no vosso mundo.

Porquê?

Porque, na escolha de parceiro, predominam o egoísmo e a necessidade e, a isto, junta-se a falta, na maioria das pessoas, de desenvolvimento suficiente da capacidade de amar que lhes permita ter o discernimento necessário para reconhecer quem lhe é afim, despertar e reconhecer os sentimentos em relação a essa pessoa e ter a coragem de lutar por eles.

Quando falas em reconhecer quem é afim, referes-te a reconhecer a alma gémea?

Sim. Ainda que ache que um termo, mais exacto do que almas gémeas, seja almas afins.

Porquê?

Porque vós identificais a palavra gémea com idêntica e julgais que as almas gémeas têm de ser idênticas, iguais em tudo. Mas, não é assim. As almas afins ou gémeas são seres que provêm do mesmo acto de criação, do mesmo "parto espiritual", para o definirmos de alguma maneira. São espíritos cem por cento

complementares, criados no mesmo momento para estarem unidos no amor. Mas, isso não significa que sejam iguais.

E porque não são iguais se são criados iguais?

Porque o facto de serem afins, não significa que tenham uma vontade única. Cada um tem a sua personalidade própria resultante do seu processo evolutivo pessoal, que nunca é idêntico, porque cada um decide por si mesmo. Isso estabelece diferenças a todos os níveis.

Queres dizer que não têm nível evolutivo idêntico?

Costuma ser semelhante, mas idêntico é impossível, porque cada um tem o seu livre arbítrio individual e acumulou experiências diferentes. Ainda que não costumem ser diferenças muito profundas, pode acontecer que um dos dois progrida mais depressa do que o outro, ou que um avance mais nuns aspectos e o outro, noutros, e isto marca diferenças na sua personalidade espiritual e no seu nível evolutivo. Mas, apesar das diferenças, continuam a ser afins.

Então, se duas pessoas que se unem como casal são almas gémeas, significa que alcançarão a felicidade perfeita na sua relação?

Alcançarão a felicidade perfeita, quando tiverem evoluído o suficiente para que os sentimentos entre elas sejam mais fortes que os seus defeitos. Serem afins, não significa que sejam perfeitas. Enquanto a sua capacidade de amar estiver pouco desenvolvida, o egoísmo de cada uma predomina, o que coloca obstáculos às manifestações da afinidade e dos sentimentos, e os impede de serem plenamente felizes.

E poderá acontecer que a sua alma gémea não tenha encarnado simultaneamente na mesma vida?

Sim.

Pois, realmente não compreendo que sentido pode fazer algo assim. Quero dizer, não encarnando simultaneamente, não se

está a privar esses espíritos da possibilidade de serem felizes numa experimentação de união de casal?

Dizes isso porque só estás a ver a parte da vida em que se está encarnado. Lembro-te que a separação é somente temporal, porque a vida física é apenas um instante da vida real. É somente uma parte do tempo da vida do espírito, a que passa encarnado, e que é ainda mais reduzida nos espíritos mais avançados, pois estes espaçam bastante as suas encarnações.

Mas porque se escolhe uma circunstância assim, quero dizer, a de não encarnar ao mesmo tempo?

São escolhas que os espíritos fazem, neste caso as almas gémeas ou afins, em função da prova ou missão que pretendem levar a cabo. Não quer dizer que fiquem totalmente separados, pois, durante o sono, o espírito encarnado regressa ao mundo espiritual e reencontra temporariamente os seres amados que ficaram no plano espiritual, e não só a alma afim, mas também outros seres amados que não encarnaram simultaneamente. Na realidade, ambos colaboram nessa missão, cada um a partir de um plano diferente.

Mas quem está encarnado recorda este contacto durante o sono?

Conscientemente, a maioria, não.

Então de que lhe serve, se não é capaz de se lembrar dos momentos de encontro com a alma gémea desencarnada?

Ainda que não se recorde conscientemente, intimamente sente-se reconfortado com o convívio.

Mas não é uma frustração, pelo menos para o encarnado, viver desta maneira?

É uma prova difícil, semelhante à daquele que depois de ter convivido uma vida inteira com a pessoa amada, a vê falecer, permanecendo ele no plano físico sem ela. No caso que estávamos a expor, não se tendo plena consciência de que a sua alma afim está no outro plano, evita-se um sofrimento maior.

Mas, há quem que chegue a tomar consciência?

Sim. Se for sensível, pode contactá-la conscientemente.

Então sofrerá muito mais, não?

Isso depende do seu nível evolutivo, de quão preparado esteja para viver nessa situação. De ter em conta que, mesmo que encarnem simultaneamente, dificilmente acontece as almas afins estarem unidas permanentemente. Podem demorar um tempo relativamente longo até se conhecerem. Inclusivamente, muitas vezes, mesmo encontrando-se, não lutam para estar juntas, seja por falta de convicção nos sentimentos, por falta de coragem para lutar por eles, ou porque ainda predomina o egoísmo entre elas. Também sucede que a desencarnação de uma e da outra costumam ocorrer em momentos distintos, espaçados no tempo, de maneira que uma delas permanece no plano físico, enquanto a outra regressa ao plano espiritual. Se, durante esse período de separação, cada uma cumprir o objectivo que se propôs, o reencontro será maravilhoso.

E que se passa se, quando se regressa ao plano espiritual, a sua alma gémea já voltou a encarnar?

Tem em consideração que as reencarnações não acontecem imediatamente. Passa-se um tempo no plano astral bastante prolongado, antes de se encarnar de novo. Costuma dar tempo a que se verifique o reencontro das almas afins e que possam conviver no plano espiritual, antes de voltarem ao plano físico.

A consciência de que a sua alma gémea está no outro plano, impede de arranjar parceiro no mundo material?

Não. Da mesma maneira que, quem enviuvou, pode arranjar outro parceiro, sem que com isso transgrida nenhuma lei espiritual. O encarnado pode fazer o que considere oportuno em relação à sua vida, ter ou não ter parceiro, pois é dotado de livre arbítrio para decidir.

A alma que fica no outro plano, não vai sentir-se ciumenta por, a sua alma gémea, ter outro parceiro terreno?

Não, porque a perspectiva que se tem a partir do mundo espiritual, é mais ampla do que a que se tem terrenamente. A sua alma afim compreende a situação e pretenderá que tome as decisões que a tornem mais feliz. Ainda que ansiando pelo reencontro, claro está.

Mas, poderá ser feliz nessa relação de casal?

Isso vai depender da afinidade que haja entre elas. Se houver afinidade, pode alcançar um certo grau de felicidade. Mas, é certo que haverá sempre um vazio interior, que nunca poderá ser preenchido. Nunca poderá viver a felicidade completa na relação de casal, pois a afinidade completa só a tem com o ser que está no outro plano.

E como se podem conciliar ambos os sentimentos? Ou seja, como harmonizar o que se sente pelo parceiro espiritual e pelo parceiro terreno? Não é um dilema sem solução possível?

A solução é a compreensão da situação. Em qualquer caso, pretender esquecer o que se sente pelo parceiro espiritual que ficou ou que passou para o plano espiritual antes dela, para não sofrer, é um erro tremendo pois, então, sofre-se ainda mais pelo esforço em anular os sentimentos. Também é um erro obrigar-se a sentir pelo parceiro terreno o mesmo que pela alma afim, ou sentir-se culpado por não sentir o mesmo pela segunda que pela primeira, pois o sentimento surge da afinidade completa, e se esta não se dá, não é possível, sem que isso seja culpa de ninguém. Mas, é certo que os espíritos muito avançados que conheceram e viveram o sentimento com a sua alma afim não costumam comprometer-se com outro parceiro, mas antes, preferem esperar pelo reencontro, porque sabem que nenhuma outra relação de casal os vai preencher. Além disso, a sua capacidade e sensibilidade permitem-lhes manter o contacto, apesar de cada um estar num plano diferente da existência.

Quando duas almas gémeas encarnam simultaneamente, encarnam sempre para serem casal?

Nem sempre se encarna com o propósito de se formar um casal, ainda que seja o mais habitual.

As almas gémeas devem ter a mesma idade terrena ou podem levar um ao outro, inclusive, 30 anos de diferença?

Há de tudo. Podem levar muitos anos de diferença ou poucos. O momento da encarnação e as circunstâncias em que se vai produzir escolhem-se antes de nascer, e tudo tem uma razão.

E a diferença de idade não é um obstáculo para que esses espíritos cheguem a ser casal?

Sê-lo-á enquanto um for criança. Quando ambos forem adultos, já não.

Podem as almas gémeas encarnar numa situação que as impossibilite de serem casal, por exemplo, encarnando como mãe e filho ou irmãos?

Sim. Pode ocorrer uma multitude de situações, serem pais e filhos, irmãos, etc.

E esta situação impossibilita-os de procurar outro parceiro?

Certamente que não. Mas, sim, é verdade que terão sempre mais ligação com a sua alma afim, encarnada como familiar, que com o parceiro que escolherem para a vida.

E podem encarnar duas almas gémeas com o mesmo sexo, simultaneamente?

Ainda que não seja o mais frequente, sim pode acontecer.

Ocorreu-me que a homossexualidade possa ser devida ao facto de duas almas gémeas encarnarem no mesmo sexo.

Não, não é por esse motivo. Do mesmo modo que o facto de se encarnar como mãe e filho, pai ou irmão e irmã não incita ao incesto.

Pois, se não é esse o motivo, o que é que motiva a condição homossexual do ponto de vista espiritual?

É complicado dar uma resposta geral, aplicável a todos os casos, porque cada caso é único. Mas, o que é certo, é que a condição homossexual, daquele que nasceu homossexual, está

relacionada com o que esse espírito viveu noutras vidas anteriores. O espírito, desprovido de envoltura material, não tem sexo. É quando encarna que adquire a condição sexual, e ainda que costume haver preferências por um sexo em concreto, geralmente, na hora de encarnar, o mesmo espírito pode encarnar numa vida como homem e na seguinte como mulher, ou vice-versa, conforme o que decidir em função das suas necessidades evolutivas. Acontece, ocasionalmente, que o espírito que se prepara para encarnar no sexo oposto ao escolhido na encarnação prévia, não se tenha desprendido completamente da personalidade (incluindo a condição sexual) da vida anterior, e isso afecta a sua percepção da sexualidade na vida actual. Dependendo do grau de identificação com a condição sexual da vida passada, encontraremos diferentes situações, desde o transexual, que directamente se identifica com o sexo oposto em tudo, e quer adquirir a fisionomia com a qual se identifica, o homossexual que, sem se identificar com o sexo oposto, sente as mesmas inclinações sexuais que tinha na vida anterior em que esteve encarnado no sexo oposto ao actual, ou o bissexual, em que se manifestam inclinações sexuais próprias da sua condição actual e da vida passada.

Quais são os motivos para não se desligar da personalidade da vida anterior?

As causas dessa falta de desprendimento costumam ser muito numerosas e variadas, mas no geral são devidas a atitudes egoístas muito enraizadas no espírito, que utilizaram e se valeram da sua condição sexual para se manifestarem, e que pressupõem afronta ao livre arbítrio dos outros, incluindo a liberdade de sentimento.

Há algum exemplo?

Um espírito que ao encarnar como homem foi extremamente machista e abusou das mulheres. Por exemplo, pode ter-se dado o caso de obrigar uma mulher, que não amava, a ser sua esposa, obrigando-a, portanto, a manter relações sexuais à força, ou maltratou-a e humilhou-a a vida toda e, de modo geral, tinha essa mesma atitude de desprezo em relação a todas

as mulheres. Nesta vida encarna na mesma condição sexual que antes desprezou, mas conserva a personalidade da vida anterior, e com tendências semelhantes, porque como as não superou, estão fortemente imbuídas no seu espírito. Ou um espírito que, ao encarnar como mulher, utilizou o seu atractivo físico e o seu poder de sedução para dominar e subjugar os homens. Nesta vida encarna, tendo a mesma condição sexual daqueles de quem abusou, mas conserva a personalidade da vida anterior porque está fortemente enraizada nele e, por isso, conserva total ou parcialmente as mesmas inclinações sexuais.

E que é que se deve aprender dessa circunstância?

O espírito escolhe encarnar no mesmo sexo daqueles de quem abusou, para aprender a respeitar a condição de género. Quer dizer, se como homem abusou das mulheres, encarna como mulher para as aprender a respeitar, uma vez que, agora também o é. Ou se, como mulher, abusou dos homens, agora encarna como homem para aprender a respeitar os homens, porque agora também o é. As condições da transexualidade ou da homossexualidade são desenvolvidas por ele mesmo nessas circunstâncias, porque é mantida a personalidade da vida anterior, incluindo total ou parcialmente a inclinação sexual, fortemente enraizada nele.

Muitas religiões, incluindo a Católica, têm o entendimento de que a condição de homossexual é algo negativo e que deve ser combatida, pois a consideram um desvio. Inclusivamente, recomendam que se tente uma relação heterossexual. Qual é a tua opinião?

Não faz sentido que uma pessoa homossexual, apenas para manter as aparências, se obrigue a ser heterossexual quando o não é. Quer dizer, não assumir ou reprimir a sua homossexualidade, não conduz a nada de útil. Isso constituiria uma causa de infelicidade para o próprio e para o parceiro escolhido, pois não se pode forçar o que não é facultado espontaneamente. A pessoa homossexual, como qualquer outra, tem de ser ela mesma, aceitar-se como é, e procurar a sua felicidade em consonância com isso. A condição de

homossexual não é negativa em si mesma. Pelo contrário. Para esse espírito é uma circunstância que o pode ajudar a avançar no reconhecimento do valor do livre arbítrio e da liberdade de sentimento, pois quando se é obrigado a ser-se diferente do que se é, e a viver como não se pretende, sofre-se muito. A prova é essa. Lutar por ser ele mesmo apesar da incompreensão e da rejeição. Quando alguém sente a dificuldade em ser ele mesmo, valoriza muito o respeito pelo livre arbítrio e começa a tomar consciência de que não deve forçar o dos outros de nenhuma forma, porque isso é um grande motivo de sofrimento. Acrescentarei apenas que a homossexualidade e a transexualidade estão muito relacionadas com a vaidade, e enquanto esta não for superada, continuarão a existir este tipo de circunstâncias.

Voltemos ao tema das almas gémeas. Se me estás a dizer que a felicidade no casal vem da união de almas gémeas, não é uma contradição aceitar circunstâncias nas quais não se vai poder estar juntos como casal, nessa vida, como por exemplo, existindo laços de consanguinidade?

Às vezes escolhem-se laços de consanguinidade porque é uma maneira de se assegurar que o seu ser mais afim, vai estar sempre junto de si. Quando não existe nenhum vínculo de família costuma haver maiores dificuldades materiais para que dois seres afins consigam estar juntos, pelo que, ainda que sendo desejável a união, na maioria dos casos, não se produz. Nesses casos, aposta-se pelo seguro, apesar de não configurar a situação mais desejável.

Queres dizer que a maioria das pessoas que têm parceiro, não estão a formar casal com a sua alma gémea?

Sim, já tínhamos dito isso. Contam-se pelos dedos, os casais terrenos que são uniões de almas afins. Embora, naturalmente, quase ninguém admita reconhecer que a sua união não seja de almas afins.

Sim, mas haverá pessoas que têm dúvidas sobre quem é a sua alma gémea. Quer dizer, como se pode reconhecer a sua alma gémea? Compreendo que não deva ser fácil.

Seria mais fácil se agísseis de acordo com os vossos sentimentos e houvesse mais liberdade no vosso mundo, na hora de amar. Mas, como isso não acontece, o que poderia ser fácil, torna-se complicado.

Quais são essas dificuldades, que impedem que duas almas gémeas se unam como casal quando estão encarnadas?

Já o dissemos. Pelo facto de, no vosso planeta, o ser humano ainda se encontrar muito imbuído de egoísmo e pouco desenvolvida a sua capacidade de amar, no momento de escolher parceiro, leva mais em conta outros factores do que o sentimento de amor. Ainda que, antes de encarnar, as almas afins tenham feito o propósito de se unirem como casal, uma vez encarnadas, o normal é acabarem unidas a outras pessoas.

E quais são esses factores? Quero dizer, porquê se pode combinar uma união sem amor?

Há diferentes motivações. Pode ser porque exista uma atracção física, por conveniência material ou emocional, por afinidade mental, por necessidade de ser amado ou por necessidade de amar.

Podes descrever, com mais profundidade, cada uma destas razões, para que fique claro em que consistem?

Certamente. Começemos, se quiseres, pela razão número um no vosso mundo: a atracção física ou instinto sexual.

Quando o espírito ainda está pouco desenvolvido na sua capacidade de amar, a sua vontade é enormemente influenciada pelos instintos e, no caso concreto da escolha de parceiro, predomina o instinto sexual sobre os sentimentos. Por isso, costuma-se escolher em função do que activa o seu instinto sexual, que dá atenção ao exterior e não ao interior. Por isso, as pessoas que são fisicamente atraentes têm facilidade em encontrar parceiro, ao passo que, quem é pouco atraente, parece estar condenado a não o encontrar. Este

comportamento é maioritário no vosso mundo pela razão de, em geral, a maior parte dos seres terem pouco desenvolvida a capacidade de amar, sendo ainda mais acentuado na adolescência, pois é uma fase em que aflora o instinto sexual, coincidindo com a imaturidade própria da juventude, o que faz com que, até nos espíritos mais avançados, predomine o desejo de satisfazer o seu instinto sexual, sobrepondo-se ao despertar dos sentimentos.

Creio que na relação de casal, necessariamente tenha de existir uma atracção sexual mútua. Se não surgisse o desejo sexual entre eles, que sentido faria unirem-se como casal?

Certamente que é uma condição necessária, mas não suficiente. Além disso, não confundais o instinto sexual, com o desejo sexual. É que há um pormenor que os diferencia. É verdade que o desejo sexual pode ser activado pelo instinto sexual biológico, porém não apenas pelo instinto. Também pode ser activado pelos sentimentos. O instinto sexual biológico activa-se fundamentalmente pela atracção física e pela novidade. É uma programação biológica, que compele o indivíduo para a promiscuidade, porque do ponto de vista biológico isso favorece o intercâmbio genético e a propagação da espécie.

Quando duas pessoas se unem por atracção física, sem que haja sentimento pelo meio, uma vez sexualmente satisfeitas, costuma advir uma diminuição do desejo sexual entre elas, posto que, para o instinto sexual, essa relação já não é novidade e não desperta como no princípio.

A consequência é que, se essa relação se prolongar, costuma haver uma perda do apetite sexual, pois que entre elas o desejo sexual estava completamente dependente do instinto. As relações sexuais tornam-se escassas e aborrecidas. Este casal perde o interesse, acabou a novidade e renasce o interesse por outros candidatos, pelo facto de serem novidade. Se estas relações se prolongarem, são fonte constante de infelicidade, pois salta à vista a falta de afinidade e de sentimento que, de início, estava eclipsada, encoberta pelo instinto sexual. E isso reflecte-se num aumento de desavenças e recriminações. Costuma-se então dizer, que acabou o amor entre o casal, que

já não há paixão, quando na realidade nunca houve amor, apenas atracção por instinto. Quando há uma afinidade de sentimento, o desejo sexual desperta e não se apaga nunca, porque não se alimenta do instinto, mas sim do sentimento.

Falemos agora da união por conveniência material.

Quanto a esta, não há muito a esclarecer. É a união por interesses materiais. Dá-se quando um dos dois, ou ambos os cônjuges, prevê retirar alguma espécie de vantagem material para a sua vida e que sentia falta, como o bem-estar material, a posição social, o sucesso, a fama, a riqueza ou o poder. Este motivo para a união é ainda mais pobre do que o anterior, porque nem sequer há atracção sexual, e é mais que evidente que não existe nenhum tipo de sentimento, apesar de ser costume haver um fingimento de sentimento, quer dizer, faz-se crer ao outro cônjuge que o motivo da união é o sentimento de amor.

Isso quer dizer que os motivos que unem duas pessoas podem ser diferentes, porque se em ambos fosse um interesse material, não haveria necessidade de fingimento.

Efectivamente. Costuma acontecer que, em cada um dos cônjuges, o motivo da união é diferente. Num deles pode ser o interesse material e no outro a atracção física. São, por exemplo, as uniões que têm lugar entre um milionário que não é atraente, mas que se sente atraído por mulheres bonitas, e uma mulher atraente, sem dinheiro, mas que aspira a tê-lo. Em nenhum dos dois casos há sentimentos, apenas uma expectativa de satisfazer um desejo, mas, seguramente, ambos fingirão que existe sentimento, ocultando as suas intenções. Será uma relação em que nenhum dos dois será feliz, ainda que, de início, possa haver uma satisfação relativa ao ver, cada um, preenchidas as suas expectativas.

E em que consiste a união por conveniência emocional?

Tem lugar quando uma das duas pessoas julga que o perfil psicológico da outra lhe pode ser vantajoso quando se manifestarem certas características, que sabe que são egoístas,

da sua própria personalidade, mas que não pretende mudar. Por exemplo, pode convir como parceiro a uma pessoa dominante e autoritária alguém submisso e dócil, a uma pessoa caprichosa pode-lhe convir alguém condescendente, a uma pessoa receosa alguém decidido, ou a uma pessoa indolente alguém activo.

Mas, julgo eu, não tem que ser forçosamente negativo possuir traços psicológicos aparentemente opostos, pois pode configurar uma melhor oportunidade para prestar ajuda. Por exemplo, a pessoa decidida pode ajudar a superar o medo do parceiro receoso.

Compreende que o problema não está em haver diferença de personalidade, mas antes em se ter escolhido o parceiro por conveniência emocional, e não porque haver sentimentos envolvidos. Se uma pessoa precisa de superar o medo, pode procurar ajuda psicológica para o ultrapassar, inclusivamente o parceiro, mas não deve ter sido essa a razão da escolha como parceiro. Nestes casos, o que costuma acontecer é que a relação que se estabelece entre os membros do casal é de domínio ou de dependência psicológica. Um sentir-se-á escravizado na relação, pois apenas recebe do outro ordens, não sentimentos, enquanto o outro, chamemos-lhe o dominador ou dependente psicológico também sofre, pois apesar de se encontrar satisfeito o seu egoísmo, a ausência de sentimentos pela sua parte fá-lo sentir-se vazio e insatisfeito com a relação.

Fala-me agora da união por afinidade mental.

É a união que se verifica entre duas pessoas que partilham dos mesmos gostos, das mesmas inclinações, dos mesmos interesses. Por exemplo, pessoas que têm o mesmo nível social, o mesmo tipo de trabalho, idêntico nível intelectual, as mesmas expectativas profissionais ou materiais, ou que se divertem com os mesmos passatempos, por exemplo, praticar desporto ou frequentar festas.

Mas haverá algo de errado em partilhar gostos ou interesses? Julgo que isso é natural e desejável num casal.

Não há nada de errado em partilhar gostos ou interesses. O que aqui dissemos foi que a decisão de escolher parceiro, não deve ser tomada com base na afinidade mental, pois isso apenas une a nível mental, mas não a nível do sentimento.

Pois, muitas pessoas estão convencidas que o facto de ter gostos e interesses semelhantes está muito relacionado com a sua compatibilidade como casal e que, em função dessa compatibilidade, podem nascer os sentimentos. Por exemplo, as agências matrimoniais preparam testes de compatibilidade para tentar encontrar o par ideal para os seus clientes em função dos seus gostos, interesses e aspirações, com base na ideia de que isso aumenta as probabilidades de haver afinidade entre eles.

Será apenas uma afinidade mental, nunca sentimental. Os sentimentos não falam a linguagem das probabilidades nem obedecem a planificações. Têm de surgir espontaneamente mesmo que não encaixem nos esquemas mentais que se possam ter do “par ideal”, que costumam ser estereótipos, como o rapaz alto, bem-parecido e romântico para as mulheres, ou a moça sexy, loira e apaixonada para os homens. Isto são apenas fantasias mentais que alimentam a imaginação e que pouco têm a ver com os sentimentos. Se os sentimentos funcionassem por probabilidades, nunca se uniriam almas afins, pois a probabilidade de essa união acontecer por acaso, é muito baixa. Estas uniões por afinidade mental costumam ter uma fase de aparente bom funcionamento, mas produzem uma sensação de vazio interior de causa difícil de identificar, pois observando do exterior, que avalia principalmente com a mente, parece que se tem tudo o que faz falta na vida para se ser feliz. Todavia, precisa-se da única coisa capaz de fazer alguém feliz, que são os sentimentos.

Falemos agora das pessoas que se unem pela necessidade de serem amados.

Esta é uma razão bastante comum. Geralmente corresponde a pessoas que se sentem pouco queridas na vida ou com nostalgia de um amor que não conheceram nesta vida, mas que o seu íntimo intui já terem vivido (no seu passado anterior à

vida actual). Têm uma necessidade de ser amadas tão grande que, quando alguém se interessa por elas como parceiro, se sentem tão agradecidas que aceitam essa relação sem levar em conta os seus próprios sentimentos. Costumam ser pessoas com baixa auto-estima. Sentem-se pouco atraentes julgam que ninguém as vai desejar. Não se julgam com o direito a ser felizes.

Muitas destas pessoas tiveram uma infância difícil, com enormes carências afectivas, desamparo ou situações de maus-tratos físicos ou psicológicos. Se essa pessoa não se libertou ainda por si mesma do ambiente familiar opressivo, pode utilizar a relação de casal como válvula de escape, para se libertar dessa relação familiar intolerável.

Mas, por acaso haverá algum mal em sentir necessidade de se ser amado? Julgo que é algo natural e inerente a todo o ser humano e julgo que não haverá ninguém que o não deseje.

Não há nada de mau em desejar ser amado. Efectivamente, é algo natural em todo o espírito, e é sintoma de que já tem um certo nível de evolução, pois significa que já se está consciente de que a chave da felicidade está relacionada com o amor. O problema é que, se essa necessidade de ser amado for muito premente, pode provocar desespero e cegueira emocional, ansiedade para encontrar rapidamente alguém que preencha esse vazio, o que faz com que a pessoa se precipite na hora de escolher par, pois certamente aceitará como parceiro qualquer pessoa que apareça nesse momento, e não somente a que desperte os seus sentimentos. O vazio afectivo provoca cegueira emocional, o que a impede de ver o parceiro tal e qual é. Antes, idealiza-o de acordo com as suas expectativas, para desejar querê-lo.

Estas pessoas também costumam viver relações de domínio ou de dependência. Muitas destas pessoas entram neste tipo de ligação para fugir de uma relação familiar asfixiante. Quando dão com alguém autoritário e dominante costumam ser submissas e permitem que o outro as domine e humilhe. A cegueira emocional, a falta de clareza e o desejo de escapar

levaram-nas a optar pelo desconhecido com a confiança de que não podia ser pior do que o que se estava a viver anteriormente. Só que resultou que o desconhecido acabou por ser igual ou pior do que o que tentavam deixar para trás. Porque não conhecem nada melhor, faz-lhe, inclusive, aceitar esta situação como normal, e acabam por adoptar o mesmo papel de submissão que tinham na sua família, reproduzindo na sua vida de casal as mesmas situações de sofrimento da vida familiar.

Às vezes escolhe-se já com certo conhecimento de causa, procurando o contrário de que se tinha, quer dizer, procuram-se pessoas carinhosas, pacíficas, tolerantes e de bom coração, com quem sabem que vão ser bem tratados. Nestes casos há uma relação mais do tipo paternal/filial ou maternal/filial, pois procuram receber do parceiro o carinho que não tiveram dos seus pais e, por isso, o cônjuge desempenha um papel mais de protector do que de parceiro. A pessoa resgatada de uma relação familiar de sofrimento, sente-se agradecida e em dívida para com o protector que a salvou da situação de sofrimento, e procura compensá-la de alguma forma, até ao ponto de se chegar a convencer de que esse sentimento de gratidão é amor de casal. Gera-se uma relação de dependência entre um e outro.

Neste último caso verifica-se, quanto mais não seja, um final feliz.

Há menos sofrimento, mas continua a não haver felicidade, porque não há correspondência de sentimentos, pois pelo menos de uma das partes, apenas há gratidão, e que faz com que nenhum dos dois seja feliz, um porque não ama e o outro porque não é amado.

Este último exemplo de relação de protecção assemelha-se, então, à conveniência emocional, não?

Assemelha-se, porque em ambas as situações se procura um parceiro com determinado perfil psicológico, com a pequena diferença de que, na conveniência emocional, não existe

necessidade de ser amado, enquanto neste caso é a necessidade de ser amado que motiva a busca de determinado perfil psicológico no parceiro.

Julgo que também há muitas pessoas que se unem a outras por medo da solidão. A pessoa que procura uma relação por medo da solidão pode-se considerar que o faz por necessidade de ser amada ou que será, em vez disso, por conveniência emocional?

Às vezes é por uma das razões e outras é pela outra. Há pessoas que têm medo da solidão e não é pela necessidade de se sentirem amadas, mas sim por conveniência, porque precisam de alguém que lhes satisfaça os desejos, lhes facilite ou torne mais cômoda a vida, sobretudo quando se avança na idade, porque se teme a velhice e a doença e não se quer ficar desamparado no fim da vida. Mas é verdade que, nalguns casos, o medo da solidão é uma manifestação da necessidade de se ser amado.

Fala-me agora da união baseada na necessidade de amar.

De acordo. Este tipo de relação acontece quando um dos membros ou ambos, já têm uma capacidade de amar bastante desenvolvida e precisam de a manifestar para se sentirem preenchidos e felizes. Costumam também ser pessoas que sentem nostalgia de terem amado intensamente numa relação, não conhecida desta vida, mas que o seu interior intui terem vivido (noutra vida). Quando esta necessidade de amar e de encontrar o ser amado se torna muito premente, pode acontecer, como no caso dos que precisam de ser amados, que essa necessidade de sentir se sobreponha aos seus próprios sentimentos e se escolha o parceiro, não em função do sentimento que desperte em relação a ele, mas apenas pela simples necessidade de amar.

Mas haverá, por acaso, algo de errado em se sentir necessidade de amar? Imagino eu que, se não houver necessidade de amar, não pode haver sentimentos, pois a não existir essa necessidade, não se partirá para a procura de parceiro. Parece

haver uma contradição com a mensagem para desenvolver os sentimentos, não?

Como disse quando falámos das pessoas que precisam de ser amadas, não há nada de errado em se sentir necessidade de amar. Como muito bem dizes, a necessidade de amar está ligada à capacidade de amar. As pessoas que têm uma grande capacidade de amar podem gostar de muitas pessoas, mas isso não significa que se possam enamorar por uma qualquer, pois o sentimento de amor de casal não desperta por qualquer uma. O problema surge quando, pela necessidade de sentir, alguém se obriga a sentir o que não sente, quer dizer, força os sentimentos, e nas relações de amor os sentimentos não se podem forçar, mas antes, devem surgir espontaneamente. Forçar os sentimentos é muito diferente de desenvolver os sentimentos e o que estamos aqui a dizer é que forçar os sentimentos não bate certo, basicamente porque gera sofrimento em vez de felicidade. A pessoa que se vê dominada pela necessidade de amar, também padece de cegueira emocional que a impede de distinguir o amor da necessidade de amar. Quer dizer, autoconverte-se de que está enamorada, quando na realidade se esforça por sentir amor. Além disso, tão-pouco costuma reparar se é ou não correspondida nos seus supostos sentimentos de amor. Simplesmente autoconverte-se de que o é, ou de que, se o não é de momento, sê-lo-á entregando-se totalmente à outra pessoa, quer dizer, a outra pessoa não poderá resistir ao seu caudal de sentimentos e acabará por se enamorar dela.

Mas, eu tinha percebido que amar é dar, sem esperar nada em troca. Parece, então, que o amor de casal é uma exceção, porque pressupõe haver alguma coisa como contrapartida, que o outro corresponda.

Continua a ser verdadeiro que, aquele que ama verdadeiramente, o faz sem esperar nada em troca, pois não pode exigir ser correspondido nos sentimentos pela pessoa que ama ou, no caso de ser correspondido, não pode obrigar o outro a reconhecer os seus sentimentos ou que aceite formar casal com ele, se essa não for a sua vontade. Quer dizer, deve

respeitar a vontade e a liberdade do outro e estar disposto a receber um não como resposta, apesar de ter entregado o seu coração. Porém, sim é certo que no caso de relação de casal, para se chegar a ser feliz, é necessário que o amor seja correspondido, mútuo. Amar sem ser correspondido, não permite a nenhuma das pessoas ser feliz.

Tu descreveste aqui diferentes motivações, distintas dos sentimentos, que podem estar na origem de uma união de casal. Falaste da atracção física, da conveniência material e da conveniência emocional, da afinidade mental, da necessidade de se ser amado e da necessidade de amar. Estas motivações ocorrem de forma independente ou podem andar juntas? Quero dizer, se uma pessoa se pode sentir atraída fisicamente por outra ao mesmo tempo que sente a necessidade de ser amada, por exemplo.

Sim, claro. De facto, quase sempre costuma haver uma mistura de motivações. A atracção física costuma vir combinada com quase todas as restantes, pois o instinto biológico sexual existe em todo o ser humano, ainda que às vezes também possa estar ausente. Na realidade, de acordo com a capacidade de amar do espírito, predomina um tipo de motivações ou outro. Nos espíritos menos avançados, que ainda pouco conhecem ou dão valor ao amor, dão-se mais habitualmente combinações de quaisquer das quatro primeiras: atracção física, conveniências material e emocional, e afinidade mental. Nos espíritos mais avançados dão-se mais habitualmente combinações da atracção física, com a necessidade de ser amado e de amar. E, numa etapa intermédia, podem ocorrer combinações entre a atracção física, conveniência emocional, afinidade mental, e a necessidade de ser amado. Também acontece às vezes, estas motivações não serem simultâneas, mas antes, aparecerem em momentos distintos da relação. Por exemplo, uma relação pode começar pela atracção física e, quando esta desaparece, comecem a despontar outra classe de motivos para a prolongar, como o podem ser as conveniências material ou emocional.

Pois, isso ainda complica mais as coisas. Julgo que não deve ser fácil, no momento de analisar o que se sente, saber distinguir os sentimentos de tudo o resto. Por exemplo, quando existe uma mistura de atracção sexual, necessidade de amar e necessidade de ser amado, entendo que deve ser difícil saber o que é amor e separá-lo do que são as necessidades e os desejos.

No vosso mundo é difícil para a imensa maioria das pessoas, porque ainda vos falta clareza e constância nos sentimentos. É, precisamente para isso que existe o processo de evolução, para aprender através do que se viveu a saber distinguir entre o que é verdadeiro e o que o não é.

Parece-me, também, a mim, que nem todos os amores são iguais. Digo-o porque há pessoas que dizem ter muito carinho pelo seu parceiro, que se dão muito bem, mas que não sentem necessidade de ter relações sexuais com ele. Que se passa nesses casos?

Essa pessoa sente um amor fraternal pelo seu cônjuge, como o que se pode sentir por um irmão ou um amigo, mas não está enamorada dele. Não é um amor de casal. Está a confundir uns sentimentos com outros.

E como se consegue saber se o amor que se sente é ou não amor de casal?

Aquele que tem a sensação de que lhe falta alguma coisa na sua relação para se sentir completamente preenchido, mesmo quando não haja disputas nem conflitos, sabe que ainda não encontrou o amor verdadeiro. Quando não se está unido à alma afim, não há uma ligação completa no casal. A falta de afinidade manifesta-se em todos os planos, no sentimental, no mental e na sexualidade, e isso provoca um vazio interior que nada consegue preencher. Quem experimentou nesta vida o amor de alma afim, sabe distingui-lo muito bem pois, basta a lembrança do ser amado, para vibrar por dentro, e sentir-se preenchido. Aquele que ainda não viveu nesta vida o sentimento que desperta quando se reconhece a sua alma afim, pode ter mais dúvidas. Terá que confiar no que intui

espiritualmente pois, apesar de ainda o não ter vivido nesta vida, os sentimentos entre almas afins jamais são destruídos e perduram no espírito para sempre, deixando uma sensação indelével, mesmo que, ao encarnar de novo, a memória das recordações do passado se percam temporariamente. Essa intuição sentimental é a que lhe permite distinguir entre o amor verdadeiro e o que o não é.

Perdoa que insista, mas como se pode distinguir entre um amor fraternal e um amor de alma gémea? Por acaso não é possível alguém sentir-se realizado amando os irmãos ou os filhos?

Aquele que vê o seu par como um irmão e não como parceiro, bem sabe que não se trata de amor de casal. Quero dizer que, se alguém tem carinho pelo seu parceiro igual ao que tem por um filho ou um irmão, e não sente desejo sexual por ele, ou quando tem relações sexuais com o ele, experimenta um vazio ou não consegue entregar-se nessa relação podendo bem prescindir dela, o amor que sente é do tipo fraternal.

E que sucede se alguém descobre que ama o seu parceiro fraternalmente e não como casal? Deve continuar ou não com essa relação?

Se quer ser feliz deverá ser sincero consigo mesmo e com o seu cônjuge a respeito do que são e não são os seus sentimentos, e agir conseqüentemente. Não faz sentido prolongar uma relação de casal, quando um dos dois sabe que não está enamorado, porque nem é feliz, nem pode fazer o outro feliz. Por exemplo, manter relações sexuais sem o desejar será motivo de sofrimento para um e de insatisfação para o outro. E se, para evitar essa situação desgostante, deixam de as ter, em que se distingue isso de uma relação fraternal? Quer dizer, essa pessoa gosta do seu parceiro como de um irmão e vive a relação como a viveria com um irmão. Não faz sentido manter a relação como casal, pois também não se vive uma relação de casal com um irmão.

Haverá pessoas que dizem gostar do parceiro como de um irmão e serem felizes, porque isso é melhor do que nada. Quer

dizer que se conformam com o que têm. Estão a proceder correctamente ou não?

Falar aqui de certo ou errado, não faz sentido. Será melhor falar de se ser ou não verdadeiramente feliz. Há pessoas que se resignam com esta situação e se autoconvencem de que são felizes assim. Mas é uma auto-ilusão, porque não corresponde à verdade.

Há pessoas a quem custa dar o passo da separação porque têm sentimentos contraditórios porque, ainda que reconhecendo que não estão enamorados pelo seu parceiro, continuam a ter por ele grande afecto, e não querem perder esse vínculo afectivo. Que lhes dirias?

Reconhecer que não sentimos amor de casal pelo cônjuge não quer dizer necessariamente que tenhamos de lhe ter aversão ou que tenhamos de o afastar totalmente da nossa vida. Simplesmente, devemos reconhecer o tipo de sentimento que temos por alguém, e agir de modo a que a nossa vida se ajuste ao tipo de sentimento que temos. Se existir um sentimento de amizade, essa amizade pode continuar sem que isso obrigue a manter a relação de casal. Se não admitirmos essas circunstâncias, chegaremos ao ponto de sentir rejeição por essa pessoa, pelo facto de nos obrigarmos a viver uma relação que não está em consonância com o nosso sentimento em relação a ela.

Muitas pessoas reconhecem que não estão enamoradas. Dizem que se fosse apenas por elas dariam o passo de se separarem. Mas, como não querem prejudicar o outro, preferem continuar na relação. Que me dirias a esse respeito?

Que, o prejuízo, já o estão a provocar ao prolongarem a relação, pois, se não amam, não podem fazer o outro feliz. Prolongando a relação, impedem-no de encontrar um parceiro que lhe corresponda nos sentimentos, além de que o estão a enganar fazendo-o acreditar que o amam como parceiro quando, na realidade, isso não é verdade. O prolongamento da relação nessas circunstâncias é mais prejudicial do que a ruptura, por não existirem laços afectivos. Será uma união

fictícia, de aparência, uma relação forçada que engendrará sofrimento em ambos.

Há pessoas que, se o seu parceiro não estiver de acordo em terminar a relação, julgam dever mantê-la porque consideram que, como é assunto comum, devem estar ambos de acordo quanto à decisão a tomar. Estarão certos?

Não. Basta que um dos membros do casal não deseje manter a relação para a terminar. Não importa se o cônjuge não está de acordo com essa decisão. Ninguém, nem o cônjuge, tem o direito a exigir a sua continuação, pois seria desrespeitar o seu livre arbítrio pessoal. Muitas vezes, este argumento não passa de uma desculpa que reflecte a falta de coragem necessária para abandonar a relação, ficando-se à espera que o outro dê o passo que ele não se atreve a dar.

Mas, não acontece amiúde que, quando uma pessoa explica ao seu parceiro que não está enamorada e que pretende deixar a relação, é o próprio parceiro que não aceita isso e insiste em continuar a relação apesar de tudo?

É verdade, porque se recusam a admitir a realidade. Estão acomodados, habituados a essa relação e têm medo das mudanças que irão ocorrer na sua vida. Preferem o mau que já conhecem, ao bom por conhecer. Nisso influi muito a educação que se tenha recebido que, se for do tipo tradicional, considera que as rupturas de casal, principalmente se houver pelo meio um contrato de casamento, são algo vergonhoso para a reputação de uma pessoa. Também influi o apego ou amor possessivo, esse ego-sentimento que simula amor, que faz com que a pessoa que dele sofre, tenha tendência para considerar o parceiro sua propriedade e ficar muito ofendida por perder essa propriedade. Apesar de não ser feliz, pode achar que tem as suas ambições satisfeitas e não estar disposta a renunciar ao que estava habituada e que entende pertencer-lhe. Lamentavelmente, por causa do apego, há muito pouca gente disposta a admitir uma mudança de situação sentimental. Quer dizer, não toleram passar de parceiro a amigo, e interpretam como rejeição ou desprezo essa alteração de estatuto. Como

não respeitam a vontade do outro, em certos casos tentam forçar a continuidade da relação utilizando como armas a vitimização, a persuasão, a chantagem e, inclusive, a agressão, causando ao seu, agora ex-parceiro, um grande sofrimento emocional e/ou físico que reflecte o pouco amor que sentiam por ele. O ex-parceiro, muitas vezes, vê-se forçado a evitar qualquer tipo de contacto para não ser agredido psíquica ou fisicamente, até ao ponto de não desejar jamais encontrar-se com alguém de quem foi já par.

O que dizes, traz à colação outra situação muito comum, a da pessoa que não se atreve a deixar a relação pelo medo da reacção violenta do seu parceiro. Inclusivamente, há pessoas que chegam a temer pela própria vida, se terminarem uma relação.

Sim. Lamentavelmente, no vosso mundo, há pouco respeito pela liberdade de sentimento, e isso faz com que muitas relações não sejam de amor, mas sim de domínio e submissão, porque convivem como casal, carrasco e vítima. Nestes casos, a vítima da situação de dominação, o que sente pelo seu aparente parceiro é temor e não amor. Esse temor paralisa-a na hora de se decidir a deixar a relação, porque sabe que, quando der esse passo, será implacavelmente perseguida. Além disso, muitas vezes, o abusador manipula psicologicamente a sua vítima fazendo-a crer que ainda a quer, com o que se consegue que, algumas mulheres, ainda se sintam culpadas se abandonarem a relação.

O aumento de número de casos de violência de género, terá a ver com um aumento da agressividade das pessoas no casal, neste caso, dos homens em relação às mulheres?

Não. Antigamente a violência e a agressividade existiam em igual medida ou ainda mais que agora, mas como o marido se sentia mais protegido pela lei e pelas normas sociais para dominar a mulher, esta não se atrevia a remar contra a corrente de submissão. Agora surgem mais casos de violência de género, porque há mais mulheres valentes que se atrevem a libertar-se dos seus abusadores, sobretudo nos países onde existe uma

legislação que as protege e uma maior consciência social de que o abuso e os maus-tratos são intoleráveis. O abusador, face à impossibilidade de continuar a dominar a sua vítima, recorre a acções mais drásticas para a reter, inclusivamente chega ao assassinato.

Compreendo que haja mulheres que, pelo temor de serem assassinadas pelo seu marido ou parceiro, decidam não abandonar a relação. Que deverão fazer perante esta situação?

Se continuam nessa relação, já estão mortas em vida, porque, para o interior, viver assim é pior do que morrer. É melhor lutar por ser livre, para ser feliz, mesmo que se perca a vida na tentativa, do que perder toda uma vida submetida à tirania de um abusador.

Toda a gente tem direito a ser livre e feliz e ninguém tem mais direito do que o próprio de tomar decisões a respeito da sua vida e dos seus sentimentos.

Espiritualmente, o que é que se pode aprender dessa situação de maus-tratos?

Este tipo de provas, ainda que sejam muito dolorosas, ajudam o espírito a adquirir firmeza e a dar relevo à importância de lutar pela sua liberdade de sentimento, e a tomar consciência de que ninguém deve ser despojado do seu direito à liberdade de sentimento, porque é uma das causas que provocam maior sofrimento e infelicidade no ser humano.

Há pessoas que argumentam que, apesar de não estarem enamoradas, não se separam porque o seu parceiro nunca lhes deu motivos para tal, pois têm uma relação cordial, nunca tiveram discussões nem houve maus-tratos. Que lhes dirias?

Às vezes pensa-se que tem de haver um motivo desagradável que justifique a separação do casal, por exemplo, que haja maus-tratos físicos ou psíquicos, ou que algum dos cônjuges tenha algum tipo de vício (drogas, álcool ou jogo) que impossibilite uma convivência normal. As pessoas que partilham desta opinião, ou seja, que se não houver maus-tratos, não encontram justificação para deixar a relação, costumam ser as

que receberam uma educação tradicional religiosa, pois, ao que parece, os maus-tratos são, nesta, o único caso em que se tolera relativamente uma separação dos cônjuges, pois se sentem obrigados a que essa relação dure a vida inteira, independentemente de haver ou não sentimentos de casal entre eles. Todavia, isso não deve ser assim. A única coisa que faz falta para se deixar uma relação, é que não haja um sentimento mútuo de casal.

Julgo que esta afirmação pode surpreender algumas pessoas, que pensam que romper a relação matrimonial contraria alguma lei divina. Não é verdade que a maioria das religiões monoteístas, a Católica incluída, é contrária ao divórcio?

Muitas religiões são contrárias ao divórcio, mas digo-vos já que obrigar uma pessoa a manter uma relação contra a sua vontade, sim contraria uma lei espiritual, que é a Lei do Livre Arbítrio. Sente-se uma grande tristeza ao comprovar quanta gente vazia por falta de amor, mesmo assim, se obriga a manter um casamento sem sentimento, seja por temor, por comodidade, ou porque julgam que, divorciando-se, estão a cometer um pecado aos olhos de Deus por contrariarem uma lei religiosa de indissolubilidade do casamento. A muita gente, fez-se-lhe crer que é Deus quem exige ao ser humano que o seu casamento seja para toda a vida, de modo que a pessoa julga que, através do sofrimento gerado por uma relação sem amor, se está a "ganhar o céu". Porém, isso não é verdade. Não se verifica nenhum avanço espiritual na pessoa que renuncia a viver de acordo com os seus sentimentos, porque não é Deus quem lho impõe, antes se constrange a si mesma, ou são as normas sociais ou religiosas que pratica, que a obrigam. Tem de ficar claro que não é Deus nem a espiritualidade superior quem o exige, mas são as leis humanas impregnadas de egoísmo que com tudo negoceiam, até com os sentimentos.

Então, se não é de Deus, donde vem a ideia da indissolubilidade do matrimónio?

Na vossa mentalidade egoísta e mercantilista em tudo colocais um preço e atribuíis direitos de propriedade sobre tudo o que

existe, conferindo-lhes mesmo mais valor do que à vossa própria vida, já que não vos importa matar ou morrer por eles. Assumis que tudo é susceptível de ser comprado e vendido e, se isso não ficasse de fora, por escapar ao vosso controlo, até do ar que se respira e dos raios de sol vos apoderaríeis para os vender a preço de ouro aos que têm menos poder ou ambição para reivindicar "isto é meu". Da mesma maneira, julgais que as pessoas, a sua vontade e os seus sentimentos, podem ser comprados. Julgais que com o contrato que assinais, a que chamais casamento, estais a realizar uma transacção comercial qualquer, em que uns pensam que estão a comprar a vontade e os sentimentos de uma pessoa, e os outros se convencem de que ficam obrigados, pelo contrato, a ceder a sua vontade ao cônjuge, a sua capacidade de decisão, a sua liberdade e os seus sentimentos. Para cúmulo da fantasia, fez-se acreditar que o notário desse contrato é Deus, e convencestes-vos de que esse contrato tem de ser cumprido a toda a força, passando por cima da felicidade, quer da própria, quer da dos outros, pois de contrário sereis despojados de todos os "bens" na outra vida, tal como aquele a quem confiscam as suas propriedades quando não pode pagar um empréstimo bancário. Pois sabeis que tudo isso é uma grande mentira inventada pelo egoísmo humano. Que Deus vos deu a liberdade completa a respeito da vossa pessoa, dos vossos sentimentos e dos vossos pensamentos, e que, em parte alguma, transgredis qualquer lei divina quando lutais pela vossa liberdade de sentir e pensar. Ninguém vos pode despojar do direito a ser livres, de decidir a respeito da vossa própria vida e dos vossos sentimentos, de nenhuma forma e sob nenhuma circunstância e, ainda menos, em nome de Deus.

Alguém poderá considerar tudo isto como uma incitação à ruptura do casamento.

Mesmo que não o queirais admitir, uma união de casal que não esteja baseada em sentimentos recíprocos, na realidade não existe. Ainda que se possam cumprir os contratos assinados durante toda uma vida, e se queira transmitir, perante os outros, uma imagem de união, será apenas uma união aparente, uma fachada, pois cada um no seu íntimo conhece bem a realidade

e, mesmo que o tente disfarçar em público, será infeliz pois viverá na amargura, no vazio e na tristeza de se sentir encurralado na sua própria vida. Se, além disso, se impõe o objectivo de o dissimular para que não transpareça nada, viverá esse sofrimento em solidão, tornando a situação ainda mais dolorosa.

Parece-me que achas muito importante enfatizar que as pessoas têm direito a se separar ou divorciar, se assim o desejarem, sem que isso implique uma ofensa a Deus.

Porque é uma das causas principais de profunda infelicidade em muitos seres humanos, e isso tem de começar a mudar, para que cada pessoa saiba que tem direito a ser feliz e que não há nenhuma lei divina que o impeça. Muito pelo contrário, o mundo espiritual pretende a felicidade de todos os seres existentes e tenta fazer todo o possível para ajudar a descobrir o caminho da felicidade. Quer ajudá-lo a eliminar os obstáculos que se encontrem nesse caminho, e as leis do vosso mundo são como um pedregulho gigantesco que bloqueia o caminho da felicidade. Além disso, impusestes a crença de que esse pedregulho foi atirado por Deus, e isso não pode ser tolerado por muito mais tempo.

Queres então dizer, que as pessoas não se deveriam casar para regularizar as relações de casal?

Do ponto de vista espiritual, apenas o amor mútuo entre duas pessoas é o que define uma união de casal verdadeira, sem que tenha qualquer relevância haver ou não um contrato de casamento celebrado. No vosso mundo material, muitas vezes é preciso efectuar contratos para proteger o cônjuge dos descendentes da família, por exemplo, para que no caso de um dos cônjuges morrer, a outra pessoa possa ter direito a uma pensão ou para que outros familiares não se possam apoderar da moradia do cônjuge do falecido, e isso compreende-se. Mas, ficai a saber que isso apenas tem validade material e não se lhe deve atribuir mais valor do que o que tem. Quer dizer, não se deve utilizar o vínculo do casamento como argumento para limitar a liberdade de uma pessoa, nem, em última instância,

para a reter ou chantagear, caso decida deixar a relação, pois isso é considerado, do ponto de vista espiritual, um acto contra a lei do livre arbítrio.

Regressemos ao tema dos motivos que fazem com que um casal continue a sua relação, apesar de não estarem enamorados. Há pessoas que receiam o desamparo material se deixarem o parceiro, e permanecem com ele porque isso lhes garante casa e sustento. Que haveria a dizer sobre estes casos?

São um reflexo de que na realidade é uma união onde predomina a conveniência material. Se de início não foi a razão principal da união, é-o agora para o seu prolongamento. Essas pessoas terão de decidir a que atribuem mais valor, se à sua liberdade de sentimento ou à segurança e comodidade. Se preferem continuar a relação por esses motivos, certamente não lhes faltará nada materialmente, mas faltar-lhes-á tudo emocionalmente, pois vivem sem amar. Se são pessoas materialistas que valorizam pouco os sentimentos, escolherão continuar a relação. Se são pessoas que, acima de tudo, desejam ser felizes, vencerão os seus temores e, ainda que tenham que começar do zero materialmente falando, fá-lo-ão com gosto, porque terão recuperado a sua liberdade de sentimento.

Outro dos argumentos de muita gente que tem filhos, fruto dessa relação de casal, é que não se separam para proteger os filhos. Dizem que preferem aguentar, pelo menos, até que os filhos atinjam a maioridade. Consideram que estão a agir correctamente, por amor aos filhos, pois antepõem a felicidade dos filhos à sua própria. Consideram que uma ruptura do casal ou do casamento pode causar um forte trauma emocional aos filhos e preferem evitá-lo. Estarão a agir correctamente?

Não, não está correcto. Chegam a uma conclusão errada porque, quando alguém se divorcia, não se divorcia dos filhos, mas sim do seu parceiro. Se ambos os pais gostam dos filhos, vão continuar a gostar deles, mesmo que não vivam juntos. Este argumento do "aguentar pelos filhos" é muito frequente entre as pessoas que receberam uma educação religiosa tradicional,

pois nesta coloca-se a unidade familiar acima da felicidade pessoal.

Com mais frequência, acontece o inverso, que o prolongamento dessa relação provoque sofrimento aos filhos, pois quando duas pessoas não se gostam e se obrigam a viver juntas, geram um ambiente emocionalmente negativo para os filhos, já que a infelicidade, em que vivem, se propaga à sua volta. Muitas vezes, os filhos presenciam as desavenças e discussões entre os pais, percebem o seu mal-estar e o seu sofrimento e isso provoca-lhes sofrimento emocional. Há filhos que crescem com o sentimento de que são eles os culpados da infelicidade dos seus pais, porque alguns pais lhes dizem que se não fosse por eles já se tinham divorciado. Ou seja, culpabilizam os filhos da sua própria cobardia.

Porém, para a criança, a ruptura da relação dos pais é uma alteração radical na sua vida. Não é verdade que muitas crianças vivem a separação dos pais de maneira traumática?

Quando a criança é pequena, a ruptura, em si mesma, não provoca nenhuma espécie de trauma emocional, pois as crianças ainda não têm os conhecimentos suficientes para que os condicionamentos da educação se abatam sobre ela.

As alterações que se vierem a produzir na sua vida terão a participação de ambos os pais, que lhe continuam a manifestar o amor que sentem por ela, ainda que seja em separado, e vive-as como um jogo.

O que mais faz sofrer as crianças pequenas é serem utilizados como armas de arremesso nas disputas conjugais por causa da separação, e o facto de assistirem a disputas, discussões e chantagens entre os cônjuges. Portanto, se isso for evitado pelos pais, conseguirão evitar o trauma aos filhos motivado pela separação.

E que é que acontece com os filhos mais crescidos? Muitos deles já têm conhecimento do que se passa e aceitam mal essas alterações na sua vida.

Muitas vezes, a separação consoma-se depois de anos a aguentar. Consciente ou inconscientemente, a mensagem que foi transmitida aos filhos durante esse tempo era que, acima da felicidade pessoal, está a união da família. Portanto, os filhos tendem a interpretar o que se está a passar desde esse ponto de vista. Por isso, percebem a ruptura como algo negativo, porque o encaram como o contrário daquilo que até então tinham acreditado que seria o correcto e que estava bem. Para eles poderem aceitar o que estão a viver, seria necessário reprogramá-los da educação que lhes foi inculcada e fazê-los compreender, agora, que a liberdade de sentimento e a felicidade pessoais estão acima de tudo, e que ninguém deve renunciar a elas sob nenhum pretexto.

Julgo que é muito difícil para que uma criança, quase adolescente, aceite tudo isso da noite para o dia, quando acaba de viver toda uma infância educada por outras normas, além do mais, inculcadas pelos seus próprios pais. Certamente pensará que o pai ou a mãe enlouqueceram.

Isso depende da evolução que essa criança já apresentar. Há filhos mais compreensivos que outros. Às vezes, são os próprios filhos que aconselham e ajudam os pais a dar esse passo, porque estão mesmo mais conscientes da realidade do que os próprios pais. Quem estiver mais avançado na evolução, será quem mais compreensão mostrará e melhor aceitará, porque acima da educação recebida, está o seu nível evolutivo, permitindo-lhe compreender a situação. Contudo, ainda que lhe custe aceitar isso de momento, irá apreciá-lo no futuro quando for mais velho e se vier a encontrar em situação semelhante. Quero dizer que, se chegar a ter uma relação de casal e se der conta de que não está enamorado, e tiver de decidir continuar ou terminar a relação, verá claramente que, por nada do mundo, se deve forçar a continuá-la. Terá como exemplo os seus próprios pais, comprovando que não há nada de mau em ser-se livre. Mostrará mais segurança e coragem e sentir-se-á menos culpado na hora de terminar uma relação em que não seja feliz. Todavia, se teve o exemplo oposto, quer dizer, se os pais se obrigaram a continuar o convívio contra os seus sentimentos, ele

mesmo pode tomá-lo como mau exemplo e repetir a mesma vida infeliz que os seus pais tiveram.

Fazendo o resumo de tudo o que foi dito até agora, fico com a sensação de que foi passada a mensagem de que o amor conjugal é uma forma de amor mais importante do que o fraternal ou o paternal, e que não encerra, em si, egoísmo, fazer a distinção entre amor de casal e amor fraternal ou paternal. Nesta distinção não existe contradição com o conceito de amor incondicional?

Em que te baseias para dizer isso?

Suponho que no exemplo que Jesus deu. Ele não fez quaisquer referências especiais ao amor de casal, ou fez?

Isso, tu não o podes saber, porque te baseias na informação dos evangelhos canónicos, que reflectem muito pouco do que ele realmente disse. Porém, digo-te eu, que ele também falou do amor de casal, principalmente aos mais chegados que tinham mais capacidade para entender. Transmitiu-lhes o ensinamento de que apenas o amor mútuo e completamente afim é o vínculo que deve unir os casais, e que a decisão de união e separação de um casal deve ser tomada por cada um deles em total liberdade. Isto, o que acaba de ser dito, não parece nada do outro mundo, pois afigura-se como razoável a qualquer mentalidade medianamente sensata. Porém, naquele tempo, a mentalidade do ser humano era mais pobre em entendimento e, praticamente, nula em relação à liberdade de sentimentos. A poligamia era frequente e a maioria das uniões eram sem amor, casamentos combinados em que se obrigava um dos cônjuges ou ambos a contrair casamento sem levar em consideração a sua vontade.

Julgo que, hoje em dia, muita gente está consciente de que os casamentos combinados são um abuso e manifesta-se contra essa prática.

Pode parecer óbvio nas sociedades do Ocidente que, com uma legislação mais avançada, acolhe e protege alguns dos direitos e liberdades individuais. Porém, hoje em dia, esta prática é

ainda comum em muitos países, onde as leis, muitas vezes instauradas e aplicadas por líderes de regimes de carácter “religioso”, permitem que, “em nome de Deus”, até meninas de tenra idade, sejam casadas com adultos, dando cobertura legal a abusos sexuais, à exploração moral e física de meninas e mulheres. Incute-se-lhes a ideia de que, se não se submeterem a estas práticas abusivas, são pessoas sujas, impuras e que desobedecem aos desígnios de Deus. E quando, apesar de tudo, se tentam libertar da sua condição desumana, são tratadas como se fossem criminosas, chegando a ser torturadas e assassinadas cruelmente.

O casamento combinado deve ser considerado como uma forma de prostituição institucionalizada, visto que se está a obrigar uma pessoa a conviver e a manter relações sexuais com alguém que ela não escolheu, sob uma aparência de “honestidade”, e isso é uma violação muito grave do seu livre arbítrio, particularmente da sua liberdade de sentimento.

Bem, na actualidade, julgo que, a maioria das pessoas sabe que é livre, pelo menos nos países ocidentais, e que o conjunto da legislação protege a sua liberdade individual, punindo os que impedem o seu exercício e contemplando o direito ao divórcio, não é verdade?

É verdade. E isso representa um enorme avanço espiritual conseguido à custa de enormes sacrifícios e lutas que, infelizmente, apenas contaram com oposição por parte das autoridades religiosas que, novamente, em vez de contribuírem para o progresso espiritual da humanidade, fizeram todos os possíveis para o impedir e dificultar. E, ainda mais lamentável, é que o fizeram, utilizando o nome de Deus. Com a particularidade de, como os costumes e normas religiosas estão muito arraigados nas sociedades, às vezes, ainda que não tendo poder para proibir, têm-no para influenciar psicologicamente.

De notar que, apesar de no vosso tempo e na vossa sociedade, se celebrarem poucos casamentos combinados, continua a haver muitas uniões sem amor. E acontece que quando uma pessoa se apercebe disso e pretende desfazer essa união,

encontra muitas dificuldades à conta dessas normas religiosas, como anteriormente mencionámos.

Voltemos ao tema em que estávamos, sobre se o amor de casal é egoísta e se não estará em contradição com o atingir-se o amor incondicional. Se não é um ensinamento de Jesus, pelo menos a Igreja interpretou-o dessa forma. Julgo que se baseiam numa passagem do Evangelho (Lucas 14:26) em que supostamente Jesus disse: "Se alguém vem a mim e ama seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo". Julgo que a interpretação que a Igreja faz deste texto é que, para amar incondicionalmente o próximo, não pode haver concorrência entre o parceiro, a família e o resto, porque isso implica ficar preso pelo amor ao parceiro e aos filhos, e impede uma dedicação ao próximo mais profunda. Julgo que a Igreja Católica exige aos sacerdotes o voto de castidade e o celibato por esse motivo. Estarei enganado?

Esse texto que mencionas é uma tradução infeliz do que Jesus disse realmente. Mudai o conceito amar por desapegar-se, e entenderéis o que ele queria dizer. Quer dizer que para atingir o amor incondicional (seguí-lo) é necessário vencer o apego, o amor possessivo, muito comum dentro das famílias porque, amiúde, esta forma egoísta de querer, restringe a liberdade do ser humano, limita-o muito na hora de se entregar a uma missão de amor incondicional ao próximo. Portanto, a interpretação que se faz do que Jesus disse é totalmente contrária à realidade. Digo-vos que, quem não experimentou o amor de casal, não pode experimentar o amor incondicional ao próximo. Os sentimentos de amor de casal, quando se luta por eles, são o mais forte que existe. Esses sentimentos são os que ajudam a seguir adiante na vida. Para desempenhar uma missão de entrega aos outros como a que Jesus desempenhou, precisava de força interior. Essa força interior tinha-a porque estava seguro do que amava, quem amava e porque amava. Digo-vos que todos os verdadeiros enviados do mundo espiritual sentiram e viveram o amor da alma afim, e que desse amor se alimentaram para desempenhar a tarefa que realizaram. Negando-se esses

sentimentos, o que acontece é que essa alma se sente totalmente vazia e desprovida de coragem e força, face às adversidades que uma missão desse tipo implica, e vai-se abaixo.

Eu pensava que esses seres se alimentavam do amor a Deus e que isso lhes bastava.

A sua fé em Deus dá-lhes forças, porém o ser na etapa humana de evolução necessita do amor de um ser igual a si mesmo, e esse ser é a alma afim. Porquê rejeitar algo que traz felicidade e enche o ser humano em todos os aspectos? Onde está o problema? Digo-vos que renunciar ao amor de casal, longe de permitir evoluir, detém o espírito no seu processo de evolução. Os prejuízos que se têm por causa disso, quero dizer, ao pensar que renunciando ao amor de casal alguém se torna mais evoluído e com maior capacidade para amar o próximo, é uma invenção da Igreja para subjugar a vontade do ser humano e é contrária às Leis Espirituais, porque limita a liberdade de sentimento e impede o ser humano de alcançar a felicidade.

Porém, não é verdade que, às vezes, o parceiro pode ser um obstáculo numa tarefa de ajuda ao próximo intensa?

Não é o facto de ter parceiro, em si mesmo, o que dificulta essa tarefa, mas sim quando, por causa do apego, um dos membros do casal se julga no direito de limitar a liberdade do outro, e o prende porque o julga propriedade sua, e vê os outros como concorrentes que lhe roubam a sua atenção. Isso acontece com frequência quando alguém se uniu a um parceiro que não lhe é afim. Da falta de afinidade surge a incompreensão e a divergência de motivações na vida.

Também pode acontecer no seio de um casal composto por almas afins, interpondo-se ego-sentimentos, principalmente o apego, mas também outros, como o medo. Geralmente, trata-se do receio de que o ser amado venha a sofrer, ou mesmo o medo de o perder, caso se entregue a uma missão que o coloque em perigo. Quando o parceiro é afim e foram vencidos os medos e outras manifestações do egoísmo não, isso não pressupõe nenhum obstáculo. Precisamente o contrário. Se

coincidiu encarnarem juntos, ambos se empenham na missão com a mesma intensidade. Isso faz com que a missão seja muito mais intensa, pois o amor mútuo fortalece-os, reconforta e adoça todas as amarguras do caminho que escolheram viver.

Todavia, segundo parece, Jesus não teve na vida nenhuma parceira e isso não o impediu de amar o próximo e de levar a cabo a sua missão, pois não?

Já falámos disso anteriormente. Jesus é como todos. Também tem a sua alma afim, mas não encarnou simultaneamente com ele, o que não quer dizer que não mantivesse contacto com ela. Para os seres do nível evolutivo de Jesus, o facto de o ser amado não ter encarnado simultaneamente com ele não representa nenhum obstáculo insolúvel pois, devido à sua capacidade e sensibilidade, têm relativa facilidade em se desligarem do plano material e poderem assim contactar com os seus entes afins no plano espiritual.

Então não é egoísmo gostar mais de umas pessoas do que de outras?

Chamas egoísmo àquilo que são, simplesmente, diferenças de afinidade. É sempre mais fácil gostar de alguém que é afim do que de alguém que o não é. Apenas quando o espírito é muito avançado, é capaz de gostar com a mesma intensidade de seres com os quais tem diferenças de afinidade. Eu direi que para experimentar o amor ao próximo de forma incondicional, primeiro é preciso ter vivido o amor de alma afim, pois esse amor é a força que dá alimento para amar os outros. Portanto, quem quiser amar incondicionalmente o próximo, mas reprime ou anula o amor de casal, nunca poderá dedicar um amor ao próximo verdadeiro, pois, porque lhe falta a fonte de que se alimenta o seu interior, esgotar-se-á rapidamente ao dar-se aos outros, mal comecem a manifestar-se as primeiras mostras de ingratidão. Para se chegar ao décimo grau, tem de se começar pelo primeiro, e passar pelos graus intermédios. Porém, parece que vós julgais ter já chegado ao 10, sem ver muito bem qual é o 1, quero dizer que, se ainda negais amor aos que vos são afins,

como sucede com o amor à alma gémea, como quereis amar os que o não são?

Contudo, não é tão fácil, assim, acertar e dar logo com o verdadeiro amor, à primeira.

Com maior razão, porque não é fácil acertar, deveríeis permitir-vos poder fazer marcha-atrás, logo que tomeis consciência de que não estais enamorados. O que é realmente triste, não é que se façam uniões sem amor, mas sim que vos esforceis tanto em prolongá-las à força, colocando correntes terrenas que vos impedem de vos livrares delas, mal tomeis consciência de não haver amor.

Julgo que os jovens têm mais clara noção de que são livres para decidir com quem querem ou não querem estar, e não têm tantas dúvidas em deixar uma relação se não desejarem continuá-la.

Sim, é verdade. A juventude tem mais liberdade agora, principalmente nos países ocidentais, porque não viveu uma educação tão repressiva. Sobretudo gozam de maior liberdade na sexualidade e sabem que o facto de manter relações sexuais com uma pessoa não obriga a ficar com ela para toda a vida. E isso é algo de bom. O problema da juventude, não é tanto acabar as relações quando o desejam, mas sim saber como encontrar o verdadeiro amor, porque a maioria das vezes unem-se por motivos diferentes do amor. Apesar de terem mais liberdade na vida, não a estão a aproveitar para desenvolver os sentimentos.

E por que motivos se unem?

Particularmente na adolescência, o que predomina são as uniões por atracção física ou por similitude de interesses mentais. Valoriza-se acima de tudo o encanto físico e também o ser-se importante. Por isso, as pessoas fisicamente atraentes, do ponto de vista sexual, fama ou dinheiro, são muito procuradas como parceiros. Os jovens, fisicamente dotados, sentem-se satisfeitos com o seu físico encantador, que lhes garante pretendentes, e costumam escolher também de acordo com a atracção física.

As relações de casal costumam ser efémeras porque, uma vez satisfeito o instinto sexual, perde-se o interesse e parte-se em procura de outra relação que traga novidade. Porém, a sexualidade praticada sem amor, passa factura, porque gera um vazio interior nas pessoas mais sensíveis e é a causa pela qual muitos jovens se afundam em depressões profundas, pois tentam preencher com sexo o que apenas com sentimentos se pode satisfazer. Por outro lado, os menos atraentes, tendo os mesmos desejos, sentem-se frustrados nas suas intenções, pelas dificuldades em conseguir o que desejam, porque é valorizado o encanto físico que não se possui. Vive complexado pelo seu aspecto físico, sente-se menosprezado e com poucas hipóteses de encontrar parceiro. Os complexos e as repressões em consequência do aspecto físico trazem como resultado depressões e transtornos graves, como a anorexia e a bulimia, motivados pelo desejo de se ser mais elegante, aumentando os atractivos para aumentar o agrado.

Porquê se passa isto com os jovens, se vivem numa época de maior liberdade?

Agora há maior liberdade sexual, mas ainda não se verifica liberdade de sentimento, pois falta vencer a repressão sentimental.

A vossa forma de educar os filhos ainda é demasiado materialista e pouco espiritual. Os filhos não têm educação suficiente nos sentimentos. Não lhes é ensinado a procurar a felicidade na vida, através do desenvolvimento dos sentimentos, não lhes é ensinado a valorizar o amor nem a ter uma perspectiva da vida do tipo espiritual. Por um lado, desenvolve-se-lhe muito a mente, a inteligência e ministram-se-lhe os conhecimentos que lhes vão permitir ter uma profissão na vida. Isso é a parte da formação académica nas escolas. Fora da escola, o que se vive nas famílias, o que se transmite através dos meios de comunicação e nas relações sociais, é que a felicidade se consegue pela satisfação da vaidade. Quer dizer, ensina-se-lhes a valorizar as qualidades externas que levam a que alguns se destaquem sobre os outros, como os atractivos físicos, a inteligência, o sucesso, a fama, o poder e o dinheiro.

Muitos jovens refugiam-se na satisfação de caprichos e do prazer, nas diversões, no sexo sem sentimentos, nas drogas, como forma de evasão perante o vazio e descontentamento que sentem na vida. Tentam preencher com o prazer e a diversão onde competia ser preenchido com sentimentos e, face à ausência de sentimentos, o interior entra em depressão. Uma grande parte da juventude sofre porque é escrava do desejo de satisfação da sua vaidade, e porque a sua sensibilidade em relação aos sentimentos se encontra reprimida ou anulada. Falta-lhes encontrar um sentido para a vida. Os jovens desta época precisam de compreender que a vida, sim, tem um sentido para além de se divertirem com a satisfação dos caprichos e do prazer. Que, para se sentirem verdadeiramente preenchidos, precisam de desenvolver e viver os sentimentos em completa liberdade, mas também, igualmente, a espiritualidade. Só assim conseguirão ser felizes.

Algumas pessoas têm a ideia de que a razão pela qual a juventude se inclinou para o consumismo, para a banalidade e promiscuidade sexual, foi porque perderam os valores morais do passado, que houve um retrocesso no campo espiritual. Estarão certas?

Não. Como já dissemos, refugiam-se no materialismo para fugir do vazio interior. As coisas nunca estiveram melhores no passado. Se a juventude no passado não reflectia as mesmas atitudes, não era porque os seus valores fossem melhores do que os actuais, mas sim porque se encontravam mais reprimidas e passavam por maiores necessidades económicas. O puritanismo religioso asfixiava o livre desenvolvimento da sexualidade e condenava-a à clandestinidade. Os jovens não eram livres, nem nos sentimentos, nem na sexualidade e viviam reprimidos e atemorizados, pois aos olhos desse puritanismo religioso tudo era pecado. Antes, reprimia-se a sexualidade quase completamente, apenas era consentida no seio do casamento. E, como em muitos casamentos não havia amor, eram mais impostos, as experiências sexuais para muitas pessoas eram desagradáveis e traumáticas. Muitas pessoas tinham uma vida dupla, a que se mostrava para o exterior para manter as

aparências sociais, e a oculta, onde muitos encontravam uma válvula de escape de uma vida cheia de tabus e repressões. Esta forma de agir, a da dupla moralidade, ainda perdura na actualidade, sobretudo em pessoas mais velhas que viveram uma educação repressiva, habituada a ter duas faces pelo receio do que se possa dizer.

A INFIDELIDADE NA RELAÇÃO DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR

Que opinião tens sobre a fidelidade e a infidelidade no seio do casal?

Que se pode ser fiel a um dever ou se pode ser fiel a um sentimento. Espiritualmente, apenas tem valor a fidelidade aos sentimentos.

Que queres dizer exactamente com essas palavras?

Quero dizer que, quando numa relação de casal não há sentimentos e afinidade mútuos, a fidelidade respeita-se por obrigação, como um dever a cumprir, forçado, não sentido. Quando há sentimentos verdadeiros, a fidelidade surge espontaneamente, sem necessidade de qualquer esforço para a manter. Atribui-se muito valor ao contrato celebrado perante o sacerdote ou o conservador do registo civil, a que chamais casamento, e pouco ao facto de haver amor entre os cônjuges. Por isso, condenais toda a relação sexual extraconjugal, mesmo quando não há amor entre os cônjuges, apesar de na relação extraconjugal poder ocorrer verdadeiro amor. Falais de uma infidelidade no casamento quando deveríeis saber que a única infidelidade que existe espiritualmente é a infidelidade aos sentimentos. Há pessoas que viveram toda uma vida de casamento sem amor, inclusivamente estando enamoradas de outra pessoa, e que renunciaram a esse sentimento convencendo-se ou sendo convencidas de que isso é que estava certo, era o devido e o que estava em harmonia com a lei divina. São pessoas profundamente infelizes, que os outros consideram santas, pródigas de virtude e de moral irrepreensível, porque se sacrificaram a cumprir uma promessa que o

sacerdote pronunciou solenemente no dia do seu casamento: "o que Deus uniu, que o não separe o homem". Contudo, do ponto de vista espiritual, as coisas são apreciadas de forma diferente, porque apenas a fidelidade aos sentimentos apresenta valor espiritualmente. Essas pessoas, de imagem incensurável aos olhos das regras e costumes da sua comunidade, são pessoas que estão a ser infiéis para com os seus sentimentos e que por isso estagnaram na sua evolução espiritual. Quando regressarem ao mundo espiritual dar-se-ão conta de que fizeram um sacrifício inútil e que terão de voltar numa próxima encarnação para realizar aquilo o que nesta não se atreveram a fazer, lutar pelos sentimentos. Por outro lado, aqueles que foram os carrascos em relação aos sentimentos de outras pessoas, aquelas pessoas que não só não lutam pelos seus sentimentos, mas ainda se comprazem perseguindo os que procuram ser felizes amando em liberdade, e ficam contentes quando conseguem que alguém seja infeliz atado pelos laços de um casamento forçado, arriscam-se a ser eles mesmos vítimas de atitudes repressivas em relação aos seus sentimentos por parte de outros seres semelhantes a si próprios em egoísmo.

Por outro lado, aquela pessoa que, por lutar pelos seus sentimentos para estar ao lado da pessoa que ama, sofre incompreensões, humilhações, chantagens e maus tratos físicos e/ou psíquicos, e que é considerada pela sociedade, pela comunidade ou pela família uma pessoa adúltera, infiel ou imoral, é a que verdadeiramente está a avançar nos sentimentos. É a que verdadeiramente está em harmonia com a lei espiritual do amor e é a que usufruirá no mundo espiritual da felicidade verdadeira tão trabalhosamente conquistada no mundo físico, pois aí não deparará com nenhum obstáculo à manifestação livre dos sentimentos.

Continuo sem compreender. Acho que com um exemplo se tornaria mais claro.

Está bem. Imagina que uma mulher está casada com um homem que não ama, antes ama outro com quem gostaria de formar casal e que lhe corresponde nos sentimentos. Ambos os

homens, chamemos-lhes marido e amante, querem ter relações sexuais com esta mulher. De acordo com a concepção de fidelidade do vosso mundo, se mantiver relações com o amante, está a proceder mal, pois está a ser infiel ao marido. Mas, eu acrescento que se decidir fazer ao contrário, ou seja, manter relações com o marido e não com o amante, estará a ser infiel para com os seus sentimentos, já que ama o amante e não o marido.

Não compreendo nada. Então é correcto ter relações extraconjugais?

Compreendes mais do que julgas. Mas, vou esclarecê-lo para que não te reste dúvida nenhuma. Espiritualmente, os contratos terrenos não têm mais validade do que a que se lhe queira atribuir. Quer dizer, ninguém está obrigado a gostar de ninguém nem a guardar-lhe fidelidade em cumprimento de um contrato matrimonial ou por qualquer outra razão. O que, sim, está errado, é enganar outra pessoa fazendo-a acreditar que subsistem uns sentimentos que na realidade não existem. O que é justo é ser sincero com o que se sente, e agir conseqüentemente. No exemplo anterior, uma vez que a mulher reconhece não amar o marido, o mais adequado é que lho exponha e, em consequência disso, termine a relação sem amor para poder viver a relação de sentimental com a pessoa amada sem necessidade de o fazer às escondidas.

Há pessoas que sabem que não estão enamoradas daquele com quem celebraram o contrato de casamento, ou compromisso de casal, mantendo o vínculo por conveniência, por necessidade, por sentimento de culpa ou por medo da reacção dos outros. Já falámos o suficiente disso. Por outro lado, há pessoas que sabem quem amam, porém, por temor ou comodidade, não lutam para se unir ao ser amado, preferem antes reprimir ou anular os seus sentimentos para não sofrer, e conformam-se com relações terrenamente cómodas, mas que os não preenchem, pois lhes falta o essencial, o amor afim, mútuo e correspondido. Vivem uma vida de aparências voltada para o exterior, e, interiormente, de vazio e sofrimento reprimido. Sede honestos para com os vossos sentimentos e fazei com que

a vossa vida seja um reflexo dos vossos sentimentos. Assim, evitareis sofrimentos desnecessários. Tende a valentia de lutar pelos sentimentos, porque é a única coisa pela qual vale a pena lutar.

Mas, não poderá acontecer que, mesmo que se queira lutar pelos sentimentos, se veja impossibilitado pelas circunstâncias de alcançar os seus objectivos? Continuando com o exemplo anterior, que pode acontecer se o marido não aceita deixar a relação e obriga a mulher a permanecer nela? De facto, há mulheres que são assassinadas pelo ex-marido ou ex-companheiro por eles não admitirem a ruptura da relação. O que acontece quando as leis de um país recusam o divórcio e, inclusive, condenam à morte a mulher que deixar o marido? Que opções restam a essa mulher?

É verdade que é possível deparar-se com enormes dificuldades porque, lamentavelmente, no vosso mundo há muito pouco respeito pela liberdade de sentimento, sobretudo para os mais indefesos. Não obstante, esse respeito têm aumentado em relação a épocas passadas e é já reconhecido como um direito pelas leis de muitos países. Nos países ocidentais, a legislação contempla o divórcio como um direito, e há leis de protecção contra a violência de género, ainda que, é verdade, noutras a situação é intolerável, e ainda reste imenso por melhorar. Contudo, mesmo tendo o mundo inteiro contra, garanto-vos que valerá a pena, porque não há motivo mais válido para lutar do que pelos sentimentos, pois são a base da evolução espiritual e da felicidade. Aquele que opta por escolher lutar pelos sentimentos terá a maior das recompensas, que é a felicidade que se sente quando se reúne com o ser afim amado, para poder sentir e viver os sentimentos em plenitude. Ainda que possa perder a vida física na tentativa, por causa das peias do egoísmo humano, e, por isso, não o alcance no plano material, que tenha por garantido que o que semeou na vida física o colherá como recompensa no plano espiritual.

Pelo contrário, aquele que não luta pelos seus sentimentos, que os reprime e sufoca, e ao mesmo tempo se impõe e se esforça

por manter uma relação sem sentimentos, está já a sofrer as consequências da sua falta de coragem e terá, em vidas posteriores, de voltar a tentar superar o que nesta deixou por resolver.

OS EGO-SENTIMENTOS NAS RELAÇÕES DE CASAL

Pode acontecer que uma pessoa se tenha encontrado com a sua alma gémea, e, mesmo assim, não a aprecie e deseje ter relações sexuais com outras pessoas, sendo-lhe, inclusivamente, infiel?

Sim. Quando não há constância nos sentimentos, quando não se luta pela sua conservação e desenvolvimento e se permite que os ego-sentimentos intervenham, costuma acontecer. Nos espíritos pouco sensíveis aos sentimentos, o instinto sexual biológico predomina sobre os sentimentos escassamente desenvolvidos e isso faz com que se procure mais a satisfação do corpo do que a felicidade do espírito. O desejo sexual nesta etapa desperta, fundamentalmente, pela atracção física e pela novidade. Quando o corpo fica saciado, perde-se o interesse por essa relação e procuram-se novas relações. Nessa altura, não há especial preferência por ninguém em particular. À medida que o espírito avança no desenvolvimento dos sentimentos, aborrece-se com uma relação puramente sexual, pois que, uma vez satisfeito o desejo, sente um vazio interior e pretende algo mais de uma relação, isto é, amar e ser amado. É aqui que entra em jogo a afinidade sentimental, pois se esta não existir, não se chega a alcançar a plenitude interior. Começa, então a luta pelos sentimentos, para encontrar felicidade na relação casal. Neste caminho, o espírito viverá inúmeras experiências de relações pessoais, onde experimentará de tudo, instintos, sentimentos e ego-sentimentos, e, em função do grau de felicidade e infelicidade que for experimentando, irá, pouco a pouco, aperfeiçoando a sua sensibilidade e a sua capacidade de amar. Ir-se-á desfazendo dos ego-sentimentos e desenvolvendo os sentimentos de amor. Irá reconhecendo cada vez com mais clareza os seus próprios sentimentos e também

estará mais seguro na hora de viver de acordo com o que sente. Também irá, pouco a pouco mostrando mais respeito pela liberdade de sentimento dos outros.

Quais são os ego-sentimentos mais importantes que interferem nos sentimentos de casal?

São diversos. O principal é o apego e dele derivam outros como a absorvência e a vitimização, os ciúmes, o ressentimento e o despeito, a obsessão sentimental, a culpabilidade no amor, o medo do amor e a confusão sentimental.

Podes explicar-me em que consiste cada um desses ego-sentimentos?

Sim, certamente. Comecemos pelo apego. Apesar de já termos falado nele anteriormente, fá-lo-emos agora mais aprofundadamente. O apego é o que vulgarmente é conhecido como "amor possessivo". A pessoa que sofre de apego assume que, quando se cria um vínculo de casal, este obriga os cônjuges a ceder parte da sua vontade e liberdade a favor do outro e, ao mesmo tempo, que se adquirem direitos sobre a vontade e a liberdade do cônjuge. Podemos distinguir duas facetas no apego, o apego activo e o apego passivo.

O apego activo encontra-se na pessoa que considera que o ser amado é sua propriedade e que, por isso, tem certos direitos sobre ele. Manifesta-se como um desejo de dispor da vontade da outra pessoa e uma ânsia de controlar a sua vida para que o outro faça o que ele pretender. Quer dizer, as pessoas com apego activo julgam-se no direito de impor a sua vontade sobre a vontade do seu parceiro. Querem ter alguém que satisfaça os seus desejos, que lhes agrade, e julgam-se no direito de o exigir ao outro, porque consideram que isso faz parte das suas obrigações numa relação de casal.

O apego passivo é o que corresponde à pessoa que permite que o cônjuge desrespeite a sua liberdade e vontade, porque julga que o vínculo de casal a isso o obriga. A pessoa que sofre de apego passivo tem tendência a afadigar-se na satisfação e

no comprazimento do parceiro, renunciando à sua própria liberdade e vontade.

A educação tradicional machista fomenta o apego nestas duas variantes, pois estimula o apego activo do homem e educa a mulher para que se conformar a viver com apego passivo. Numa relação de casal de tipo machista, o marido age com apego activo, pois reconhece a si próprio o direito de dominar a mulher, impondo-lhe a sua vontade e limitando a sua liberdade, enquanto a mulher actua com apego passivo, pois se impõe ceder ao marido parte da sua vontade e da sua liberdade.

Queres dizer que, em geral, o homem tende a actuar com apego activo e a mulher com apego passivo?

Não. Há muitos casos que são o inverso. Também se pode dar apego activo e passivo no mesmo cônjuge e em ambos ao mesmo tempo. Verificar-se apego activo ou passivo está relacionado com o nível evolutivo de cada espírito. O apego activo verifica-se com maior incidência na fase da vaidade, em que pouco se sabe de amor e se deseja, e se necessita, mais do que se ama. Procura-se, na relação de casal, que o outro lhe satisfaça os desejos e necessidades. Se, esse espírito na etapa da vaidade, encarna como homem, aproveitará a educação machista para justificar a sua atitude de dominação e, se for mulher, procurará também dominar com recurso a outras armas.

O apego passivo manifesta-se mais frequentemente no orgulhoso pela necessidade que tem de ser amado e pela maior capacidade de amar que tem. Julga-se que, esforçando-se por agradar ao outro, conseguirá ser amado e, como tem uma grande capacidade para amar, entrega-se na relação até ao extremo de renunciar à sua liberdade e à sua vontade.

Como se pode superar o apego?

O apego activo supera-se quando se toma consciência de que uma coisa é o querer e, outra diferente, o querer possuir. Que, quando se ama alguém de verdade, se deve começar por respeitar a sua vontade e a sua liberdade em todos os aspectos

da sua vida, tanto quanto se pretende que sejam respeitadas a sua própria liberdade e a sua vontade.

O apego passivo supera-se quando se toma consciência de que amar alguém não implica renunciar à sua liberdade nem à sua vontade, e que não faz sentido renunciar a elas com o intuito de se conseguir ser querido, porque, se existir amor verdadeiro, não lhe será exigida essa renúncia como condição para ser amado. A pessoa que exige um sacrifício para amar alguém, na realidade, nem ama agora nem amará depois, porque os sentimentos verdadeiros surgem espontaneamente, não estão condicionados a que seja feito algo em concreto.

Absorvência e vitimização.

Chamamos absorvência ao desejo de atrair a atenção dos outros para que lhe satisfaçam ou comprazam os seus desejos e necessidades. A pessoa dominada pela absorvência costuma pensar apenas em si mesma e exige, e obriga os outros a que lhe prestem atenção. Numa relação de casal, costumam exigir do cônjuge uma atenção quase em exclusividade, pelo que infringem frequentemente a sua liberdade e a sua vontade, convencendo-se de que essa atenção lhes é devida por direito, pelo vínculo afectivo que existe entre eles. Quando não obtêm a atenção de bom grado, costumam recorrer à vitimização para o conseguir.

A vitimização é um ego-sentimento que caracteriza aquela pessoa que tenta atrair a atenção dos outros em relação a si mesma procurando despertar sentimentos de pena, que os outros se compadeçam dela, com o propósito de os submeter à sua vontade ou de se aproveitar deles. Está muito relacionado com a absorvência, pois o que se faz de vítima costuma ser absorvente, exigindo a atenção dos outros sem respeitar o seu livre arbítrio. Também é covarde, pois não luta pelo seu progresso, mas sim para conseguir que os outros o substituam nas suas provas e responsabilidades.

É uma forma de manipulação muito subtil, já que, muitas vezes, a pessoa manipulada é absorvida sem se dar conta. O agente

de vitimização costuma jogar com o sentimento de culpa, quer dizer, procura que a sua vítima se sinta culpada caso não aceda a comprazer ou a satisfazer as suas reclamações.

Por exemplo, costuma utilizar mesmo a doença para agarrar os outros. Inventam enfermidades ou exageram as que tenham para iludir responsabilidades ou para forçar os outros a que as assumam por eles. Outro argumento que costumam utilizar para suscitar pena e justificar a sua absorvência é alegar que o seu mal-estar foi provocado por não terem tido carinho na infância, quando está longe de ser tido como certo que seja essa a principal causa do seu mal-estar. Nas relações de casal, costumam escolher como cônjuges pessoas complacentes, que anuam sempre às suas pretensões. Transformam-se voluntariamente, com o seu comportamento, em dependentes do cônjuge, pois fingem estar sempre mal, física ou psicologicamente, para receber constante atenção, e que o outro se encarregue de tudo. Este comportamento acaba por asfixiar e extenuar o cônjuge, pois praticamente não tem vida própria, antes, toda ela gira em torno da satisfação e comprazimento do seu cônjuge nos mais ínfimos pormenores, e que o convenceu de que não poder cuidar de si mesmo. Eles mesmos alimentam o seu mal-estar e não pretendem as melhoras, pois utilizam-no como arma para aprisionar.

Como se superam a absorvência e a vitimização?

Renunciando a controlar a vida dos outros e respeitando o seu livre arbítrio. Isso quer dizer que é necessário tomar consciência de que não se tem o direito de exigir nem impor nada a ninguém e, ainda menos, sob o pretexto de se ter algum vínculo afectivo com essa pessoa. Ao mesmo tempo, é preciso vencer a cobardia, a preguiça e o comodismo para enfrentar os problemas por si mesmo, em vez de procurar sempre que alguém de fora lhos resolva.

Os ciúmes.

Poderíamos definir os ciúmes como um desassossego de que padece uma pessoa pelo medo de perder alguém que considera sua propriedade. Os ciúmes, na relação de casal, são

característicos da pessoa com apego activo, possessiva e absorvente, pois considera o parceiro como sua propriedade e exige-lhe atenção exclusiva. Por isso, enfurece-se quando o parceiro demonstra alguma atenção ou afectividade por outras pessoas.

Os ciúmes costumam manifestar-se como uma desconfiança permanente em relação ao parceiro e uma obsessão recorrente pela ideia de que lhe possa ser infiel. Esta obsessão leva-a a exercer um controlo exaustivo sobre a vida da outra pessoa, sob o pretexto de evitar possibilidades de infidelidade, e faz-lhe sentir animosidade em relação às pessoas que se relacionam com o cônjuge, sobretudo pelos que considera possíveis concorrentes. Os ciúmes podem alimentar outros ego-sentimentos, que se utilizam para exercer um controlo sobre a vida do cônjuge, como a agressividade, a absorvência, a vitimização ou o despeito. O ciumento durante a relação, costuma ser o ressentido quando ela termina. A pessoa ciumenta reflecte pobreza e debilidade de sentimentos. Primeiro, porque não presta atenção à felicidade do outro. Apenas pensa em satisfazer o seu desejo de dominação, sem pensar nos grandes prejuízos que causa ao parceiro. Segundo, porque não confia em que o vínculo de sentimento seja suficiente para se manter a união do casal. Por isso, recorre à coacção e à intimidação. Quando há amor verdadeiro, confia-se nos sentimentos, e não há receio de intromissão de terceiros. Se aparecer uma terceira pessoa na relação, é sintoma de que os sentimentos eram pobres ou não existiam.

Como se superam os ciúmes?

Os ciúmes são sintoma de que não há sentimentos, apenas apego activo. Os ciúmes superam-se reconhecendo essa falta de sentimento e reconhecendo o próprio apego activo. Para o superar, é preciso renunciar ao desejo de possuir o outro e respeitar a sua liberdade de sentimento. Tem de se tomar consciência de que o amor verdadeiro é livre e que não se pode forçar, surge espontaneamente, e é sobre essa base de sentimento espontâneo livre e mútuo que se deve criar a união,

sem necessidade de existir uma obrigação ou um esforço para a manter.

O ressentimento e o despeito.

O ressentimento é um ego-sentimento que se caracteriza pela animosidade em relação a alguém que consideramos que nos prejudicou. Uma pessoa sente-se ferida no seu amor-próprio ou nos seus sentimentos e sente-se justificada para prejudicar quem lhe provocou o dano, porque espera uma reparação desse prejuízo. Existe um desejo de ressarcimento ou de vingança. Quando a pessoa age com ressentimento, tem tendência para prejudicar, não apenas os que lhe provocaram o dano, mas em geral, todo o mundo, posto que, quando o ressentimento se apodera da vontade da pessoa, faz-lhe julgar que todos os actos dos outros em relação a si, têm como intenção oculta o objectivo de a prejudicar. A pessoa ressentida torna-se desconfiada em extremo.

Uma variante do ressentimento, é o despeito. Neste caso, é a animosidade em relação ao parceiro, por ter decidido terminar a relação.

A pessoa despeitada sente-se ferida nos seus sentimentos porque considera que perdeu algo que lhe pertencia e aceita mal essa perda. Deseja sofrimento para o seu ex-parceiro e costuma actuar para o prejudicar. A pessoa sente-se como vítima e com direito a provocar dano ao outro, a quem considera o causador do seu mal. A sua norma é: "Por me teres feito sofrer, vou-te fazer sofrer a ti".

A pessoa despeitada deita mão de tudo o que considere ser uma arma para se ressarcir: a vitimização, a difamação, a manipulação, a chantagem, a ameaça, a coacção ou a agressividade.

Julga-se justificada para intentar acções que prejudiquem o ex-parceiro, seja através de agressões, ameaças, falsas acusações de maus-tratos, desejo de despojar o outro dos bens materiais adquiridos em comum, etc. Se houver filhos em comum, utiliza-os como arma de arremesso, tentando impedir o seu relacionamento com os filhos ou transmitindo uma má imagem

do ex-parceiro aos filhos, para que se desavenham. Se o ex-parceiro tiver um novo relacionamento, também esse novo parceiro pode ser objecto do ataque do despeitado, sobretudo se considerar que a sua separação está relacionada com essa nova relação.

Contudo, não é normal que quando alguém é abandonado pelo seu parceiro se sinta mal?

Pode sentir tristeza, decepção, frustração, solidão ou nostalgia em consequência da ruptura. Porém, uma coisa é sentir tristeza e outra, bem diferente, é desejar o sofrimento para a outra pessoa e proceder de forma a fazê-la sofrer. A pessoa despeitada também manifesta pobreza e debilidade de sentimentos, já que aquele que ama verdadeiramente, nunca agirá com o intuito de prejudicar o ser amado, nem mesmo quando este tome decisões que não consegue compreender. E isso só acontece porque ainda não existe o respeito pela liberdade de sentimento, que confere a cada pessoa o direito a decidir com quem quer ou não quer manter uma relação. Se houvesse respeito pela liberdade de sentimento, sofreria menos quando se dá uma ruptura no casal e faria sofrer menos os outros.

Como se supera o despeito?

Tudo gira à volta do mesmo, quero dizer, da superação do apego e do respeito pela liberdade de sentimento. De igual modo do que dissemos no caso do apego activo e dos ciúmes, deve-se tomar consciência de que ninguém pertence a ninguém. Não há direito de propriedade sobre o cônjuge, e, por isso, não se tem o direito de decidir por ele e, ainda menos, de lhe exigir a continuação da relação, se essa não for a sua vontade. Portanto, não há nenhuma justificação para a contrariar.

A obsessão sentimental ou deslumbramento.

Nas relações pessoais, a obsessão está relacionada com o desejo insatisfeito de se conquistar ou se possuir uma pessoa que se escolheu como objectivo. Se o desejo for facilmente

alcançável, uma vez conseguido, perde-se o interesse. Porém, se for custoso, transforma-se num desafio. O desejo aumenta e, por não se ver satisfeito, converte-se em obsessão. Muitas vezes isto não traduz um sentimento verdadeiro, mas apenas uma insatisfação e uma necessidade, que pode ser sexual e/ou afectiva. Por isso, a obsessão faz perder o sentido da realidade. A obsessão é característica das pessoas caprichosas, que viveram muito tempo centradas na satisfação dos seus caprichos e, quando esses desejos não são cumpridos, ficam perturbadas. Também as pessoas reprimidas, que têm dificuldade em exprimir os seus sentimentos, são passíveis de obsessão sentimental. Costumam ficar deslumbradas pela pessoa objecto do seu desejo, e criam uma fantasia à volta dela, que não corresponde à realidade, mas que alimenta esse desejo, e também a esperança de que, se o realizar, se pode chegar a ser feliz.

Da forma como o explicas isso faz-me lembrar o que o personagem de Don Quixote sentia por Dulcineia de Toboso.

Esse é um bom exemplo do que significa o deslumbramento e a obsessão sentimental.

Na obsessão trabalha muito a mente e pouco o sentimento, até ao ponto de se poder chegar a pensar que o que se pensa é o que se sente. A falta de atenção aos sentimentos faz com que nem sequer se preocupem em saber se são correspondidos ou não. Costumam ser pessoas que não procedem com sinceridade, pois costumam rejeitar a rejeição e não estão dispostas a admiti-lo. O seu propósito é conseguir a pessoa desejada a qualquer preço, inclusivamente passando por cima da sua vontade, se necessário. Por isso, não exprimem abertamente as suas intenções, mas manobram com astúcia para conseguir o que querem sem dar oportunidade ao outro de dizer não. Se forem fisicamente atraentes, usando da sedução, julgam poder submeter a vontade e o sentimento da outra pessoa. Se forem inteligentes, estudam as debilidades do outro e utilizam esse conhecimento para a sua conquista através da persuasão, da adulação e da satisfação das necessidades e caprichos da outra pessoa. Se forem espíritos pouco sensíveis, no

caso de o não conseguirem por estes meios, utilizarão outros métodos que ainda desrespeitam mais o livre arbítrio, como a chantagem, a intimidação, a coacção e a violência.

Que acontecerá se chegarem a conseguir a pessoa que desejam? Serão felizes?

Não. Durante algum tempo sentem a satisfação de ter conseguido o que desejavam. Porém, quando observarem que a realidade não está à altura das suas expectativas, sofrem grandes decepções, e isso faz com que se desencantem rapidamente com a relação. A seus olhos, o, agora seu parceiro, que anteriormente viam como um deus ou deusa, passa a ser, presentemente, alguém normal e vulgar para eles, o que faz com que progressivamente percam o interesse por ele. Costumam culpar ao outro pelo não funcionamento da relação, quando na realidade a sua insatisfação provém da falta de sentimento que se escondia por detrás do deslumbramento. Contudo, podem tornar-se possessivos, se perceberem que outras pessoas se interessam pelo seu parceiro, porque o consideram um troféu que lhes custou muito a conseguir e que, por isso, lhes pertence em propriedade. E, então, nem vivem, nem deixam viver, já que nem são felizes na relação, nem permitem que a outra pessoa se liberte dela e procure a felicidade por outro lado. É como a criança caprichosa que faz birra, quando os pais não acedem a comprar-lhe o brinquedo que pretende, e que, quando o consegue, brinca um bocado com ele e imediatamente se aborrece. Todavia, se outra criança se interessar por esse brinquedo, então voltam a interessar-se por ele, não porque se lhes tornou de novo atraente, mas sim porque não querem ceder o que consideram sua propriedade.

Como se supera a obsessão sentimental?

Deve-se superar o apego activo, isto é, a concepção do amor como direito de propriedade. Se a pessoa não for correspondida nos seus sentimentos, deve aceitar essa realidade sem tentar forçar uma mudança, pois os sentimentos são livres e não se podem nem se devem forçar, e a única coisa que se conseguirá

é sofrer e fazer sofrer. Se a obsessão ocorre numa pessoa reprimida, é superada vencendo-se a timidez e a repressão, conseguindo a coragem para exprimir o que se sente em cada momento, com sinceridade, sem ocultar a sua intenção por medo da rejeição. Desta maneira, conseguirá que as suas relações sejam reais e não alimentará fantasias nem obsessões à volta da pessoa de quem gosta, pois, sendo correspondido, poderá ter uma relação natural com ela, sem necessidade de enganos ou manipulações e, se o não for, poderá virar a página com a consciência tranquila, sem atormentar o pensamento com o que poderia ter sido e não o foi por não o ter tentado.

A culpabilidade sentimental na relação de casal.

É o sentimento de culpa que se manifesta quando uma pessoa tenta forçar a sua própria liberdade de sentimento, seja porque se obriga a sentir o que não sente, seja porque se obriga a reprimir o que sente. Acontece com frequência nas pessoas que sofrem de apego passivo.

Uma das situações onde se declara a culpabilidade sentimental, é quando, numa relação de casal, uma pessoa se dá conta de que não está enamorada, porém julga que, por se ter gerado um vínculo de casal e terem passado tempo juntos, isso a obriga a sentir-se enamorada e a continuar a relação. Quer dizer, que se esforça por sentir amor de casal pelo seu cônjuge, porque julga que é a sua obrigação. Este esforço inclui oferecer ao outro o que se supõe ser-lhe devido por ser o seu parceiro, como satisfazê-lo sexualmente, servi-lo e dedicar-lhe tempo. E tudo isso o faz porque se sente culpada por não o amar, porque julga que o deve compensar de alguma forma pela falta de amor da sua parte. Outra situação onde, fica patente a culpabilidade sentimental, é quando uma pessoa se enamora de outra, mas ao mesmo tempo julga que esse amor está errado de acordo com o seu código de conduta moral. Peguemos no exemplo de uma pessoa que se enamora de alguém que já tem parceiro, ou que ela própria já tenha parceiro. Neste caso, a pessoa sente-se culpada por amar esse alguém "não adequado", a quem supostamente não deve amar, e impõe-se reprimir ou renunciar

a esse amor, que julga imoral ou proibido. Desta maneira, condena-se a si mesma a ser infeliz.

E que se presume que deva fazer uma pessoa se acontecer essa situação, ou seja, enamora-se de alguém, tendo já parceiro?

Pode fazer o que quiser. Porém, se quiser ser feliz, deverá lutar pelos seus sentimentos.

Quer dizer que deveria romper a relação anterior para se unir com a pessoa que ama?

Uma relação sem amor já está estragada, pelo mero facto de faltar o amor. Apenas resta reconhecê-lo e proceder em conformidade. Já falámos disso antes. Se não ama o cônjuge, deverá ter a sinceridade e a coragem de lho explicar e, conseqüentemente, dar formalmente por terminada a relação conjugal. Isso é independente de amar outra pessoa ou não. Se, além disso, amar outra pessoa, deve admitir a realidade dos seus sentimentos, expressá-los prontamente à pessoa amada, para saber se existe uma correspondência de sentimentos ou não e, seguidamente, aceitar a decisão da outra pessoa, seja ela qual for. Se houver correspondência de sentimentos, e vontade de estarem juntos como casal, nada nem ninguém o pode ou deve impedir e, ainda menos, experimentar qualquer sentimento de culpa, pois, espiritualmente, não tem nenhum fundamento.

Todavia, entendo eu que uma situação, como a anterior, costuma despertar sentimentos de culpa. Como se supera essa culpabilidade sentimental?

Desperta sentimentos de culpa porque vós tendes uma concepção equívoca do que é o amor de casal, de tipo "possessivo" ou de apego, e porque criastes em torno dele umas normas morais igualmente equívocas, tais como o casamento com direito de propriedade e a indissolubilidade do mesmo. Para superar a culpabilidade, é necessário tomar consciência de que os sentimentos são livres e espontâneos, que não se podem nem devem forçar, e que não estão sujeitos a nenhuma convenções. Cada um tem direito a amar livremente quem quiser e, nem sequer a si mesmo, se pode obrigar a sentir o que

não sente, nem a deixar de sentir o que sente, sem que isso seja culpa de ninguém. Novamente, acabamos por chegar ao mesmo ponto, o respeito pela liberdade de sentimento. Neste caso trata-se de respeitar a sua própria liberdade de sentimento, e de não se punir injustamente por um suposto delito que não existe. Ninguém se deve sentir culpado por sentir o amor verdadeiro, mesmo que isso implique transformar a sua vida de uma ponta à outra, porque o sentimento de culpa, se não for superado, é um obstáculo que impede de sentir e de viver plenamente esses sentimentos e impede de apreciar a felicidade que deles deriva.

Que é o medo do amor?

Como o seu próprio nome indica, é o temor que alguém possa ter de sentir amor, por pensar que isso será causa de sofrimento. Costuma acontecer habitualmente em pessoas que viveram experiências traumáticas no passado, seja porque o seu ex-parceiro as fez sofrer, seja porque terceiros actuaram para destruir uma relação sentimental existente e conseguiram o seu objectivo. Também acontece em pessoas que receberam uma educação repressiva dos sentimentos desde a infância, e que lhes limitou a sua liberdade de sentimento. Têm medo de sentir livremente porque temem algum tipo de represália contra eles. Também costumam estar propensos a sentir remorsos, se o seu sentimento não for correcto do ponto de vista das normas de conduta que aprenderam.

As pessoas que têm medo do amor costumam ser desconfiadas na hora de se relacionarem com os outros, porque receiam que estes usem o que sabem delas para as prejudicar. Por isso, costumam ser reservadas e dão-se dificilmente a conhecer tal como são. Receiam a incompreensão, a rejeição, a chantagem, a ameaça, a manipulação, a calúnia, a agressividade e julgam que, se não se derem a conhecer, se ocultarem ou reprimirem os seus sentimentos, impedirão que se aproveitem delas. Por isso têm tendência para o isolamento emocional, porque pensam que é a melhor forma de evitar vir a sofrer danos.

Então o isolamento emocional é uma boa arma para evitar sofrer danos, não?

Não. O medo do sofrimento emocional faz com que a pessoa se proteja sob uma couraça que aparentemente a protege das agressões emocionais dos outros, mas ao mesmo tempo impede-a de ser feliz, porque essa couraça também a impede de exprimir o amor que sente pelos outros e de receber o amor que outras pessoas lhe podem dedicar. Neste caso, os danos não são provocados pelos outros, mas sim por ela própria, sem que, por isso, deixe de ser um sofrimento muito intenso.

Podes dar um exemplo que sirva para demonstrar como o isolamento gera sofrimento?

Sim. Imagina que uma pessoa emocionalmente isolada conhece a sua alma afim, e que esta se aproxima com a intenção de lhe exprimir os seus sentimentos. Em condições normais, ambos poderiam exprimir os seus próprios sentimentos e sentir o amor do outro, e isso fá-los-ia felizes. Porém, a pessoa que está isolada, por medo e desconfiança, não percebe o amor que lhe é oferecido e, ao mesmo tempo, reprime os seus próprios sentimentos de amor. E isso é o que a faz sofrer. Ao mesmo tempo, faz sofrer a sua alma afim, porque fica impedida de lhe transmitir o seu amor e esta, tão-pouco, se sente amada. Seguramente, a sua alma afim sentir-se-á frustrada e confundida porque não entende o que se está a passar. Inclusivamente, pode chegar a sentir-se culpada pelo seu sofrimento, ficar receosa de exprimir os seus sentimentos e, mesmo, questionar-se se será correspondida, pelo que pode chegar a desistir do intento de iniciar uma relação de casal com ela. E desta forma, por culpa do isolamento emocional, motivado pelo medo e pela desconfiança em relação ao amor, duas almas afins que bem poderiam ser felizes juntas, acabam separadas nos seus caminhos e continuam sem experimentar a felicidade.

Porém, não é verdade que há pessoas que, apesar de nunca terem tido más experiências na vida, a respeito de relações de amor, mesmo assim têm medo de amar ou de se enamorar? A que se deve o medo nesses casos?

O trauma emocional pode vir de uma vida anterior. Ainda que não conservem na memória as circunstâncias do passado, se não superaram o seu trauma, este fica impregnado no seu espírito e, por isso, conservam-no na vida posterior, onde se manifesta sob a forma de medo. As pessoas com medo do amor não encaram a vida com esperança, porque estão convencidas que a felicidade não pode existir para elas e não confiam em que alguém as vá amar de verdade. Sentem-se como o cão vadio que, durante muito tempo, levou pauladas de um dono violento, a quem conseguiu finalmente escapar. Um dia, esse cão cruza-se com umas pessoas sensíveis, que têm pena dele e decidem acolhê-lo para o tratar com muito afecto. Quando uma delas se aproxima para lhe fazer festas, o medo dos maus-tratos faz-lhe julgar que essa mão que se levantou para o acariciar, irá maltratá-lo, e foge apavoradamente das pessoas que poderiam vir a proporcionar-lhe uma vida melhor. Pois, é assim que se passa com muita gente, que por culpa do medo, perdem a sua oportunidade de serem felizes na vida.

Como se pode superar o isolamento e o medo do amor?

Primeiro, reconhecendo que se tem medo e que, por causa do medo, se isola. Pode-se superar o medo e vencer o isolamento permitindo a livre expressão dos próprios sentimentos, tendo a coragem de lutar por viver de acordo com eles, confiando neles na hora de decidir da vida, sem pensar na opinião dos outros. Por muito difíceis que pareçam as circunstâncias, nunca se deve renunciar aos sentimentos, nem reprimi-los, porque é a única maneira de se chegar a ser feliz. É preciso recuperar a fé e a esperança no amor.

Todavia, há pessoas que, apesar de lutarem corajosamente pelos sentimentos, não conseguem o seu objectivo de viver junto da pessoa que amam, ou não conseguem libertar-se de relações forçadas, porque outras pessoas lho impedem. Já falámos antes da violência de género e das mulheres assassinadas por defenderem o seu direito à liberdade de sentimento. Fracassaram na sua luta?

Nunca se fracassa quando se luta pelos sentimentos. Se, por causa da incompreensão e do egoísmo humano, essa pessoa não chegar a saborear a felicidade do amor no plano físico, que fique segura que a sua recompensa chegará no plano espiritual. E a coragem que demonstrou na sua luta por viver de acordo com o que sentia, será uma realização evolutiva que perdurará para sempre no seu espírito. Gozará de clareza e coragem quanto aos sentimentos, qualidades espirituais de muito valor conquistadas a pulso nas provas que experimentou nas suas encarnações. Serão qualidades que manifestará a partir daí e para sempre, e isso a ajudará a ser feliz evitando cair nas armadilhas que no passado a tornaram infeliz.

A confusão sentimental.

A confusão sentimental é um estado emocional que surge quando uma pessoa se obriga a sentir o que não sente ou a reprimir o que sente na realidade, ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Se persistir durante bastante tempo nesta atitude, chegará o momento em que não distingue bem entre o que sente realmente e o que se obriga a sentir. E essa é a confusão que essas pessoas têm, que confundem o sentir com o “dever-sentir” e substituem o sentimento pela obrigação. A pessoa que se obriga a sentir o que não sente, sofre porque essa obrigação de sentir a esgota e lhe provoca um vazio, pois os sentimentos não podem ser forçados, ou são espontâneos ou não existem. Também pode sofrer pela repressão de um sentimento verdadeiro, porque julga que não deve ou não tem o direito de o sentir. Contudo, o auto-engano motivado pela confusão sentimental faz-lhe pensar que sofre pelo remorso de ter deixado despertar um sentimento indevido, e que essa é a causa da sua infelicidade, e que, por isso, deve lutar para o eliminar.

A confusão sentimental costuma acontecer em pessoas que anularam a sua liberdade de sentimento. Um dos motivos por que o fizeram pode ser por terem sido educados a seguir um código moral repressivo para com os sentimentos, que acabaram por assimilar como sendo próprio. Nesse caso, a sua sensibilidade está fortemente condicionada pelas normas morais

desse código. Também pode ser devido a terem passado por alguma circunstância dolorosa na sua vida, relacionada com os sentimentos, em que se viram forçadas a renunciar a eles.

A mim, parece-me difícil de entender em que consiste a confusão sentimental e como se manifesta. Poderias dar algum exemplo para o esclarecer melhor?

De acordo. Imaginemos o caso de uma pessoa que está casada pela Igreja, levando já vários anos de casamento. Durante esse tempo, apercebeu-se de que, na realidade, não está enamorada e de que não é feliz nessa relação. Se essa pessoa se sentisse com liberdade de sentimento, rapidamente tomaria consciência de que não sente amor pelo seu parceiro, dir-lho-ia e pediria o divórcio.

Porém, se essa pessoa tiver sido educada religiosamente, em que se considera que o casamento deve ser para toda a vida e não se pode quebrar, o seu sentido do dever e o temor de uma reacção negativa por parte dos outros, farão com que se obrigue a continuar a relação. Pode tomar a decisão de se obrigar a amar o seu cônjuge, porque julga que também é uma obrigação moral, a de “amar para sempre a pessoa com quem se está unido pelo matrimónio”. Esforçar-se-á por lhe agradar em todos os aspectos, para que o seu parceiro não se aperceba de que não está enamorada, e autoconvence-se de que faz todos esses sacrifícios por amor. O facto de o ver como sacrifício e de o viver como uma obrigação demonstra, na realidade, que não há amor, porque quem sente amor verdadeiro não vive a entrega ao outro como um sacrifício, mas sim como um acto que realiza livremente e que lhe traz felicidade.

Outra opção, a que pode recorrer, é a de justificar a ruptura por uma atitude errada do cônjuge, desta maneira, a responsabilidade da ruptura fá-la recair sobre ele, excluindo-se a si própria de ter faltado ao seu dever. Quer dizer, “eu amo-o, mas não posso continuar a viver com ele porque sinto que ele não me quer, não me presta atenção, ou fez-me isto e eu não lhe posso perdoar”.

Outra das opções, que pode tomar, é tornar a vida impossível ao cônjuge, para que seja ele a tomar a decisão de terminar a relação. Desta maneira, o que falha quanto ao dever sentir, imputa-se formalmente ao outro, e ela fica eximida da sua responsabilidade em relação à ruptura do casamento. Aos olhos dos outros, fará notar que ela é a vítima e que o cônjuge é o culpado, quando, na verdade, é precisamente o contrário.

Desta forma, uma situação de conflito emocional que tinha uma origem clara, "não amo o meu parceiro", e uma solução muito fácil, "largo a relação", por causa da confusão sentimental, converte-se numa trapalhada monumental que causa sofrimento a si mesma e aos outros. Quer dizer, falseou-se a realidade com a recusa em reconhecer a sua falta de sentimentos, e pela cobardia em contrariar o código moral religioso.

Como se pode vencer a confusão sentimental?

Analisando-se a si mesmo com total sinceridade, para saber distinguir o que são sentimentos verdadeiros, do que são obrigações adquiridas à conta de uma educação repressiva. E, uma vez esclarecidos os próprios sentimentos, deve-se ter a coragem de viver em conformidade com o que se sente, sem se deixar influenciar pelas opiniões dos outros, distanciando-se de todas as repressões e preconceitos da educação recebida, pois, se ofendem o direito à liberdade de sentimentos, são normas e preceitos errados do ponto de vista espiritual e não merecem ser tidos em consideração.

AS RELAÇÕES COM A INFÂNCIA, À LUZ DA LEI DO AMOR

Haverá alguma medida, que se pudesse aplicar a nível social, que permitisse à humanidade avançar espiritualmente mais depressa?

Sim. Amai as crianças e procurai não lhes provocar danos, nem física nem emocionalmente. Não os humilheis nunca. Desde já

vos aviso que, do ponto de vista espiritual, um dos delitos mais graves que existem, são os maus-tratos que se produzem durante a infância. Permitted que as crianças sejam livres, que expressem os seus sentimentos, que brinquem e que aprendam a brincar. Se criásseis uma geração de crianças com amor, o vosso mundo mudaria rapidamente, porque o amor muda o mundo. Não sereis vós a mudar o mundo, serão eles a fazê-lo, graças ao amor que tenham conhecido.

Algum conselho que nos possa servir para saber como tratar mais bem as crianças?

Por acaso nunca fostes crianças? Ponde-vos no seu lugar. Recordai quando fostes vós crianças, do bom e do mau. Recordai-vos do mal que vos fizeram, para o não repetir, e do bem, para o tomar como exemplo. E aqui, não falamos só de maus-tratos físicos, mas também dos maus-tratos emocionais, porque há muitas pessoas no vosso mundo que maltratam emocionalmente as crianças, a começar pelos seus próprios filhos, apesar de muito pouca gente o admitir. Estão tão imersos nos seus próprios problemas que não têm um mínimo de sensibilidade para se darem conta dos danos que estão a fazer aos filhos. Pensam que a criança, pelo facto de o ser, não compreende as coisas como um adulto e que, por isso, é menos sensível, de jeito que não têm nenhuma consideração nas relações com eles e descarregam sobre eles todas as suas frustrações. Contudo, é precisamente ao contrário: as crianças são mais vulneráveis e sensíveis aos danos físicos e emocionais que os adultos, portanto, deve-se colocar a maior ênfase na necessidade de os tratar o mais respeitosa e amorosamente possível. Aceitai-os e amai-os exactamente como são.

Não coloqueis nenhuma condição para os querer. Há pessoas que não amam os seus filhos, apenas os usam para se darem importância, para se vangloriarem pelo facto de eles serem inteligentes, porque têm alguma qualidade que os faz serem melhores em relação aos outros e, se não tiverem essas qualidades, menosprezam-nos, afectando gravemente a sua auto-estima. Aquele que ama verdadeiramente os seus filhos,

ama-os tal como eles são, sejam mais ou menos bonitos, mais ou menos inteligentes, mais ou menos motivados.

Há pessoas que acham que é necessário o castigo físico para educar as crianças. Que pensas disso?

Então, eles também concordarão que o seu chefe lhes dê um tabefe de vez em quando, quando considerar que não fizeram bem o seu trabalho.

Pois, de facto, não creio que lhe achassem muita graça. Acho que o normal seria denunciarem-no por maus-tratos laborais.

Claro que não lhe achavam graça nenhuma, porque ninguém gosta que lhe batam. Se achais que bater num adulto é um acto infame e condenável porquê não tendes essa mesma opinião quando um adulto agride uma criança, que, além disso, é mais fraca e não se pode defender? O que não desejais para vós mesmos não o fazais aos outros, e, ainda menos, aos que são mais débeis e indefesos, como são as crianças. Que triste é observar como alguns pais, quando os seus filhos se pegam com outras crianças, os castigam fazendo-lhes o mesmo que acabam de proibir, quer dizer, batendo-lhes. Que pode aprender uma criança ao ver que o adulto faz o mesmo que lhe censura a si, para além do facto de ser o mais forte a impor a sua lei através da violência? Que nunca vos lembre dar pancada numa criança e, ainda menos, usando a desculpa de que é para o seu bem, para a educar a ser disciplinada. Aquele que utiliza o castigo físico, não educa, apenas manifesta a sua incompetência para educar, a sua falta de tacto, paciência, ternura e delicadeza em relação às crianças. Quando se luta contra os maus-tratos e a violência de género, igual ou maior ênfase deveria ser colocada no combate aos maus-tratos infantis.

Bem, creio que, hoje em dia, em muitos países, tratar mal as crianças, é um delito condenado pela lei, com subsequente punição do adulto havendo demonstração de que a criança foi objecto de maus-tratos.

Sim, sobretudo no Ocidente, e isso representa um avanço importantíssimo. O problema é que, muitas vezes, demonstrar que a criança recebe maus-tratos é muito difícil, porque a sua prova não é evidente. Um adulto, que tenha sido maltratado, tem a capacidade por si mesmo de se defender, fazendo uma queixa se for agredido, porém as crianças precisam de um adulto para se defenderem, e se, além disso, os maus-tratos acontecerem no ambiente familiar, quem os vai defender se, quem os devia proteger, é quem a agride? Além disso, a vossa sociedade ainda é excessivamente tolerante para com o castigo físico ao menor, pois muitas pessoas consideram aceitável o tabefe, a bofetada ou a palmada no rabo, ainda que, certamente, se lho fizessem a elas não achassem nenhuma graça. Que cada um reflecta para si mesmo como se sentiria, se fosse objecto do tratamento que dá aos filhos. Isso ajudá-lo-á a ser mais sensível para com eles.

Há pessoas que argumentam que o ideal seria não utilizar o castigo físico, e estão de acordo em limitar o seu uso, contudo, há crianças que são muito rebeldes e não atendem às chamadas de atenção, e que, nesses casos, é preciso ter “mão forte”, ou seja, aplicar medidas mais contundentes. Que achas disso?

Aquele que pensa que educar os filhos, ou as crianças em geral, é impor-se-lhes e, para os submeter à sua vontade, usa de agressividade verbal ou física com o objectivo de os assustar para que, por medo, acabem por lhe obedecer, reflecte a sua própria incompetência e imaturidade espiritual. Quando existe amor, sensibilidade e compreensão encontra-se sempre outra maneira de fazer as coisas, porém, se elas faltarem, qualquer desculpa é boa para despertar as más maneiras que se têm no íntimo.

Mas, não é verdade que muitos dos adultos que maltratam as crianças, eles mesmos foram maltratados em crianças? Quero dizer que não tiveram bons exemplos a seguir.

Nesses casos deveriam lembrar-se do que sentiram quando foram maltratados e como lhes custou serem tratados com

desprezo e sem sensibilidade, procurando não repetir com os seus filhos nem com nenhuma outra criança aquilo que não lhes agradou a eles mesmos. Há muitas pessoas que receberam maus-tratos físicos ou psicológicos quando foram crianças, em maior ou menor medida, porque no vosso mundo ainda predomina o egoísmo em todos os aspectos. Os que tomaram bem nota da experiência vivida e se recordam do sofrimento que experimentaram, procurarão evitar aos seus filhos e às crianças em geral, o sofrimento que eles mesmos viveram.

Quais são as alternativas para educar sem recorrer à mão pesada?

Através do jogo, é a maneira como a criança aprende de forma natural, sem necessidade de a obrigar. Através do jogo, podem-se-lhe ensinar valores e conhecimentos de todo o tipo. Se procedeu negativamente, o primeiro passo é dialogar com ela, para que tome consciência do acto negativo que praticou. Há uma pergunta muito fácil, que lhe pode ajudar a reflectir: como te sentirias, se alguém te tivesse feito o mesmo que tu fizeste? Por exemplo, se bateram noutra criança, um bom argumento para a levar à reflexão é perguntar-lhe: tu gostas de apanhar? Deve-se fomentar o diálogo e a reflexão para a resolução dos conflitos, ajudar a criança a tomar consciência, para que compreenda onde está o problema no seu procedimento, e oferecer-lhe uma possibilidade de reparação mal feito. Na realidade, existem correntes educativas no vosso mundo, que actuam de acordo com esta filosofia. Porém, para isso é necessário que a criança receba mais atenção do que a que geralmente recebe.

Há pessoas que são de opinião de que a educação actual piorou face à de épocas passadas. Que, agora, as crianças aprendem pouco porque esses métodos educativos novos são demasiado brandos, e que a única coisa que conseguem é que as crianças importunem os professores e prestem pouca atenção nas aulas. Que achas disto?

Estão completamente enganados. É verdade que algumas pessoas, sobretudo as que têm uma forma de ser rígida e severa,

parecem ter nostalgia da educação do passado. São os que costumam estar de acordo com o provérbio "a letra, com sangue, entra". Em épocas passadas, os colégios religiosos eram muito valorizados porque, alguns padres, tinham fama de educar com "disciplina", como Deus manda. Na realidade, aquilo a que eles chamavam "educar com disciplina" consistia em forçar a obediência dos alunos através do medo, da ameaça e do castigo físico, mortificando a vida desses alunos que, mais que crianças, eram pequenos recrutas assustados, de cujos rostos tinha desaparecido qualquer assomo de espontaneidade, sensibilidade e alegria próprias da infância. E tudo isso, além do mais, era feito invocando o nome de Deus.

Porém, essa educação, ainda que, possivelmente, conseguisse crianças muito submissas e obedientes, não produzia crianças mais inteligentes, nem mais felizes, nem mais livres. Essas crianças, que cresceram com o medo no corpo, quando se tornam adultos apresentam muitas carências. Se não superarem o trauma da infância, costumam ter dificuldades em exprimir os seus sentimentos, acusar uma baixa auto-estima, e são propensos a problemas emocionais, mesmo que ainda saibam de cor a lista dos Reis Godos, com que ocuparam a vida.

Também é questionável que os alunos do passado tivessem sido mais inteligentes e com melhor formação do que os presentes, pois, antes, colocava-se muita ênfase na memorização de conteúdos e pouca no raciocínio lógico. A idoneidade dos conteúdos educativos também era questionável, os recursos afectos à educação eram menores e o tempo de escolarização obrigatória também era menor. A educação actual procura que as crianças tenham maior capacidade de reflexão e raciocínio, que memorizem menos e utilizem mais a razão. Por outro lado, os países que apresentam melhores taxas de aproveitamento académico e menor insucesso escolar, não são os que optaram por modelos educativos baseados na disciplina, mas antes pelo contrário, foram os que aplicaram modelos educativos progressistas. A diferença foi que investiram mais recursos humanos e materiais na educação do que outros países. A

Finlândia, o país que tem o melhor modelo educativo do mundo, é um claro exemplo do que vos digo.

E porquê há pais que dizem preferir uma educação com mais disciplina, se não é seguro que seja mais eficaz?

Repara, o que acontece é que, muitas vezes, o problema não está nos filhos, mas sim nos próprios pais, porque muitos pais não reconhecem os sentimentos dos filhos nem as suas necessidades afectivas. Sofrem de ignorância sentimental. Julgam que por alimentarem os filhos, levá-los ao médico quando estão doentes, provê-los do que necessitam a nível material e conseguir que estudem num bom colégio para obterem uma boa formação, já fizeram tudo como pais. Contudo, algo de fundamental lhes escapa, e que é atenderem às necessidades emocionais dos seus filhos. É triste observar como, a muitos pais, os próprios filhos os aborrecem e, por isso, não lhes dedicam qualquer tempo, nem lhes exprimem carinho, nem compreensão. Ficam rapidamente enfadados quando estão com eles, irrita-os tudo o que fazem e não lhes prestam muita atenção. Além do mais, há uma tendência, muito comum a alguns pais, para valorizar os filhos em função dos seus méritos académicos. Alguns pais apenas se preocupam com os filhos se eles tirarem más notas ou se ficarem doentes.

Isso faz com que as crianças se sintam pouco desejadas e tentem chamar a atenção dos pais. Podem utilizar como tática baixar o seu rendimento escolar, porque sabem que desta maneira os pais lhes prestarão atenção. Ou acontece simplesmente que as crianças se sintam tão mal emocionalmente que percam todos os interesses, inclusive pelos estudos. Devido à ignorância e à falta de atenção aos filhos, os pais pensam que o problema dos seus filhos é serem preguiçosos nos estudos e precisarem de ir para uma escola onde seja imposta mais disciplina, com docentes mais autoritários que os obriguem a estudar mais. Todavia, o problema não está na escola, mas sim na falta de atenção por parte dos pais.

Mas, então, há algo de errado em pretender que os filhos estudem, para que, quando forem crescidos, tenham meios para ganhar a vida?

Não há nada de errado em desejar que os filhos estudem. Contudo, esse não deve ser o argumento utilizado para se gostar mais ou menos deles.

Se, apenas, é valorizado o facto de se ser inteligente e bom estudante, as crianças podem apresentar problemas de auto-estima e, além disso, sentirem-se excessivamente pressionados com os estudos. Devem-se amar os filhos incondicionalmente, tal como são, e prestar-lhes atenção do ponto de vista emocional para que possam ser felizes.

Às vezes, também sucede que o adulto pretenda que a criança se conforme com umas regras absurdas que limitam enormemente a sua liberdade e espontaneidade, e então a criança rebela-se contra essas normas que considera injustas. É absurdo pedir a uma criança que não brinque ou que esteja permanentemente sossegada. Porque são regras injustas, é impossível segurá-las apelando à compreensão, razão pela qual, alguns pais, recorrem à sua imposição pela força.

Então, deve-se permitir aos filhos que façam tudo o que quiserem, mesmo que o que eles pretendam seja prejudicial para eles mesmos ou para os outros?

Tudo não. Usai de bom senso. Cada coisa no seu tempo. A liberdade e a responsabilidade da criança devem ir aumentando à medida que vai crescendo e vai adquirindo maiores capacidades. Enquanto a criança é pequena e não está consciente de muitos dos perigos, não se pode deixá-la sozinha na rua sem vigilância, pois pode cometer imprudências, como atravessar a rua sem olhar. Deve-se ensiná-la progressivamente daquilo que é perigoso para si e do que é perigoso para os outros. Deve-se ensiná-la a respeitar as outras crianças, a não ser agressiva, a não insultar, a assumir as responsabilidades próprias da sua idade, como fazer os deveres, guardar os brinquedos quando acabar de brincar, etc. Nem

mais nem menos do que aquilo que uma criança pode atingir em função da sua idade, sempre tentando ser com ela respeitador, compreensivo, carinhoso e paciente, levando em consideração a sua liberdade e a sua sensibilidade.

Mas, qual é o limite? Por exemplo, se a criança não quer ir à escola ou fazer os deveres, deve-se obrigá-la ou deixar passar?

Usai de bom senso. Em vez de tentar obrigá-la à força a fazer as coisas, conversai com ela, falai-lhe da importância que tem aprender, estimulai-a, compartilhai com ela o momento de fazer os deveres tornando-o agradável e divertido, e vereis que a criança tem muito melhor resposta do que impondo-lho à força.

E como podemos fazer para que a criança aprenda aquilo que lhe faz falta, quando, por sua vez, estamos perante algo aborrecido ou saturante?

Fazei com que seja divertido e compartilhai esse momento com ela, para que se sinta acompanhada e apoiada no que está a fazer, pois isso estimula-a a prosseguir. Já dissemos que as crianças se divertem a brincar e que, através da brincadeira, se lhe podem ensinar muitas coisas sem que isso se apresente como maçador, e, assim, será ela mesmo que deseja aprender, porque lhe parecerá divertido aprender.

Como deve ser a educação em casa, em família?

Reservai tempo para estar com os vossos filhos, para jogar com eles, para dialogar sobre as suas coisas, sobre os seus problemas e preocupações. Estai sempre receptivos para responder às suas perguntas. Pensai que eles estão a descobrir o mundo e que, para aprender, precisam de perguntar tudo, ainda que a vós vos possa parecer óbvio, para eles não o é, e apercebendo-se de que estais a zombar deles, reprimem-se. Tende muita paciência com eles. Permitted-lhes brincar sempre que possível porque, para a criança, brincar é a sua ocupação e, impedindo-a de brincar, causa-se-lhe muito dano. Demonstrei-lhe continuamente os vossos sentimentos de forma explícita, com palavras, beijos, carícias e abraços. Permitted-lhes que desenvolvam a sua personalidade com liberdade, não lhe

imponhais a que vos agradaria a vós que eles tivessem. Amai-os tais quais são e ajudai-os a ir desbastando pouco a pouco o seu egoísmo e a desenvolverem a sua sensibilidade e afectividade sem estorvos. Não permitais que os vossos problemas e preocupações de adultos, que nada têm a ver com eles, afectem a sua vida.

Contudo, não acontece às vezes, que sendo-se demasiado benevolente com a criança, esta se torna exigente e caprichosa e utiliza a reclamação e a birra para levar a sua por diante? Que há a fazer nestes casos?

É verdade que há pais que permitem que os filhos façam até aquilo que é perigoso para eles, e condescendem com todos os seus caprichos por negligência, por debilidade de carácter ou para não continuarem a ouvir os protestos da criança, e isso faz com que a criança se torne exigente e caprichosa, usando de astúcia para manipular a vontade dos pais. Nesses casos, procedei com firmeza, não cedais à chantagem que a criança tenta fazer, mas não respondais nunca com violência ou agressividade. Quanto mais ela agir de forma déspota, menos caso se deve fazer dela. Ao observar que, quando age dessa forma, é ignorada e não consegue nada do que exige, com o tempo acabará por se cansar. Ajudai-a a tomar consciência das suas próprias atitudes egoístas através do diálogo e da reflexão.

Há alguma recomendação a fazer aos futuros pais?

Sim, que procurem conceber os seus filhos com amor, para que estes venham ao mundo com a segurança de que vão ser amados e considerados em todos os aspectos da sua vida, sobretudo no emocional. Asseguro-vos que, se as crianças que vêm ao mundo fossem concebidas com amor, o sofrimento no mundo diminuiria grandemente.

Penso que as coisas melhoraram na actualidade em relação a épocas passadas. Refiro-me a que os pais actuais estão mais conscientes das necessidades dos filhos, engano-me?

É verdade que tem havido um certo progresso. Em épocas anteriores, os filhos vinham ao mundo principalmente pela

ignorância e inconsciência dos pais. Eram filhos postos no mundo sem um desejo explícito dos pais. Vinham acidentalmente, porque os casais mantinham relações sexuais sem nenhum método de contracepção, pois não havia nem os meios, nem a formação, que existem actualmente. Por isso, punham no mundo tantos filhos quantos biologicamente lhes era possível, o que tinha como consequência que os filhos vinham ao mundo, muitas vezes, em circunstâncias materialmente muito difíceis. A única preocupação, com que se defrontava a maioria dos pais em relação aos filhos, era a de procurar a sua sobrevivência, sendo escassa ou nula qualquer preocupação emocional. Não eram as melhores condições para se vir ao mundo, contudo, já que era necessário aos espíritos encarnar no mundo material para aprender e evoluir, aproveitavam qualquer oportunidade que surgisse. A sensibilidade desses espíritos estava menos desenvolvida do que agora, tanto em pais como em filhos, e apesar da pouca atenção emocional e sentimental que recebiam, o seu sofrimento era atenuado pela sua escassa sensibilidade.

Actualmente, em muitos países, sobretudo no Ocidente, as coisas mudaram. A percentagem de crianças que vem ao mundo acidentalmente, contra a vontade dos pais, diminui. Muitos são, mesmo, concebidos por desejo e com consciência dos pais para os ter. Face ao maior bem-estar económico no Ocidente, não se tratando de uma prole numerosa, a sobrevivência e boas condições materiais encontram-se garantidas pelos pais. São crianças que não passam nem fome, nem sede, nem frio, nem doenças provocadas pela desnutrição e falta de higiene. Contudo, continua a faltar algo fundamental, que é conceber os filhos por amor e com amor. Na maioria dos casos, os filhos ainda são concebidos por motivos distintos do amor.

Quais são esses motivos distintos do amor que levam os pais a terem filhos?

Muitas vezes, fazem-no porque há uma espécie de obrigação de continuar a linhagem familiar, ou pela conveniência dos filhos tomarem conta dos pais quando forem adultos. Há casais que chegam a uma certa idade e continuam sem desejar ter filhos, porque isso lhes acarreta alterações na sua vida, que não estão muito dispostos a fazer. Todavia, têm-nos mesmo assim, porque as suas possibilidades biológicas para os conceber diminuem com a idade. Como se diz vulgarmente, "ficam fora de prazo". Outras vezes, os filhos são concebidos como forma de segurar o cônjuge e obrigá-lo a continuar a relação conjugal quando se receia uma ruptura nessa relação, ou como manobra desesperada para tentar salvar uma relação que não funciona.

Quais são as consequências para esses filhos concebidos sem amor?

Muitas destas crianças, que vêm ao mundo concebidas sem amor, sofrerão da falta de amor dos seus pais, na forma de maus-tratos, incompreensão, desatenção, frieza e, tudo isso, os fará sofrer de sobremaneira, porque as crianças, que vêm ao mundo na actualidade, são espíritos mais avançados e sensíveis que em épocas passadas, fruto da aprendizagem adquirida numa infinidade de encarnações. Portanto, o seu nível de sofrimento face à falta de atenções emocionais, o mal-estar psicológico, é maior que em épocas passadas. E essa é a causa da maior parte do sofrimento das crianças do Ocidente, que não são amados pelos pais, por mais que os pais se tentem sempre convencer que o problema é do miúdo porque tem mau feitio. Muitas dessas crianças que sofrem acabam por desenvolver traumas emocionais ou enfermidades físicas causadas por esse sofrimento por falta de amor, sem que a maioria dos pais tome consciência disso. É preciso, portanto, que os pais tomem maior consciência e sensibilidade pelo bem-estar emocional dos filhos e, desta maneira, evitar-lhes-ão muitos dos sofrimentos que agora os flagelam.

O AMOR AO PRÓXIMO À LUZ DA LEI DO AMOR

Centrámo-nos muito nas relações pessoais, sobretudo nas relações conjugais e com os filhos, mas, penso eu, que o amor incondicional está para além das relações pessoais.

Certamente. Não existem limites para o amor. Quanta mais capacidade de amar tem um espírito, maior o número de pessoas que é capaz de amar, sem que seja importante se existem laços de consanguinidade ou não. A meta é alcançar o amor incondicional, que abarca todos os seres da criação sem nenhum tipo de distinção. Disso, já tinha falado Jesus quando vos transmitiu aquele “ama o teu próximo como a ti mesmo”, e quando disse “ama o teu inimigo”.

E porquê nos custa tanto evoluir? Quero dizer, não haverá uma forma de chegar mais rapidamente a esse nível evolutivo que nos permita amar incondicionalmente, tal como dizia Jesus?

Tudo o que temos dito gira à volta disso. Para progredir até aos níveis de Jesus, tem de ser posta muita ênfase em eliminar o egoísmo e em desenvolver os sentimentos. E isso não é nada fácil. Não é trabalho para uma só vida. São centenas de milhares de anos de evolução, milhares de encarnações. Além disso, ainda que todos os espíritos encarnem com esse objectivo, uma vez encarnados, muitos não chegam a ter consciência do motivo para que o fizeram.

Na maioria das pessoas, a consciência apenas abrange até onde chega uma vida física e, enquanto a fortuna material lhes sorrir, dedicam a sua vida à satisfação de desejos materiais. Tomam qualquer reflexão existencial como palavreado sem sentido, uma perda de tempo. Não querem fazer nenhuma mudança porque não lhes interessa deixar a vida superficial que levam.

Alguns evadem-se das suas próprias inquietudes íntimas, desenvolvendo a inteligência orientados pela educação científica materialista, e troçam ou consideram inútil qualquer tipo de indagação existencial.

Há outros que confundem espiritualidade e religião, e deixam-se levar pela religião por ser um caminho fácil, pois pensam que seguindo uns rituais, investiram o suficiente para conseguir um lugar privilegiado no "céu" e substituem o trabalho espiritual a fazer por si mesmos, pelo fervor religioso, sob o equívoco de que este último agrada a Deus.

Há pessoas em cujo interior despertam inquietudes existenciais. Muitas vezes, esse despertar é consequência de terem vivido circunstâncias na vida de muito sofrimento, a que não se resignam, e pretendem encontrar uma explicação. Não se conformam com as explicações oblíquas ou incompletas fornecidas pela religião ou pela ciência materialista sobre o sentido da vida. Porém, caem no desânimo ao não encontrarem respostas satisfatórias para as suas interrogações.

A conclusão de tudo isso é que, por desinteresse, por ignorância, por descrença, por fanatismo ou por falta de esperança, a maioria das pessoas não chega a encontrar o verdadeiro sentido da vida, vivendo sem compreender a vida nem aprender com ela, pois não a aproveita para evoluir, ou seja, escassamente faz esforços para se desprender do egoísmo e desenvolver os sentimentos.

De acordo com o que julgo ter compreendido, o budismo diz que, a causa dos males do ser humano, se deve à existência nele do desejo, e que a supressão do desejo lhe trará paz interior e avanço espiritual. Que opinião tens sobre isso?

Pois, que é preciso distinguir donde provém o desejo. Não são equivalentes um desejo egoísta e uma inquietação motivada pelos sentimentos. Algumas pessoas confundem a supressão do desejo egoísta com a anulação de todo o desejo e, então, chegam à conclusão de que devem anular a sua vontade para avançar espiritualmente, e isso é um tremendo erro, que muitos aproveitam para manipular os outros. Aquele que apelidais de Buda, sabia que a causa do mal no ser humano era o egoísmo e que era necessário a sua eliminação para se verificar avanço

espiritual, referindo-se ao desejo egoísta como aquele impulso que o ser humano deve tentar eliminar do seu interior para poder chegar a ser feliz. Porém, como sempre, com o passar do tempo, as palavras e os ensinamentos são mal-interpretados, e os seres espiritualmente não suficientemente avançados têm dificuldades na hora de distinguir o verdadeiro do deturpado, e tomam por bom um ensinamento adulterado, apenas porque está revestido de aparência de espiritualidade.

Tens algum exemplo?

A atitude em relação ao sexo. Há pessoas que julgam, porque assim se fez acreditar em muitas religiões, que o desejo sexual, por ser desejo, se deve suprimir caso se pretenda avançar, e colocam todo o seu empenho na repressão dos seus desejos sexuais, em qualquer circunstância. Isso é um grande equívoco, pois que também o desejo sexual pode despertar como manifestação do amor conjugal que traz felicidade, e do qual se estão, erradamente, a privar. Quem bem entende, dar-se-á conta de que é o desejo sexual proveniente da luxúria ou da lascívia, quer dizer, o desejo sexual egoísta, contra o qual se deve lutar para o ir vencendo. Neste caso, o avanço consiste em conseguir que o desejo da sexualidade esteja em sintonia com o sentimento, e não como manifestação de um vício. Não confundir, portanto, a eliminação da luxúria ou da lascívia, isto é, manifestações da sexualidade egoísta, com o puritanismo, que considera como algo pernicioso toda a manifestação da sexualidade. Já dissemos que também é uma manifestação de sentimento, um reflexo do amor conjugal. O puritanismo não é santidade, mas sim preconceito e repressão e aquele que mais se escandaliza com os outros é, quase sempre, quem mais se esconde de si mesmo por via de preconceitos e repressões.

Disseste, antes, que há gente que confunde a espiritualidade com a religião. Que diferença há entre espiritualidade e religião? Algumas pessoas pensam que é a mesma coisa.

Não é a mesma coisa. A espiritualidade é uma qualidade e capacidade individuais do espírito, que o estimulam a evoluir cada vez mais. Evoluir, implica desenvolver livremente a

capacidade para amar e, desta maneira, alcançar progressivamente níveis mais elevados de sentimento, sensibilidade, consciência, compreensão, sabedoria e felicidade, para entender, entre outras coisas, qual é o sentido da sua existência e do que o rodeia, o desenvolvimento da sua ligação com os restantes seres da criação e com o seu Criador, e como funciona o universo de que se faz parte, incluindo as leis que o regem.

As religiões são organizações humanas de estrutura hierárquica que se constituem em torno de uma série de crenças dogmáticas, mais ou menos verdadeiras, que não admitem discussão, que funcionam segundo critérios de autoridade, quer dizer que, quem tiver mais autoridade dentro da estrutura hierárquica, é quem tem o poder de decidir quais são as crenças verdadeiras e adequadas nas quais devem todos acreditar.

Como é possível que, sendo o amor ao próximo a base da maioria das religiões monoteístas, e com tanta gente no mundo crente em Deus, ao mesmo tempo, haja tanto egoísmo e falta de amor no mundo?

Já falámos sobre isso anteriormente. Em muitas religiões, o amor é apenas uma palavra morta, usada como engodo para cativar, que, porém, não se vive nem se demonstra com o exemplo. Além disso, fica eclipsado por outras normas e crenças a que é atribuída grande relevância, muitas delas em contradição com a própria lei do amor e restantes leis espirituais. Por exemplo, obrigando-se os fiéis a acreditar sem contestação numa série de dogmas, desrespeita-se a lei do livre arbítrio, pois se impede a liberdade de credo. As religiões são um fenómeno ligado ao egoísmo do ser humano, porque manipulam a espiritualidade individual em proveito do egoísmo de uns quantos. Em épocas passadas, as autoridades das religiões dominantes impunham o seu credo à força, e quem não se submetesse seria eliminado. Tinham tal poder, que não havia possibilidade de dissidência, sem por em risco a própria vida. Na actualidade, ainda que com menos força, a religião, em alguns

países, ainda continua a ser um jugo que oprime a liberdade do ser humano.

Queres dizer que as religiões são um obstáculo para a evolução do ser humano, no amor?

O que quero dizer é que o egoísmo humano é um obstáculo à evolução no amor, pois é tão hábil que se infiltra na espiritualidade do ser humano para a adulterar e manipular, e o resultado dessa mistura entre a espiritualidade e o egoísmo é o que dá origem às religiões. Já comentámos que muitas das religiões têm o seu ponto de partida em missões de seres mais evoluídos, que transmitiram mensagens espirituais verdadeiras que conseguiram penetrar nos corações das pessoas, mas, que, com o tempo, essas mensagens foram adulteradas e deformadas por espíritos pouco evoluídos com desejo de protagonismo e ambição, com o propósito de satisfazer as suas ânsias de poder e riqueza. Sob a influência desses seres movidos pelo egoísmo, as verdadeiras leis espirituais foram substituídas pelas leis do egoísmo, revestidas de aparente espiritualidade pelos adornos dos rituais e cerimónias.

Tens algum exemplo de como as verdadeiras leis espirituais foram substituídas pelas leis do egoísmo?

Sim. No vosso mundo, substituístes a lei da justiça espiritual pela egoísta "lei do funil", quer dizer, a parte larga para vós próprios, e a estreita para os outros. Cada um acha justo o que o favorece e injusto o que favorece os outros. Ainda que seja a mesma coisa, vede-la de forma diversa em função de serdes vós quem a faz ou serem outros a fazê-la. Justificais as vossas acções egoístas e criticais as dos outros com fervor, apesar de serem idênticas. E aquele, que estiver em melhor posição de poder, acaba por impor a sua lei aos outros. Por exemplo, os que ostentam o poder costumam gozar de privilégios que não possuem os outros, como salários desproporcionados, pensões abusivas e isenções de impostos, enquanto aos restantes cidadãos se fazem cumprir regras muito mais estritas.

Vós substituístes a lei do amor pela egoísta lei da acumulação de riqueza e pelo êxito, por isso julgais que fazer o bem é agir de forma a conseguir a satisfação das vossos interesses e anseios materiais, como o sucesso, a fama, uma vida confortável com abundância de caprichos satisfeitos e comodidades, ainda que seja à custa do sofrimento dos vossos semelhantes, e aceitais mal a mais pequena privação dos mesmos. Todavia, não é assim. Fazer o bem, se quisermos entendê-lo de forma correcta, é agir em conformidade com a lei do amor e, proceder mal, traduz todos os actos contrários à lei do amor, geralmente actos egoístas que geram sofrimento e infelicidade.

A lei do livre arbítrio, substituíste-la pela lei do mais forte. Quer dizer, o mais forte obriga o mais débil a fazer o que lhe apetecer. Por isso, no vosso mundo, se leva muito em conta quem diz as coisas, a sua posição, o seu título académico, o seu estrato social, e, menos, se é verdadeiro ou não o que diz. O humilde não é ouvido ainda que diga a verdade, enquanto o poderoso, o famoso, o bem-sucedido, o que se engrandece a si mesmo com categorias e títulos inventados pelo ser humano, pode dizer o que lhe venha à cabeça, que tudo será levado em consideração. Muitas destas celebridades transmitem mensagens falsas que servem para manipular e promover o fanatismo nas pessoas e, apesar disso, são consideradas acima dos outros. Este império da "lei do mais forte", e o pouco respeito pela lei do livre arbítrio, tornam-se bem patentes quando nos referimos às autoridades religiosas. Como é possível que pessoas, que se consideram a si mesmas espiritualmente avançadas, sejam as mais intolerantes, incompreensivas, rígidas, que apenas se empenham em cumprir escrupulosamente as normas e os rituais e em criticar os que os não seguem, que facilmente condenam os outros nos seus actos e condutas, e que tão reduzido esforço colocam em corrigir em si mesmos os seus maus hábitos egoístas?

Por acaso, a tolerância e a compreensão das ideias dos outros não é uma virtude espiritual? Onde se encontra essa virtude neles?

Porém, acho eu, que, pelo menos hoje em dia, há muitas pessoas que reconhecem esses comportamentos egoístas, que identificam a manipulação a que se sujeitou a espiritualidade no seio das religiões e que estão a empreender uma busca pelos autênticos conhecimentos espirituais.

Isso é algo de positivo, mas não é suficiente compreender. É preciso reconhecer o que é verdadeiro e separá-lo do falso, porque, mesmo que apresente um suposto selo de reconhecimento espiritual, nem tudo o que luz é ouro. Mais importante, é pôr em prática, em si mesmo, aquilo que se vai aprendendo a respeito dos sentimentos e do egoísmo, de contrário, tão-pouco se avança. Quero dizer que não confundais o progresso espiritual com o facto de se dominarem determinados conhecimentos espirituais. Se o conhecimento adquirido, que deve servir para avanço no desenvolvimento dos sentimentos, se utiliza para dar rédea solta ao egoísmo, refinadamente encoberto por uma aparência de espiritualidade, então cai-se na mesma armadilha em que caíram as autoridades religiosas.

Que queres dizer?

Quero dizer que há muitas pessoas que colocam grande empenho em adquirir e aprofundar conhecimentos espirituais de diferentes fontes. Contudo, se utilizam imediatamente o conhecimento adquirido com intenção de lucro ou como forma de adquirir fama, admiração, protagonismo, julgando-se melhores que os outros, o que estão a fazer, em vez de desenvolver os sentimentos, é a dar rédea solta à sua vaidade. E isso é ainda mais grave, não apenas por se perderem a si mesmas, mas também porque contribuem para confundir e desviar do caminho espiritual, outros, uma vez que, com o seu exemplo baralham quem as segue. Isso mesmo, denunciou-o Jesus no seu tempo, quando chamou aos sacerdotes judeus “cegos guias de cegos”. Por isso, é muito importante reparar em si mesmo antes de se lançar a “pregar” aos outros, porque quem não se observa a si mesmo primeiro, não reconhece o seu próprio egoísmo e tenta eliminá-lo, não está em condições de servir como exemplo de conduta altruísta aos outros.

Conviria bem um exemplo para esclarecer este ponto.

Vou contar-te uma história, como exemplo do que estou a dizer. Numa turma de uma escola espiritual, encontrava-se um professor com o seu grupo de 100 alunos. Tinham estado a tomar conhecimento das diferentes etapas do egoísmo dentro do processo da evolução (a vaidade, o orgulho e a soberba), e de que maneira se manifestava o egoísmo em cada uma destas etapas. Como resumo final de toda o estudo, disse-lhes: “A principal característica da vaidade é a ânsia de protagonismo, o pretender ser mais que os outros. A principal característica do orgulho é o receio de se dar a conhecer tal e qual se é. A principal característica da soberba é que, mesmo sendo-se o mais humilde de todos, ainda lhe falta ser completamente humilde”.

Depois da explicação, pediu a cada aluno que, de acordo com o aprendido, se situasse num desses três níveis e, em seguida, cada um, anonimamente, o apontasse num papel. Pediu-lhes que cada um, a seguir, colocasse o papel dentro de uma caixa, com a intenção de fazer uma contagem para analisar o nível evolutivo da turma em conjunto. O professor, depois de contabilizar os bilhetinhos e analisar os resultados, disse aos alunos: “80 de vós estão na fase da vaidade, 19 estão na fase do orgulho, e apenas um está na etapa da soberba”. Face aos resultados, os alunos, surpreendidos e contrariados, começaram a murmurar entre eles. Perguntaram-se uns aos outros qual tinha sido a sua avaliação sobre si mesmos. Chegando a acordo, escolheram um porta-voz que se dirigiu ao professor para lhe manifestar o seu desacordo em relação aos resultados.

“Professor, perguntamos uns aos outros o que foi escrito por cada um no seu bilhete e isso não corresponde aos resultados que indicaste, pois, pelo menos, dez pessoas reconheceram-se como soberbos, enquanto tu apenas contabilizaste uma”.

O professor, então, disse-lhes: “Se não concordais, fazei vós mesmos a contagem”.

Os alunos pegaram na caixa com os bilhetinhos e efectuaram a recontagem, resultando que 80 alunos se definiram na fase da

soberba, 19 votaram em branco e um definiu-se na etapa da vaidade.

À luz dos novos resultados, o porta-voz dos alunos tomou a palavra e disse: "Viste, professor? Nós tínhamos razão, pois a maioria situou-se na soberba, como te dissemos".

O professor respondeu-lhes: "Certamente que me destes o resultado da contagem, mas não me destes o resultado real".

"Não compreendemos o que queres dizer"- disse o que desempenhava o cargo de porta-voz.

Ao que o professor respondeu gostosamente "Vou dar-vos já a explicação. Os 80 que votaram pela soberba, na realidade estão na etapa da vaidade, fase que se caracteriza pela ânsia de protagonismo e por quererem ser mais que os outros. Quando souberam que a soberba era a etapa mais avançada, não quiseram ser eles os últimos, mas sim os primeiros em tudo, e identificaram-se como estando na etapa superior. Os 19 que votaram em branco, na realidade são os que estão na fase do orgulho, que se caracteriza pelo temor de se dar a conhecer. Por isso votaram em branco, pelo receio de se dar a conhecer. E o único que votou vaidade, na realidade, é o que está na etapa da soberba pois é o mais humilde de todos, já que, na dúvida, colocou-se no degrau mais baixo de todos."

Então a falta de humildade é uma característica do soberbo ou não?

A falta de humildade existe em todas as etapas, na da vaidade, na do orgulho e na da soberba, e é mais marcada na vaidade que nas outras duas, por se tratar de uma etapa menos avançada. O que acontece é que custa muito até chegar a ser verdadeiramente humilde e nem sequer espíritos já na fase de soberba conseguiram livrar-se totalmente dela. Quando dissemos que o soberbo se caracterizava por lhe faltar humildade, fizemo-lo porque, depois de ter superado todos os outros defeitos, ainda lhe falta este, como defeito principal a superar, enquanto o vaidoso e o orgulhoso têm ainda outros defeitos a superar antes de enfrentarem a superação da falta de humildade. Algumas pessoas julgam que, pelo facto de

reconhecer que lhes falta humildade, já chegaram à soberba. Na realidade, identificam-se com esta etapa, não porque gostem de reconhecer que lhes falta humildade, mas sim porque é uma etapa mais avançada que a vaidade e que o orgulho e apreciam ver-se a si mesmos no patamar mais alto do avanço espiritual, acima dos outros. E isso é uma característica própria da vaidade, o querer ser mais do que os outros, ou não querer ser menos que ninguém.

Bem, gostaria que me explicasses qual é exactamente a moral da história anterior, porque não me parece que tenha ficado muito esclarecida.

O que pretendi demonstrar com esta história é que tendes uma grande dificuldade em admitir o vosso próprio egoísmo. Por isso, vos esforçais tanto em disfarçá-lo, ocultá-lo, bem mais do que em tentar verdadeiramente aperfeiçoar, e isso faz com que estagnareis irremediavelmente porque, quem se negar a admitir o seu egoísmo, não pode superá-lo. Por isso levais muito a mal os conselhos das pessoas que vos querem ajudar e que vos indicam quais são as manifestações do egoísmo visíveis em vós. Pretendeis apenas que vos regalem os ouvidos com lisonjas, e preferis não ouvir a verdade. Louvais os que vos gabam, ao mesmo tempo que criticais os que vos dizem a verdade com a intenção de que avanceis. Assim, é muito difícil progredir.

Contudo, não é verdade que estamos a viver uma época de despertar espiritual, e que há muita gente desejosa de fazer alguma coisa pelos outros?

Há muitas pessoas hoje em dia que dizem querer despertar para a espiritualidade, e que querem fazer algo pelos outros. E isso está correcto. Porém, antes de ajudar os outros, é preciso observar-se bem a si mesmo e decidir se, o que se pretende fazer, é para ajudar os outros ou é para conquistar a sua admiração e reconhecimento. Se é a segunda, então é melhor não fazer nada. É bom analisar-se primeiro, para ver até onde chega a sua própria capacidade. Ajudar as pessoas não é assim tão fácil e requer uma grande preparação. Se não se está suficientemente habilitado, cansar-nos-emos logo às primeiras

vicissitudes ou podemos mesmo confundir os outros, em vez de os ajudar.

Entendo das tuas palavras, que cada pessoa tem uma certa capacidade de amar, e nem toda a gente pode fazer a mesma coisa pelos outros. Mas, então, qual é o primeiro passo que alguém deve dar se quiser verdadeiramente amar o próximo?

O primeiro passo é reconhecer sempre o egoísmo próprio e levar muito a sério evitar proceder com egoísmo em relação aos outros. Se este passo não for dado, é impossível passar a etapas mais avançadas. O normal é que quase ninguém quererá fazer esse trabalho de aprofundar o seu conhecimento interior e reconhecer a parte egoísta. Por isso, estagna logo no princípio do caminho e não progride, nem um passo, mais além.

Há pessoas que iniciam o percurso de ajudar os outros de forma correcta, recebendo a ajuda espiritual necessária para a exercer. Porém, acontece, muitas vezes, que as pessoas não se conformam com o que recebem, mas gostariam muito de receber mais e ter mais capacidade do que a que têm, porque lhes agrada essa situação. Contudo, a capacidade interior não aumenta da noite para o dia, mas sim com grande esforço, com muito tempo de evolução, requer muitas vidas de persistência na eliminação do egoísmo e no desenvolvimento dos sentimentos. Apesar disso, há muita gente que quer evitar esse trabalho pessoal. Gostariam que, por artes mágicas, fossem tocados por uma varinha e convertidos em magos capazes de realizar os maiores prodígios. Quereriam trasbordar já, não somente de amor, mas também de louvores e admiração dos outros, e esta ambição leva-os a imaginar que, o que desejam, é realidade. É, então, quando o seu próprio defeito as leva a acreditar que os pensamentos sugeridos pelo seu próprio egoísmo são mensagens dos guias espirituais, e que o que se está a fazer, na realidade com a intenção de obter protagonismo, é uma ajuda desinteressada prestada aos outros. Não se procura, já, avançar espiritualmente, mas sim parecê-lo. Algumas pessoas estão mais conscientes que outras, disso, pois o egoísmo tem formas muito subtis e sugestivas de nos convencer.

Se a pessoa não toma consciência disso, pensará que está a avançar espiritualmente quando, na realidade, a única coisa que está a fazer é a aumentar o seu egoísmo. Há formas de egoísmo que interferem especialmente no desenvolvimento do amor ao próximo, e, se não se combatem, as pessoas chegam a substituir a intenção de amar o próximo pela intenção de se aproveitarem do próximo.

Quais são essas formas de egoísmo que interferem no desenvolvimento do amor ao próximo?

São a perfídia, a inveja, a ambição e a hipocrisia, a ânsia de protagonismo e a arrogância.

Podemos tratar delas agora?

Sim.

Fala-me da perfídia.

Sim. A perfídia ou malevolência é o ego-sentimento que define aquele que procede com vontade ou intenção de provocar danos propositadamente, que está consciente disso e que encontra certa satisfação ou gozo quando consegue acarretar sofrimento aos outros. A pessoa pérfida costuma empregar a sua inteligência para procurar a maneira de provocar o maior dano possível sem ser descoberto e, desta maneira, desenvolve também a hipocrisia. A perfídia alimenta-se de outros ego-sentimentos, como a inveja ou a ambição, de maneira que o pérfido costuma ser ao mesmo tempo invejoso e ambicioso.

Fala-me da inveja.

A inveja é o ego-sentimento que se manifesta como a aversão ou a rejeição daqueles que possuem algo que se deseja obter. Esse algo pode ser uma posse material ou uma qualidade material, mental ou espiritual. Quer dizer, pode-se invejar alguém pela sua riqueza (posses materiais), pela sua beleza (qualidade material), pela sua inteligência (qualidade mental), pela sua bondade ou pela sua capacidade de amar (qualidades espirituais).

A inveja está muito acentuada na vaidade, posto que nasce do desejo de ser mais que os outros, o que faz com que alguém se compare constantemente com os outros, com a intenção de ser mais do que eles. A pessoa apanhada pela inveja é capaz de forjar qualquer plano para humilhar, prejudicar ou criticar aquele que inveja. O invejoso alegra-se com as desgraças dos outros e entristece-se com as suas alegrias.

A inveja manifesta-se de igual forma nos diferentes níveis de evolução espiritual, ou há matizes?

Há matizes. A inveja por posses materiais costuma ser característica desde a fase da vaidade primitiva até à avançada, ao passo que, a inveja que desperta por qualidades espirituais surge a partir da vaidade avançada e do orgulho, e inclusivamente na soberba. O vaidoso avançado pode invejar tanto no aspecto material como no espiritual. O orgulhoso inveja, sobretudo, o espiritual e o sentimental.

Como se manifesta a inveja, exactamente, no invejoso?

O vaidoso inveja aqueles que possuem bens ou qualidades que ele próprio não tem. O vaidoso invejoso tem tendência para humilhar aqueles que inveja, a difamá-los e criticá-los na frente dos outros para criar uma má imagem deles. Quer dizer, transforma a realidade, para fazer crer aos outros que está a ser prejudicado pelo invejoso, ou para justificar ou encobrir as suas agressões em relação àquela pessoa a quem inveja. Procuram conseguir os seus propósitos de desacreditar as pessoas que invejam através da sugestão, da manipulação, da vitimização, da falsidade e do engano. Se não o conseguem desta forma, podem recorrer a medidas mais directas, como à agressão verbal, à intimidação, à chantagem, à coacção e, inclusive, à violência física. Convencem-se a si próprios que têm razão, e que os seus ódios e embirrações são justificados. Acima de tudo, está a satisfação do seu desejo, e não levam em conta os danos que podem estar a provocar aos outros.

Como se manifesta a inveja no orgulhoso e o que é o que inveja, exactamente?

O orgulhoso, ao contrário do vaidoso, não costuma invejar as pessoas pelo que têm materialmente, mas antes por questões relacionadas com os sentimentos. A maior causa da inveja do orgulhoso, são as relações que envolvem sentimentos. Se ainda não encontrou o amor e não é feliz, pode ter inveja dos sentimentos de amor que existem noutras pessoas.

Exemplifiquemos. O orgulhoso vaidoso enamora-se de uma pessoa. Se essa pessoa não lhe corresponde porque ama outra, então, o vaidoso, invejará o destinatário desse amor, por considerar que o outro tem o que ele desejaria para si mesmo. Quer dizer, despertará nele uma hostilidade por essa pessoa, que considera seu rival, porque considera que o privou do seu amor. O orgulhoso apanhado pela inveja de sentimentos, esforça-se por não dar a conhecer a sua real situação sentimental. Esconde dos outros os seus sentimentos, ao mesmo tempo que, subtilmente, procura conseguir o que deseja sem o manifestar abertamente, pois tem medo da rejeição. Procurará exhibir mais valores do que o suposto rival para conquistar a pessoa que, supostamente, ama. Pode fazer uso da galanteria, dos bons modos, da insinuação, do encanto e da persuasão. Perante a impossibilidade de conseguir o seu objectivo, fecha-se em si mesmo na tristeza, na raiva, na impotência. Isola-se e rejeita a ajuda que lhe é oferecida para sair da sua situação. Pode ferir sentimentos com maior profundidade do que o vaidoso porque, como os conhece melhor, pode utilizar o seu conhecimento para provocar estragos. Por exemplo, pode intrigar, para gerar a discórdia entre o casal e dar a entender à pessoa objecto do seu amor que o seu parceiro, na realidade, não a ama de verdade. Se conseguir semear a dúvida, aproveitará para se converter em substituto. Cego pela inveja, não nota que está a ofender o livre arbítrio de quem, supostamente, ama, pois não respeita a sua vontade, nem admite que os sentimentos da pessoa amada se dirijam a outra pessoa que não a ele.

Como se pode superar a inveja?

Primeiro, admitindo que se tem inveja, reconhecendo-a. O orgulhoso está mais consciente de que inveja do que o vaidoso, pois é melhor conhecedor dos ego-sentimentos. Infelizmente, a inveja é um ego-sentimento muito frequente no vosso mundo e a maioria dos invejosos não se reconhece como tal, o que implica estagnarem, pois, quem não reconhece o seu mau hábito, não o pode modificar. Para vencer a inveja, é preciso renunciar ao desejo de ser mais do que os outros, renunciar ao desejo de possuir o que os outros têm e tomar consciência de que a felicidade não consiste em subtrair nada aos outros, mas sim em despertar as qualidades e sentimentos próprios. Precisamente ao contrário, tanto a perfídia como a inveja são uma grande causa de infelicidade, uma doença do interior, pois alimentam os ego-sentimentos mais perniciosos e mais opostos ao amor ao próximo, porque geram resistência às relações com os outros, podendo ser de maior ou menor intensidade. Pode ir desde a antipatia, à repulsa e ao rancor, até ao ódio. A impossibilidade para conseguir aquilo que se deseja, gera também raiva, desalento e tristeza.

E como se pode superar a perfídia?

É um mal que tem difícil solução através da compreensão e da tomada de consciência, pois, aquele que padece de perfídia, procede com plena consciência de que está a provocar dano. As pessoas pérfidas são seres muito obcecados em gerar sofrimento. Geralmente, até sofrerem em si mesmos aquilo que fizeram aos outros, não se começam a comover. Nesses momentos de debilidade e vulnerabilidade, um acto de amor incondicional e desinteressado dirigido a eles por parte daqueles que no passado foram suas vítimas, pode ser o detonador da mudança, porque arrasa todos os seus esquemas mentais. São seres acostumados a agir sempre de forma interessada. Não conseguem conceber que, aqueles a quem tanto dano provocaram, tendo a possibilidade de se vingarem, decidam perdoar-lhes e ajudá-los. É então, nesse momento, que a perfídia costuma ir-se abaixo e costuma ser substituída por um sentimento de lealdade inquebrável em relação às suas antigas vítimas, que lhes concederam perdão e socorreram quando

estavam necessitados de ajuda, apesar de eles saberem que não eram merecedores de clemência nem de socorro.

Fala-me agora da ambição.

A ambição é um desejo poderoso de querer possuir ou dominar. Se o objecto da posse que se ambiciona é do tipo material, então, manifesta-se em forma de cobiça e de avareza. Quer dizer que, a cobiça e a avareza são, na realidade, variedades da ambição. A ambição de poder e de domínio sobre territórios e pessoas é outra variedade da ambição. O ambicioso também costuma ser invejoso, porque aspira a conseguir estar acima de tudo e de todos e não permite que alguém lhe faça sombra. O ambicioso nunca está resignado com o que vai adquirindo e sente um desejo insatisfeito de possuir cada vez más. Pensa que, ao ir atingindo os objectivos que se propõe, conseguirá ser feliz. Contudo, uma vez conseguido o desejado, não se conforma, e procura sempre mais. Então, coloca-se objectivos ainda mais desmedidos e difíceis de conseguir.

Todavia, não há pessoas que ambicionam objectivos nobres, como a paz mundial ou a erradicação da fome ou da guerra? Agem incorrectamente?

Isso não são ambições, mas sim aspirações. A diferença entre a aspiração e a ambição, no sentido que aqui atribuímos à palavra, é que o ambicioso não se move por ideais nobres, mas sim egoístas, por isso não costuma ter escrúpulos na hora de agir. O ambicioso jamais se detém na sua ânsia de possuir e dominar, porque nunca está satisfeito com o que tem. Quer dizer que a ambição é insaciável e desmedida. O ambicioso não respeita nenhum código ético nem moral. Tem a concepção de que o fim justifica os meios e, portanto, não respeita o livre arbítrio. Por isso, costuma impor o seu critério aos outros e não admite fracassos. Aborrece-se muitíssimo quando as suas expectativas não se satisfazem e costuma usar de formas mais agressivas e ofensivas para não falhar o seu objectivo. Quer dizer, se não consegue a bem o que quer, então tenta consegui-lo a mal. Por isso, poucas vezes satisfaz a sua ambição sem prejuízo de alguém.

Como se supera a ambição?

Tomando consciência de que esse desejo forte, de querer possuir ou dominar, não conduz à felicidade, mas que apenas provoca transtorno e angústia em si mesmo e sofrimento de todo o tipo nos outros. A ambição desmedida é uma manifestação do egoísmo sumamente pernicioso. As pessoas dominadas pela ambição desmedida são as que provocam maior dano e sofrimento à humanidade e, igualmente, grande endividamento kármico em si mesmos. Os grandes criminosos da humanidade são os poderosos que pretendem ser os donos do mundo material, que movimentam os cordelinhos da política e das finanças internacionais segundo os seus caprichos, pois, nas suas ânsias de dominar o mundo, não vacilarão em tomar decisões que irão provocar sofrimento e morte a milhões de pessoas, se, com isso, aumentarem a sua riqueza e poder. Porém, não se dão conta de que todo esse sofrimento provocado se virará contra eles quando regressarem ao plano espiritual,

Tudo o que se afadigaram a conseguir, tudo, absolutamente tudo, perderão ao deixar o mundo material, e o que encontrarão ao passar para o mundo espiritual é uma enorme dívida kármica, que começará pelo padecimento, em si mesmos, de todo o sofrimento que provocaram aos outros. E até terem reparado todo o mal que fizeram, o seu espírito não deixará de sofrer, o que pode levar tanto tempo que lhes pode chegar a parecer uma eternidade.

Fala-me agora da hipocrisia.

Mais do que um ego-sentimento em si mesmo, a hipocrisia é uma manifestação da vaidade. É o desejo de aparentar ser o que não se é, de passar uma boa imagem. A pessoa hipócrita é aquela que não deseja avançar espiritualmente, mas apenas aparentá-lo com a finalidade de ser louvada e admirada. Não procura mudar, mas sim apenas dar uma imagem para o exterior. Por isso, a hipocrisia é um grande inimigo do avanço espiritual, já que a pessoa não trabalha para mudar e eliminar o seu egoísmo, mas sim para ocultar o seu egoísmo dos outros e dar uma imagem de falsa bondade. Costumam ser pessoas que

agem com astúcia para chegar a convencer de que realmente são boas e vão proceder a favor dos outros, quando, na realidade, agem para satisfazer o seu próprio egoísmo. O comportamento hipócrita é muito habitual na política, sobretudo em época de eleições, pois todos os candidatos se afadigam em dar boa imagem e aparência do desejo de melhorar as condições dos cidadãos para os convencer a votarem neles. Porém, uma vez chegados ao poder actuam para favorecer os seus próprios interesses ou os daqueles a quem devem favores. Porém, não apenas na política, em todos os âmbitos da vida existe uma tendência para dar uma imagem diferente da que se é, com o propósito de se aproveitar dos outros. Por isso, a hipocrisia é um grande inimigo do amor ao próximo, pois há muita gente que simula amar os outros quando, por detrás dessa aparência de bondade, escondem propósitos egoístas, como o desejo de reconhecimento, fama, riqueza ou poder.

E como podemos distinguir alguém que procede com verdadeira bondade de alguém que apenas aparenta?

A pessoa bondosa procede com sinceridade e desinteresse e mantém coerência entre o que diz e o que faz. O hipócrita finge e contradiz-se constantemente, já que diz uma coisa e faz outra muito diferente. Isso denuncia-o. Por exemplo, costumam gabar-se de ser humildes, quando, na verdade, a pessoa que é modesta nunca se gaba do bem que faz pelos outros. Basta-lhe fazê-lo para se sentir preenchida. Por seu turno, o hipócrita não faz nada por ninguém, a não ser que obtenha alguma coisa em troca. A pessoa hipócrita, em qualquer momento, acabará por cometer um erro que deixará a descoberto o seu intento egoísta, sendo possível desmascará-la nesse momento.

E que se pode fazer para superar a hipocrisia?

Primeiro, reconhecer que se tem e que é preciso lutar para a superar. Também seria óptimo consciencializar-se de que, na realidade, passar a vida inteira a fingir, é esgotante e provoca vazio e, portanto, infelicidade. Pensemos também que, no mundo espiritual, não há a facilidade de enganar e que ali cada

um se mostra tal e qual é e não como tenta parecer, com o que, do ponto de vista espiritual, é um esforço vão e inútil. A hipocrisia nasce do desejo de ser mais que os outros, por isso está muito relacionada com a vaidade e com o desejo de protagonismo. Quando se renuncia a esse desejo, então é possível superá-la.

Podem falar agora da ânsia de protagonismo?

Sim. Na realidade, já falámos disso anteriormente e não nos vamos alargar demasiado, pois seria repetitivo. Em jeito de resumo, podemos dizer que a ânsia de protagonismo é o desejo de ser o centro das atenções, de que os outros reparem em si. Verifica-se com maior intensidade na fase da vaidade, pelo desejo de conquistar fama, sucesso, admiração e elogios dos outros. Também se pode verificar nas fases do orgulho e da soberba, e nesses casos costuma ser motivada por um vazio de sentimentos e um desejo de ser querido. A ânsia de protagonismo, nas pessoas que estão na fase do orgulho ou da soberba, denomina-se arrogância. O arrogante é aquele que se sente superior aos outros e age com prepotência e despotismo.

Mas, haverá algo de mau em desejar ser-se querido pelos outros?

Digo-te, novamente, que não, só que essa não será a forma correcta de o procurar. Aquele que faz alguma coisa, esperando algo em troca, costuma ficar decepcionado ou aborrecer-se se esse algo não chega, com o que se torna patente que não era por amor aos outros que fazia o que fazia, mas sim por interesse. Aquele que ama verdadeiramente preenche-se com o que faz pelos outros, sem esperar reconhecimento. Também é preciso ter em conta que a decisão de alguém nos querer, não está em nós, mas sim na vontade dessa pessoa. Forçar esse sentimento em relação a nós, exigindo-o como forma de agradecimento pelo que lhe fizemos, será uma violação do livre arbítrio dessa pessoa.

Como se superam a ânsia de protagonismo e a arrogância?

Praticando a humildade.

E que é exactamente a humildade? Poderias defini-la?

Poderíamos definir a humildade como a qualidade espiritual que caracteriza as pessoas que procedem com total sinceridade, transparência e simplicidade, capazes de reconhecer os seus defeitos e erros, e que não fazem alarde das suas virtudes. A humildade é uma qualidade imprescindível desenvolver para poder ajudar espiritualmente os outros porque, sem ela, é fácil cair na egolatria ou culto a si mesmo, no envaidecimento e na arrogância.

E como pode, a falta de humildade, desembocar na egolatria, envaidecimento e arrogância?

Se, alguém que demonstra interesse por ajudar aos outros, consegue captar a atenção de um número crescente de pessoas e estiver destituído de humildade, certamente se deslumbrará consigo mesmo e ficará fascinado. Seguramente, a sua ânsia de protagonismo disparará, porque se sente o centro de atenção de muita gente. Como não reflecte sobre os seus defeitos, acabará por se julgar o melhor e que está acima dos outros. O que motiva essa pessoa nesse momento, sobretudo, é captar a atenção, a admiração e o elogio de um número cada vez maior de pessoas. Mesmo que tudo isso possa acontecer de forma tão subtil, utilizando tão bons modos, que de início apenas é perceptível para um espírito com grande capacidade de captar o interior espiritual. Ao mesmo tempo, pode despertar-lhe a inveja por aqueles que demonstrem maiores aptidões espirituais que ele mesmo, pois os considera rivais que lhe roubam seguidores. De uma maneira astuta e mal-intencionada, pode chegar a menosprezá-los, se descobrir que na comparação os seus defeitos se tornam evidentes. Também costuma elevar a uma posição de realce, porém subordinada à sua própria, aqueles que, sem possuírem capacidade suficiente, são obedientes seguidores das suas ordens. Nesse momento, a motivação para ajudar os outros fica em segundo plano, ainda que se continue a utilizá-la como enfeite para conseguir mais adeptos. E tudo isso acabou por acontecer porque não se cultivou a humildade, quer dizer, não se procedeu com total

sinceridade, transparência e simplicidade, não houve reconhecimento dos seus defeitos (ânsia de protagonismo, arrogância, inveja), e se fez alarde de supostas virtudes.

Visto dessa maneira, parece impossível amar o próximo e ajudar os outros, porque é muito difícil alcançar esse estado de humildade necessário para não se deixar apanhar pela ânsia de protagonismo. Quero dizer, é possível amar os outros e ajudar o próximo sem cair nas armadilhas do egoísmo?

Claro que é possível. Quando se fazem as coisas com o coração e se está vigilante com os próprios defeitos, para os reconhecer quando se manifestem e lutar para que não reprimam a nossa vontade. Quando não se é presumido nem pretensioso, nem se quer ir mais longe do que sua própria capacidade pode alcançar. Sempre que se pretenda ajudar o próximo, não se devem fazer as coisas com a intenção de se destacar sobre os outros, nem para entrar em competição ou comparação com o que outros fazem, mas apenas porque se fica cheio de satisfação ao verificar que essa ajuda se reflectiu no bem-estar de alguém. Essa é a forma de avançar com passo firme e seguro em direcção ao amor incondicional.

OS DEZ MANDAMENTOS À LUZ DA LEI DO AMOR.

Qual é a origem dos dez mandamentos? Ditou-os Deus mesmo, são invenção de Moisés ou obra de outro ser humano?

Deus mesmo, não. Isso seria ir longe demais. Mas, é verdade, que, aquilo a que chamais os Mandamentos originais, foram transmitidos a Moisés por seres de evolução superior. E que, pelo seu elevado nível evolutivo, podem ser considerados mensageiros de Deus.

E qual foi a intenção desses seres ao transmitir os mandamentos?

Dar umas noções básicas às pessoas daquela época, de por onde passava a espiritualidade. Mais que mandamentos, eram conselhos, pois os seres de alta evolução nem exigem, nem obrigam a nada. Mandamentos, é uma tradução equivocada, mas se vos agrada a palavra, continuaremos a empregá-la.

Homem! fico contente que, pelo menos, haja nisso algum coisa de verdade.

Isso não quer dizer que não tenham sido objecto de manipulações, modificações e acrescentos.

Bem me parecia! E o que é que foi objecto de manipulação e o que o não foi?

Se quiseres revemo-los um a um. Algumas manipulações podeis vê-las vós mesmos, pois são mais recentes e evidentes, comparando simplesmente o que diz o texto do antigo testamento, com o decálogo que permaneceu como oficial da Igreja Católica.

De acordo, comecemos pelo primeiro mandamento. Segundo a Igreja Católica, é “Amarás a Deus sobre todas as coisas”. Que tens a dizer sobre este?

É um bom mandamento, apesar de não aparecer no texto do Deuteronómio onde, supostamente, Jeová transmitiu os mandamentos a Moisés. Isso, melhor o disse Jesus, quando um

escriba do templo lhe perguntou “Qual é o primeiro mandamento de todos?” E ele respondeu: “O primeiro é: ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças”. O segundo é este: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Contudo, o texto do Deuteronómio diz “Não terás outros deuses diante mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima, no céu, nem em baixo, na terra, nem nas águas, debaixo da terra; Não te inclinarás perante nenhuma imagem, nem a honrarás

E qual é o verdadeiro?

As duas mensagens são espiritualmente avançadas. A de Moisés era uma alegação contra o politeísmo e a idolatria, tão frequentes naquela época. Pretende passar a mensagem de que existe um único Deus, e de que a adoração de imagens não tem nada a ver com Deus nem com a espiritualidade. Ou seja, diz ao ser humano “Não construas imagens para as adorar como se fossem deuses”. O de Jesus, para além de confirmar que há um só Deus, acrescenta algo mais avançado: Amarás a Deus e ao próximo como a ti mesmo, um bom resumo da lei do amor.

Se as duas estão certas, qual é o problema?

Para mim, nenhum. O problema, têm-no aqueles que acreditam, sem qualquer margem para dúvida, que os dez mandamentos da Igreja Católica estão escritos no Deuteronómio tal e qual foram transmitidos por Jeová, Javé ou como lhe queirais chamar, a Moisés, porque isso não é verdade. Aí está a fraude moderna. Se nos cingirmos ao que diz a Bíblia, o primeiro mandamento pertencerá a Jesus e não a Moisés.

E qual terá sido o motivo desta alteração?

O primeiro mandamento, segundo o Deuteronómio, diz ao ser humano: “Não construas imagens para as adorar como se fossem deuses.” Se reparardes com atenção, a Igreja Católica não cumpre este mandamento, porque põe muita ênfase na

adoração de uma multidão de imagens de santos, virgens e o próprio Jesus em mil versões diferentes. Uma maneira de evitar essa contradição, já notada por reformadores como Lutero, era simplesmente eliminar esse mandamento e substituí-lo por outro menos incómodo.

E, o que é que terá levado o catolicismo a inclinar-se para a adoração de imagens?

Já dissemos que a Igreja Católica, a partir de Constantino, absorveu costumes e rituais de religiões anteriores. Nelas era frequente a adoração de imagens dos "deuses". Era um costume muito arraigado em muitos lugares do império romano, e uma conversão forçada, como a que decretou Constantino, não podia eliminá-lo de imediato. Além disso, tão-pouco conviria eliminar esse costume, pois todo esse culto das imagens e correspondentes oferendas era uma maneira de entreter as pessoas para que não atentasse nos valores verdadeiramente espirituais, nem questionasse a sua forma egoísta de comportamento, tão oposta a esses valores. As figuras dos deuses masculinos de antanho passaram a ser Jesus e os santos, e as femininas, a Virgem e as santas. Apenas ficaram excluídas as imagens de animais, face à impossibilidade de os adaptar às figuras destacadas da nova religião. Se vos parece surpreendente o que vos digo, reparai no fenómeno mais recente, todavia semelhante, que se produziu após a conquista da América e a evangelização forçada das povoações autóctones, onde os mesmos ritos e adorações a divindades pré-colombianas continuam, só que agora os nomes dessas divindades foram substituídos pelos dos santos da Igreja. Esta é uma das razões pelas quais os judeus não adoram imagens, enquanto os cristãos católicos sim, apesar de, supostamente, estas duas religiões aceitarem como válidos os dez mandamentos.

Gostava que me falasses com maior profundidade da concepção que se tem, no mundo espiritual, dos rituais, já que os seres humanos, através das religiões, baseiam grande parte do seu credo no suposto carácter sagrado do ritual.

Os rituais são cerimoniais que o ser humano inventou julgando equivocadamente que com isso se está a aproximar de Deus, porém, na realidade, são uma barreira que impede o acesso à espiritualidade autêntica. Os rituais têm vindo a variar de época para época em função dos costumes e do nível de sensibilidade das comunidades humanas. Em épocas passadas, os rituais eram actos de barbárie aterradores pois chegava-se a torturar e sacrificar seres humanos, com a crença de que isso agradava aos deuses. Posteriormente, substituiu-se o sacrifício humano pelo sacrifício de animais, o que ainda perdura em muitas sociedades. Graças a Jesus, o sacrifício de animais, como acto ritual, caiu em desuso nas comunidades cristãs, e foi substituído por rituais menos agressivos. Contudo, saibam que nem Deus, nem os guias espirituais pedem ou necessitam de rituais ou oferendas para conceder a sua ajuda. Consideram-no como uma característica própria de humanidades pouco avançadas e entristecem-se quando, com isso, se provoca a destruição de vidas, sofrimento e dor, e, por via do auto-engano, também o provocam a si mesmos aqueles que as realizam, pois os rituais que provocam danos, como os sacrifícios humanos ou de animais, na realidade geram precisamente o contrário, endividamento espiritual, pois são actos contra a lei do amor, enquanto os inofensivos são irrelevantes do ponto de vista espiritual. Tão-pouco precisam ou pedem peregrinações a lugares santos, ou privações absurdas, como jejuns prolongados, ou flagelações, ou castigos físicos que provocam dores inúteis e põem em perigo a saúde e não beneficiam ninguém. Apenas é necessária a vontade sincera de avançar. Já o dissemos em repetidas ocasiões, mas repetimo-lo: a única coisa que permite progredir espiritualmente, é o avanço que conseguirmos na eliminação do egoísmo e no desenvolvimento dos sentimentos, e isso tem de se manifestar no dia-a-dia. Por conseguinte, não há atalhos, quer dizer, não há práticas ou rituais que permitam alcançar esse objectivo sem o esforço necessário, como a muitos agradaria acreditar. Os rituais, da mesma forma que a adoração de imagens e as preces repetitivas, do ponto de vista espiritual, tudo é em vão.

Também há pessoas que prometem a aquisição de poderes espirituais através de certos ritos ou feitiços. Que há de verdadeiro nisso?

Nada. Com certeza, trata-se de promessas falsas que apenas podem enganar os incautos. Já dissemos que possuir desenvolvidas determinadas capacidades, como a telepatia ou a clarividência, está exclusivamente ligado ao avanço espiritual no amor. Portanto, ninguém vai conseguir superpoderes através dessas práticas.

Perdoa a insistência neste ponto, mas que opinião tens sobre a feitiçaria e o ocultismo? É verdade que funcionam? Quero dizer, pode-se conseguir que certos espíritos colaborem nas súplicas que se fazem, mesmo, inclusivamente, com a intenção de fazer mal, como o mau-olhado ou o vodu? Têm algum fundamento?

Nem a bruxaria, nem os feitiços se podem considerar práticas espirituais. De igual modo que os rituais, os feitiços são uma brincadeira, às vezes inofensivo, quando o que se pede não implica prejuízo para ninguém, como aquele que pede que lhe saia a lotaria; mas, por vezes é muito macabro, pois o pedido é feito com a intenção de prejudicar outras pessoas, manifestando-se, assim, com uma intenção egoísta.

É verdade que existem espíritos negativos que se podem associar a certas súplicas de encarnados com maus propósitos, que têm o mesmo tipo de más intenções e que podem tentar prejudicar pessoas concretas. Isso não quer dizer que o consigam, pois consistiria numa violação do livre arbítrio dos encarnados se a esses espíritos fosse permitido prejudicar alguém, apenas através do seu desejo ou da vontade de outro encarnado em lhes fazer mal. Se os espíritos negativos tivessem capacidade para prejudicar quem quisessem, garanto-vos que virariam tudo de pernas para o ar sem poupar ninguém. Já referimos que o seu nível de influência é limitado, e poderão influenciar negativamente aqueles que, pelos seus baixos instintos, permitam essa má influência, ou que por medo e auto-sugestão acabem por acreditar que é real. Portanto, a melhor protecção que se pode ter contra a influência de espíritos negativos é a sua própria atitude perante a vida. Aquele que

procede de forma recta na vida, procurando não prejudicar os outros, protege-se automaticamente contra esse tipo de influências. É mais provável, que aquele que quer prejudicar os outros através da feitiçaria, ser a vítima mais frequente deste tipo de práticas, pois atrai para si mesmo a influência daqueles mesmos espíritos negativos que, perante a impossibilidade de prejudicar os outros, se alimentam daquele que lhes abriu a porta com as suas más intenções. Pela lei de causa-efeito, aquele que fez uso da feitiçaria contra os outros arrisca-se a, no futuro, ser a vítima de actos de feitiçaria de outros e, desta maneira, experimentar em si mesmo as consequências funestas do mal que provocou contra os outros.

Então, que opinião tens das pessoas que afirmam encontrar-se mal porque alguém lhes deitou mau-olhado ou porque se sentem atormentadas por algum espírito negativo?

Na maioria dos casos, isso não é verdade. É verdade que se sentem mal, todavia não é porque alguém lhes deitou mau-olhado, mas sim por cauda dos seus próprios problemas emocionais ou atitudes egoístas. Há pessoas que, ao julgar que os espíritos as podem prejudicar, ficam amedrontadas, e fabricam na sua imaginação os seres malignos que tanto temem. Isso leva-as a um enfraquecimento e depressão emocional, provocando em si mesmos o mal-estar, por auto-sugestão. Tudo isso acontece porque é mais fácil culpar do mal-estar os outros do que analisar-se em profundidade para encontrar donde vem esse mal-estar.

Mas, pode ou não haver casos reais de influência de espíritos negativos? Existem pessoas endemoninhadas ou possuídas por espíritos malignos?

Não existem endemoninhados porque o demónio não existe. As maiorias dos "endemoninhados" que aparecem nas Escrituras são, na realidade, doentes mentais, pessoas com transtornos psicológicos muito fortes, alguns dos quais devidos a terem vivido circunstâncias altamente traumáticas, enquanto outros pode tratar-se de vítimas de doenças infecciosas, como a raiva. Porém, é verdade que, quando alguém desenvolve ego-

sentimentos, pode atrair a influência de espíritos negativos que ainda os alimentam mais. E isso não acontece por lhes terem deitado uma maldição e esta se ter tornado efectiva, mas trata-se antes de um processo provocado por si mesmo. Contudo, é verdade pode haver pessoas influenciadas em maior ou menor grau por espíritos obsessores, por diferentes motivos: algumas porque pediram para contactar com espíritos negativos, outras porque têm alguma fraqueza que atrai a sua influência como, por exemplo, a adição a drogas ou porque mantêm atitudes egoístas altamente negativas. Outras influências dão-se porque o encarnado cometeu actos negativos, no passado, contra o espírito desencarnado que o importuna, e este tem o desejo de se desferrar do mal sofrido. Mas, normalmente, essa influência é bastante limitada, geralmente limita-se a provocar pensamentos negativos na mente da vítima e nunca chega a converter-se em possessão. As pessoas que têm o dom da mediunidade podem ser molestadas de uma forma mais agressiva pelos espíritos negativos, pois, a sua própria natureza facilitadora de contacto com o mundo espiritual, as predispõe a que esse contacto seja mais intenso. Contudo, isso apenas acontecerá no caso de elas se deixarem levar por baixos instintos ou atitudes perversas. Os casos de possessão, que se vêm nos filmes de terror, são pura fantasia.

Nesses casos, como é possível a alguém libertar-se da sua influência? Os chamados “exorcismos” têm algum poder para libertar das influências dos espíritos negativos?

Já o dissemos. Se houver algum espírito negativo a atormentar, costuma ser reflexo de, lhe termos permitido entrar, pela nossa atitude. Uma mudança de atitude positiva, quer dizer, mediante o abandono dos maus hábitos gerados pelo egoísmo, libertar-nos-á dessa influência, e não através da prática de qualquer mágica ou ritual determinado, como aquele a que chamais exorcismo, o qual, além de ser inútil, também redundante em ridículo.

As limpezas energéticas, baseadas na transmissão de energias à pessoa afectada, podem servir de ajuda para livrar da influência de um espírito negativo?

Ajudam, se o transmissor dessas energias for um bom canal energético e não usar a sua capacidade com fins egoístas, pois os espíritos avançados podem actuar através dele para o libertar daquela influência. Porém, se essa pessoa permanecer na sua atitude negativa, esse efeito será passageiro. Portanto, não depende dos outros, mas sim de si mesmo, libertar-se das influências dos espíritos negativos.

Há pessoas que são sensíveis e que podem perceber ambientes onde haja espíritos negativos, sem que se trate de uma má atitude deles próprios?

Sim. Podem sentir-se cansados e esgotados. Porém, esse mal-estar será passageiro e desaparecerá logo que se abandone o local. Quer dizer, que não vão “apanhar” nenhum espírito negativo para os atormentar pelo facto de terem estado num ambiente frequentado por espíritos de baixa vibração, como pensam algumas pessoas. Às vezes, esse mau ambiente é provocado pelos próprios encarnados com os seus ego-sentimentos. As pessoas sensíveis podem captá-lo e sentirem-se mal, contudo será apenas uma sensação passageira.

É verdade que alguns espíritos provocam os chamados “fenómenos paranormais”, como objectos que se movem, luzes e aparelhos que se ligam sozinhos ou, inclusivamente, vozes ou imagens que se detectam em dispositivos de vídeo e áudio, e que provocam um grande temor naqueles testemunham esses fenómenos?

Sim, mas isso não significa que tenham uma intenção negativa. Às vezes, são apenas espíritos que tentam contactar com os encarnados porque querem dar a saber que continuam vivos. Costumam ser pessoas que desencarnaram recentemente, que ainda estão agarrados à vida física e que não querem abandonar o ambiente em que viveram nem as relações que tiveram, e tentam chamar a atenção dos seus mais chegados para lhes fazer saber que continuam vivos. Tentam falar-lhes e

tocar-lhes, porém, como as suas possibilidades de comunicação e contacto com os encarnados são limitadas (depende da sensibilidade do encarnado), estes não se apercebem da sua presença. Às vezes conseguem interferir com os aparelhos que funcionam a electricidade (acendem e apagam lâmpadas, o televisor, o rádio), pois é-lhes mais fácil interagir com a energia do que com a matéria. Inclusivamente, às vezes, podem mudar objectos de sítio com o contributo da energia de algum encarnado que possua alguma espécie de faculdade mediúnica. E tudo isso assusta muito os encarnados, pela ignorância do que se está a passar, quando, na realidade, não é costume haver má intenção, mas apenas desejo de chamar a atenção e inconsciência quanto ao medo que podem causar nos encarnados.

Pode-se, de alguma maneira, ajudar esses seres desencarnados para que se dêem conta da sua situação e possam continuar a seguir o seu caminho no plano espiritual?

Isso depende mais deles do que de vós, porque no plano espiritual têm a ajuda de que necessitam para prosseguir, mas às vezes têm dificuldade em se desligar dos laços que os prenderam ao mundo material. Os espíritos que lhes dão assistência esperam que, de sua livre vontade, decidam continuar o caminho.

Também é positivo falar-lhes mentalmente, porque nesse estado eles captam os pensamentos. Se lhes explicardes qual é a sua situação, ou seja, que já deixaram a vida física (alguns estão tão confusos que nem sabem que já desencarnaram), e que não podem ficar indefinidamente aqui, que devem aceitar a ajuda dos companheiros e seres queridos do plano espiritual. O que mais os pode ajudar é evitar os sentimentos de pena e desolação pela perda, porque isso retém os menos preparados. O desencarnado sente compaixão quando os seres queridos sofrem pela sua ausência, e causa-lhe pena deixá-los sós nesse estado. A superação desse estado de perda e dor permite-lhes prosseguir com mais tranquilidade.

Pode-se contactar com esses familiares desencarnados através de médiuns ou videntes que sirvam de intermediários?

O contacto pode-se estabelecer espontaneamente através de sonhos ou vivências conscientes, porque o falecido costuma desejar despedir-se do encarnado e aproveita os momentos de maior sensibilidade para contactar. Se isso não suceder espontaneamente, não faz sentido provocá-lo. Por vezes, a ânsia de contactar com os falecidos é tão grande que se cai nas mãos de oportunistas que, depois de paga uma certa quantia em dinheiro, prometem o pretendido contacto com o ser falecido e, muitas vezes, tal contacto não é real. É apenas um simulacro. Não vos deveis preocupar, se não houver evidências imediatas de contacto com o vosso ser querido desencarnado. A morte não existe, e todos os falecidos continuam a sua vida no plano espiritual, mesmo que não se tenha tido esse contacto. Se não se verificar, por vezes é devido à vossa falta de preparação para que aconteça. Muitas vezes, o desgosto invade-vos e bloqueia-vos a percepção do que o vosso ser querido vos quer transmitir. Um contacto, nesse momento, poderia aumentar-vos ainda o sentimento de perda e prolongar, ainda mais, o período de luto e, assim, o sofrimento. Superai o desgosto e, então, talvez possais ter aquilo que desejais. Durante o sono, desprendeis-vos do corpo físico e podereis alcançar até onde eles estão. Se estiverdes sensíveis e receptivos, recordar-vos-eis dessa experiência.

E que opinião tens dos videntes e das pessoas que afirmam conseguir adivinhar o futuro ou penetrar no passado, através da quiromancia, do tarot e de outras técnicas semelhantes?

O futuro não está escrito. O acesso às recordações do passado e às possibilidades do futuro de cada pessoa em particular, o que se denomina "registos akáshicos", ainda que sendo possível, é algo muito restrito. É permitido ao encarnado aceder, excepcionalmente, ao seu registo pessoal, mas não ao de outras pessoas, e, somente, se isso puder ser considerado vantajoso para a sua evolução. Esse acesso acontece, geralmente, enquanto se está a dormir, e recorda-se a experiência como um sonho ou premonição, podendo também ocorrer às vezes como

visões num estado de relaxamento profundo. Contudo, não acontece quando se deseja, mas sim quando o mundo espiritual o considere oportuno.

Que fique claro que os espíritos-guia não proporcionam o acesso a este conhecimento para satisfação da curiosidade, da cobiça ou de algum tipo de interesse egoísta, que é o motivo principal pelo qual as pessoas querem saber coisas sobre o seu futuro ou o seu passado. Apesar disso, é assombroso observar a quantidade de pessoas que afirmam poder penetrar nos registos akáshicos dos outros, muitas vezes após prévio pagamento de uma certa quantia, e poder conhecer o passado e o futuro de uma pessoa com enorme facilidade, apenas com o lançamento de umas cartas à sorte, ou abrindo ao acaso um livro, ou interpretando a posição das entranhas de um animal sacrificado ou qualquer outro tipo de jogo ou ritual mais o menos macabro. Tudo isso é falso, claro.

Contudo, não é verdade que alguns desses videntes acertam nas suas previsões?

Na maioria dos casos, não. A aparência de acerto provém do facto de o suposto vidente agir com astúcia, sabendo preparar o cliente, sacando-lhe a informação necessária para lhe poder dizer o que ele quer ouvir. E cliente satisfeito é cliente seguro, que voltará para pagar com prazer o preço da sessão. Quem pode acreditar que o seu destino ou o seu futuro possam estar escritos numas cartas atiradas ao acaso? Não acontecerá que voltando-se a atirar as cartas, depois de as baralhar, aparecerão sequências diferentes de cartas? Quer isso então dizer que o seu futuro já vai ser diferente? Usai de bom senso e logo vos ides dar conta de que o *tarot*, por exemplo, não é mais do que um jogo. Quem pensa que, ao deitar umas cartas, pode adivinhar o futuro ou penetrar no passado, é como aquele que julga que, por jogar bem o Monopólio, é um economista ou o que joga bem videogames de aviões já julga que é piloto. Não mistureis os jogos com a espiritualidade, nem deis credibilidade àquilo que não tenha fundamento. Tudo isso não é espiritualidade e, se não

se estiver consciente disso, podem-se misturar verdades com mentiras e confundir espiritualidade com superstição.

E nessa minoria de casos em que acertam e é verdade o que dizem? Por exemplo, quando dão certos detalhes da vida de alguém que estão certos, qual é a explicação?

É verdade que algumas dessas pessoas têm o dom da mediunidade, porém estão a utilizá-lo incorrectamente, pois a mediunidade é um dom espiritual que não se deve utilizar em vão nem com intenção de lucro e, muito menos, exercê-lo como profissão. Alguns espíritos, pouco avançados, entusiasmam-se com isso, porque se divertem ao ver a reacção dos clientes quando acertam em algo do seu passado. Porém, se acertam, não é porque o vejam nas cartas, mas sim porque esses espíritos passam alguma informação que está certa, para ganhar a confiança do cliente, não significando que tudo o que é dito seja verdade. Também há pessoas com mediunidade, que não têm má-fé no que fazem, mas que pela sua ignorância se deixaram levar pelo egoísmo do mundo e misturaram a sua verdadeira capacidade com práticas aprendidas na terra. Nestes casos, costumam receber assistência de alguns espíritos, que apesar de não serem muito avançados, não têm má intenção.

Qual é a tua opinião sobre a Astrologia, quer dizer, a influência dos astros na vida das pessoas? E sobre os horóscopos e as cartas astrais? É verdade que sabendo-se a data e hora de nascimento de uma pessoa se podem predizer traços da sua personalidade ou de acontecimentos que se passarão na sua vida?

É verdade que todos os seres da criação estão interligados e que os astros possuem uma aura energética que influi nos restantes astros e nos seres que os habitam. Também é verdade que a sua influência se torna mais intensa quanto mais próximo se está deles, do mesmo modo que a força da gravidade se faz sentir em maior ou menos medida em função da proximidade ou afastamento da Terra. É verdade, igualmente, que determinadas influências astrais podem ser mais ou menos

favoráveis para a realização de determinados trabalhos espirituais e, por saberem isso, os espíritos avançados podem escolher determinadas épocas mais favoráveis para desempenhar certos trabalhos do plano espiritual. Todavia, de notar que são apenas influências, não determinações. O corredor da maratona deseja sempre uma temperatura agradável e uma humidade moderada para a competição, porque sabe que são as condições mais adequadas para conseguir uma boa marca. Porém, não é o tempo favorável que o torna num bom corredor de maratona, como não é o tempo desfavorável que vai fazer dele um mau corredor. A influência limita-se a afinar a sua marca. Pois, o mesmo acontece com as influências astrológicas. O espírito avançado sê-lo-á independentemente da posição dos astros no momento do seu nascimento, e o que o não for, tão-pouco uma posição favorável dos astros o vai converter num espírito avançado. Quem é que pode imaginar que um espírito, que vai encarnar brevemente, vai ter uma vida diferente ou a sua personalidade vai ser diferente pelo facto de nascer duas semanas antes ou depois? Não dissemos já que, a personalidade e o avanço espiritual desse ser, é fruto da sua aprendizagem espiritual conseguida em inumeráveis encarnações? Como poderemos pensar que os acontecimentos da sua vida estejam predeterminados pela data do seu nascimento, quando estamos a dizer que as provas são escolhidas e se preparam livremente antes de encarnar, e que depende da sua vontade e liberdade superá-las ou não? Que fique claro uma coisa: o futuro não está escrito. Se o futuro do ser humano fosse decidido pela data do seu nascimento, onde estaria então o livre arbítrio? Se vos concentrais muito no que é acessório, passar-vos-á ao lado muito do que é realmente importante.

Bom, falemos do segundo mandamento. Não invocarás o nome de Deus em vão. Que há a dizer sobre este?

Este, sim, está no Deuteronómio, ainda que mal traduzido. A tradução literal do hebreu é “não utilizarás o nome de Deus para enganar”. Portanto, o problema deste mandamento não é o mandamento em si, que está certo, mas sim a interpretação que

se fez do seu significado, que tem a ver com a alteração que sofreu a tradução do hebreu original. Disto já falámos anteriormente, mas vamos fazê-lo de novo agora com maior profundidade, porque é muito importante. Muita gente julga que “não invocar o nome de Deus em vão” quer dizer que não se deve utilizar o nome de Deus em expressões vulgares, apesar de serem muito correntes na linguagem popular. Ofendem-se enormemente quando ouvem alguém pronunciá-las, sem pensar que, quem as diz, nem sequer lhe atribui qualquer significado. Consideram que se trata de uma ofensa a Deus quando, na realidade estas expressões, ainda que manifestando vulgaridade e falta de gosto, são inofensivas e não têm nenhum tipo de consequências espirituais. Contudo, o verdadeiro significado deste mandamento é “Não utilizarás o nome de Deus para justificar propósitos egoístas”.

Uma prática comum da humanidade tem sido e continua a ser desrespeitar este mandamento. Em nome de Deus, cometeram-se as maiores atrocidades. Inclui-se nisto, desde sacrifícios de seres humanos às divindades, em rituais, “matanças de infiéis”, guerras “religiosas” ou Cruzadas, evangelizações forçadas, perseguições, torturas e assassinatos de “hereges”, até à exploração do ser humano, para enriquecer as elites do poder religioso, e a manipulação das crenças religiosas, para se aproveitarem dos fieis ou gerar discórdia e lutas entre os humanos. Tudo isso são propósitos egoístas muito prejudiciais que a humanidade tem cometido, utilizando o nome de Deus. Isto é que é, a nível espiritual, realmente grave e de consequências funestas. E é esse o engano, fazer crer ao mundo que é Deus quem manda fazer tudo isso, quando tudo é fruto do seu egoísmo. É inaceitável fazer-se crer, como, até, nas próprias escrituras sagradas, que Deus mandava o povo de Israel cometer genocídios contra outros povos, ou que o próprio Deus, ou Moisés, considerado enviado de Deus, enviaram pragas para provocar a morte dos primogénitos do Egito, para obrigar o faraó a libertar o povo de Israel. Se isso tivesse sido assim, teríamos de admitir que Deus e Moisés se comportam com a mesma crueldade e desprezo pela vida, como qualquer sicário, assassino e genocida humanos.

Ainda que seja desviarmo-nos do assunto, picou-me a curiosidade, quando falaste de Moisés e do faraó. Se não foi assim que as coisas se passaram, o que é que aconteceu, então, na realidade? Porque, isso, das pragas do Egipto é considerado uma verdade absoluta dentro da religião.

Aconteceu que, Moisés convenceu o faraó do Egipto a deixar partir os hebreus porque, nessa altura, andavam de boas relações.

Então os hebreus não foram perseguidos pelo faraó com um exército para acabar com eles?

Foram perseguidos, não pelo faraó e o seu exército, mas sim por gente poderosa do Egipto que não estava de acordo com a decisão do faraó. Quando se aperceberam da sua partida, juntaram uma força de mercenários para os perseguir. Tencionavam apanhá-los já fora dos domínios do Egipto para evitar confrontarem-se com o faraó.

E que aconteceu depois? A Bíblia diz que foi Moisés, com a ajuda do poder divino, quem separou as águas do mar Vermelho para que o povo hebreu atravessasse e, logo a seguir, deixou-as cair sobre os egípcios, que morreram afogados.

Não foi bem assim o que aconteceu. Em primeiro lugar, não é verdade que Moisés separasse as águas. O trajecto que Moisés concebeu, implicava a passagem por uma zona que normalmente se encontra debaixo de água, mas que, ocasionalmente, por efeitos do clima e das marés baixava temporariamente de nível, permitindo a travessia em certos sítios. Isso era do conhecimento dos conselheiros de Moisés, que o informaram de quando iria acontecer. Simplesmente esperaram a descida da maré, para fazer as malas e partir. Inclusivamente, operários do faraó colaboraram para preparar as zonas de passagem. Quando os perseguidores, que levavam vários dias de atraso, chegaram a esse ponto, a maré já tinha começado a subir. Era evidente que se entrassem nesse sector a maré os iria apanhar. Se tivessem usado de bom senso, não teriam atravessado. O que aconteceu foi, simplesmente, a maré subiu

enquanto estavam a atravessar, e afogaram-se. Como vês, não teve nada de sobrenatural o que se passou. Não morreram pela ira de Deus, como se fez crer. Morreram pela sua própria ira, porque foi mais forte o desejo de apanhar os hebreus, para acabar com eles, do que o bom senso de preservar a própria vida.

E por que razão a Bíblia conta uma história diferente?

Já te tinha dito que tudo é manipulável por interesses egoístas. É de ter em conta, que os textos sagrados apenas eram acessíveis aos sacerdotes. Quando já tinham morrido todos os que tinham estado lá, era relativamente fácil alterar a história, com o intuito de favorecer os seus interesses. Aos mandatários da igreja hebraica, como costuma acontecer com outros, interessava-lhes introduzir, no corpo do povo, o medo a Deus, para que fosse submisso e não resistisse ao seu controlo. Por isso criaram essa figura do Deus castigador e do seu braço executor implacável, Moisés. Uma vez criado o mito, quando queriam forçar o povo a obedecer-lhes, dizer-lhes, que era a palavra de Deus transmitida por Moisés, era suficiente, para que se porem a tremer e acatarem por medo.

Ufa! Gostaria de saber mais sobre o que aconteceu na realidade nessa época da história, pois que isso teve tanta influência nas crenças religiosas da humanidade.

Agora não é a altura certa, pois iríamos desviar-nos do assunto de que estamos a tratar, que é muito importante. O que te contei toma-o como uma amostra de como o ser humano, para satisfazer o seu egoísmo voraz, é capaz de manipular tudo, inclusive os ensinamentos espirituais, e até de transmitir um conceito de Deus e dos seus enviados totalmente equívoco e aterrador.

Parece-me, então, que foram as autoridades religiosas, sobretudo as do passado, quem mais frequentemente infringiu este mandamento, não?

Do passado e do presente. Ainda que agora seja feito de forma mais subtil, continua a ser utilizado o nome de Deus com

propósitos egoístas. Continua a utilizar-se o nome de Deus para justificar dogmas religiosos espiritualmente falsos e que impedem o progresso espiritual do ser humano. Continua a ser utilizado o poder que confere o estatuto de alto cargo eclesiástico, para cometer abusos e crimes de todo o tipo, ainda que muitos deles sejam cometidos, agora, na clandestinidade pois, a serem descobertos os seus autores, seriam levados perante os tribunais. Também o poder político faz uso da religião quando lhe convém, para convencer os seus concidadãos dos seus propósitos egoístas e conquistadores, por exemplo, irem à guerra. Convencem-nos de que é Deus quem lhes pede esses sacrifícios, que está do seu lado e os vai proteger durante a batalha. Porém, não são apenas as autoridades religiosas e políticas que infringem este mandamento, ainda que, por terem maior influência, sejam as que provocam maiores danos. Também, de forma individual, os comportamentos egoístas e hipócritas que, sob a aparência de ortodoxia religiosa ou de espiritualidade, restringem a liberdade e a vontade humanas, e que obedecem ao desejo egoísta de controlar e manipular os outros, são uma infracção desse mandamento. Igualmente, aqueles que pretendem utilizar as crenças religiosas ou espirituais para benefício próprio, estão a infringir este mandamento. Por isso, se desenvolvermos correctamente o mandamento de “Não invocarás o nome de Deus para justificar propósitos egoístas”, chegaremos à conclusão de que isso implica, similarmente, dizer “não negociarás com a espiritualidade”. Quer dizer, aquele que negocia com a espiritualidade, também infringe esse mandamento.

Que queres dizer exactamente com “negociar com a espiritualidade”?

Refiro-me a que a espiritualidade é uma característica inerente a todo o espírito pelo simples facto de existir. É um dom, uma qualidade que o mundo espiritual confere a cada ser, para que seja a força e o guia que o impele a evoluir. A espiritualidade não pertence a ninguém em particular, mas sim a todos em geral. Visto que nos foi dada de graça, de graça a devemos utilizar. Portanto, não pode ser objecto de comércio. Seria como

se alguém se conseguisse apropriar do ar e quisesse cobrar aos outros pelo direito a respirar. Se temos ao nosso alcance a capacidade e os conhecimentos espirituais, mas permitimos que o egoísmo, através da mente, se apodere deles, então, o que devia ser feito como uma missão espiritual de ajuda aos outros e para sua própria evolução, de forma desinteressada, converte-se numa ocupação material da qual se retira proveito e lucro. Tão-pouco se deve fazer comércio com os dons que provêm do mundo espiritual, como a mediunidade em todas as suas manifestações, o que inclui a transmissão de energias, nem com as ajudas e contactos que se recebem do mundo espiritual, pois tudo nos é dado como auxílio para a nossa evolução, não como uma mercadoria com a qual fazer negócio. A quem faz mau uso de um dom espiritual, é retirada a assistência espiritual, pois os espíritos evoluídos não colaboram com propósitos egoístas.

Bom, há pessoas que dizem que o seu objectivo não é enriquecer, mas que, depois de ter encontrado a sua vocação no mundo espiritual, querem dedicar-se totalmente a ela, pelo que não dispõem de tempo para outra actividade e, como precisam de algo para seu sustento, necessitam de cobrar pelo que fazem espiritualmente. Que te parece isso?

E quem lhes disse que estavam dispensados de trabalho material? Se a evolução espiritual respeita a todos, e se todos tomassem a decisão de abandonar as suas actividades para se dedicarem "ao espiritual", de que viveria o mundo? Muita gente da actualidade julga que a sua transformação espiritual passa pelo abandono do trabalho material e pela dedicação exclusiva ao que eles chamam trabalho espiritual. Perante a falta de rendimentos provenientes de um trabalho material, julgam justificado fazerem-se pagar pela transmissão de conhecimentos e aconselhamento espiritual, porém isso não é assim. A evolução espiritual é totalmente compatível com o trabalho material, e ninguém está dispensado dele, a não ser por motivos de doença, velhice ou incapacidade física ou psíquica. Não utilizeis a espiritualidade para iludir as responsabilidades próprias da vida como encarnado, como a do trabalho, pois aquele que ilude o trabalho dando com

desculpa a ocupação espiritual, demonstra preguiça e interesse, não elevação espiritual. É obrigatório para toda a gente trabalhar para subsistir, e toda a gente tem direito a receber a justa remuneração por isso. O que não é legítimo é fazer do trabalho espiritual uma profissão material.

Estás a dizer-me que, do ponto de vista espiritual, está errado profissionalizar-se a espiritualidade?

Sim, está errado. A profissionalização da espiritualidade, como tu lhe chamas, foi o que esteve na origem da religião e do sacerdócio. Os sacerdotes acreditaram e fizeram os outros acreditar que, por fazerem um suposto trabalho espiritual (que na realidade tão-pouco o é, porque, dedicar o tempo a celebrações e à adoração, é um trabalho espiritualmente inútil), estavam isentos de trabalho material, e que, para se manterem, precisavam que os crentes ou fiéis lhes levassem o dinheiro que eles não eram capazes de ganhar. Repito-o, ninguém se deve julgar dispensado do trabalho material para se dedicar em exclusividade ao trabalho espiritual.

Pois, a Igreja Católica baseia-se, em que é necessário fazer as coisas dessa maneira, no exemplo de Jesus e dos seus apóstolos.

Em que exemplo? Jesus era filho de carpinteiro e trabalhou na carpintaria do seu pai enquanto aí viveu. Ainda que sendo verdade que, quando começou a sua intensa missão, não tinha tempo para exercer a sua profissão de carpinteiro, jamais cobrou nada pelo espiritual nem pediu a ninguém que o mantivesse. Tão-pouco o fez nenhum dos apóstolos. Cada um levava o que tinha e nenhum deles deixou de se encarregar das suas obrigações familiares e laborais, já que conciliavam o seu trabalho material com o espiritual. De notar que nenhum apóstolo era sacerdote judeu, que eram os únicos que não trabalhavam. Enquanto eles foram vivos, jamais se estruturou como igreja, nem se proclamaram sacerdotes, nem pediram a ninguém que os mantivesse. Simplesmente viviam humildemente e repartiam o que tinham. Se, precisamente, os sacerdotes judeus tinham tanto rancor a Jesus e aos seus seguidores, era

porque, em consequência das suas pregações, muita gente deixou de frequentar o templo para aí fazer os sacrifícios de animais, que era o negócio que mais lucro dava ao clero judeu.

Em que ponto errou a igreja, neste caso a Igreja Católica, para se converter em quase a mesma coisa que a Igreja Hebraica, contrariando o que os seus fundadores fizeram e anunciaram?

Já dissemos que Jesus e os seus apóstolos não fundaram nenhuma igreja nem tinham nenhuma intenção de o fazer. Foram os outros que vieram depois que, fazendo um mau uso da mensagem espiritual que os seus antecessores lhes legaram, criaram essa instituição. Até na maneira de falar, se manifesta a importância que vós dais às instituições religiosas, pois falais delas como se tivessem vida própria. Tende em conta que as igrejas, verdadeiramente não existem, pois não têm nem consciência, nem vontade, em si mesmas. Portanto, nem fazem bem nem mal. São apenas estruturas materiais criadas e dirigidas por seres humanos concretos, ainda que variem de umas épocas para as outras. Afortunadamente, a brevidade da vida física impede-os de se perpetuarem no poder para além de umas quantas décadas. Melhor devias perguntar, que fez o ser humano para transformar a mensagem espiritual verdadeira, que lhe foi transmitida para ser usada no seu crescimento espiritual, em precisamente o contrário, quer dizer, numa doutrina que o transforma em escravo, que anula a sua vontade e liberdade, que fomenta a exploração, o fanatismo e a desigualdade entre os seres humanos? A Igreja foi pensada, criada e perpetuada no tempo por espíritos que se deixaram orientar pelo egoísmo. Na realidade, foi simplesmente uma reconversão de formas de opressão anteriores que tomaram pela força o controlo de um movimento espiritual que lhes escapava das mãos. E, pouco a pouco, conseguiram-no.

Que queres dizer com ter sido uma reconversão de formas de opressão anteriores que tomaram pela força o controlo de um movimento espiritual que lhes escapava das mãos?

Pois que, depois da morte de Jesus, a sua mensagem de amor incondicional se espalhou rapidamente, tendo-se os seus

seguidores encarregado de fazer chegar a sua mensagem até onde parecesse haver o desejo de ser ouvida. Com o passar do tempo, o número de adeptos da mensagem de amor incondicional multiplicou-se enormemente. Os poderosos daquela época viram uma ameaça neles, pois a sua doutrina preconizava a igualdade e a fraternidade entre os seres humanos, e isso revelava a forma como eles procediam. Por isso, vários imperadores romanos lançaram perseguições contra eles. Todavia, apesar das matanças, o número de cristãos, como foram designados, não parava de crescer. E, face à impossibilidade de destruir esse movimento a partir fora, decidiram infiltrar-se nele para o controlar e fazer mudar de rumo. Um dos feitos mais notáveis desta nova estratégia, aconteceu durante o mandato do imperador Constantino, que, supostamente, se converteu à nova doutrina e decretou a conversão forçada do império ao Cristianismo. Porém, esse Cristianismo, que já se encontrava adulterado pela passagem do tempo, ainda se corrompeu mais a partir de então, porque já não tinha de ser uma doutrina de pobres e escravos, mas ser compatível com a riqueza e o poder. E, como o não era, alteraram-na de uma ponta à outra para que o fosse. Chegamos novamente à raiz comum a todos os males da humanidade: é o egoísmo humano o principal problema. Foram esses mesmos espíritos egoístas, que se erigiram a si mesmos em autoridades morais, os que fizeram crer aos outros que era importante acolher a Igreja e torná-la grande e poderosa, incitando as pessoas a dar, até a sua vida, e a tirar a vida aos outros por ela, acreditando que isso agradaria a Deus. E isso tem sido uma grande farsa, apenas sustentada pela ignorância, pelo medo e pelo fanatismo de seres ainda pouco avançados espiritualmente. Reparai na realidade, essas estruturas a que chamais igrejas, não significam nada nem para Deus nem para o mundo espiritual, pois que ao mundo espiritual apenas interessa o que tem vida espiritual. Em poucas palavras, a Deus, interessa o ser humano e não a Igreja. Portanto, não desperdiceis a vossa vida a esforçar-vos no engrandecimento de instituições religiosas ou espirituais, seja para as fazer crescer materialmente ou em número de fiéis. Isso é um esforço inútil do

ponto de vista espiritual que não vos servirá de nada para a vossa evolução. Esforçai-vos, antes, por erradicar o egoísmo do vosso coração e por desenvolver os sentimentos, pois é a única coisa pela qual vale a pena lutar e a única coisa que permite ascender na escala evolutiva espiritual.

Sim, mas haverá algo em concreto, alguma manifestação desse egoísmo, que pudesse ter sido evitada para que se não tivesse chegado a esta situação? Quero dizer, que factos concretos podem ser considerados acções egoístas e que contribuíram para criar uma instituição como a Igreja?

O facto principal foi ter criado uma igreja ou religião tomando como base a mensagem espiritual que Jesus transmitiu. Como já foi dito, Jesus nunca teve intenção de criar nenhuma igreja, apenas de transmitir uma mensagem muito simples à humanidade: desenvolver os sentimentos e eliminar o egoísmo. Isso é um trabalho individual e que não requer a criação de nenhuma estrutura material.

Darias algum conselho para evitar que volte a acontecer no futuro?

Não vos agrupeis sob nenhuma bandeira. Porque o ser humano tem tendência para, logo a seguir, fazer distinção entre os que são do seu grupo e os que não são, favorecendo os do seu grupo e discriminando os outros, seja por questões de crenças religiosas, políticas ou de patriotismos. E esse é um comportamento de egoísmo colectivo. Uma das consequências que o conhecimento da realidade espiritual deveria trazer, seria descobrir que todos os seres humanos são irmãos. Colocar etiquetas nuns e noutros, apenas conduz a gerar diferenças que, sempre, com o tempo, se utilizam como desculpa para provocar discórdias e lutas.

Não sei a que te referes.

Refiro-me a que os seres humanos utilizaram as crenças religiosas para se diferenciarem uns dos outros até ao ponto de, com base nelas, se terem enfrentado e continuarem a enfrentar em guerras fratricidas. Praticamente não há combinação que ainda

não tenha acontecido: judeus contra muçulmanos, cristãos contra muçulmanos, cristãos contra judeus. Dentro do Cristianismo, católicos contra protestantes, dentro do Islão, xiitas contra sunitas. O curioso é que todas estas religiões dizem acreditar num só Deus, e reconhecem Abraão como primeiro patriarca e Moisés como profeta de Deus, que recebeu a lei de Deus para a dar aos homens.

Tão-pouco, procurai afastar-vos da sociedade ou criar comunidades isoladas das restantes pessoas. Precisamente ao contrário, tentai transformar a sociedade, para que esta cada vez mais se harmonize com as leis espirituais, sobretudo com a lei de amor. Todo o ser humano tem direito à liberdade e à felicidade, e não se deve excluir ninguém desse direito. Se vos isolais do mundo, criando comunidades fechadas, estais a impedir outros seres humanos de alcançarem os mesmos êxitos de que vós mesmos conseguistes beneficiar.

Porém, não acontece que, envolvendo-se no mundo, se dispersa a unidade de acção e se corre o risco de contágio com maus hábitos espirituais? Por acaso, os primeiros cristão e, inclusivamente antes deles, os essénios, não se agruparam em comunidades isoladas?

Se, os primeiros cristãos ou os essénios, se refugiavam em lugares afastados das cidades da sua época, era para salvar a sua vida, devido às contínuas perseguições a que eram submetidos, e não pelo desejo de se afastarem da sociedade. Não há nenhum mal em se procurar associação com pessoas que perseguem um mesmo ideal, mas essa não deve ser a razão para se afastar dos outros, nem para excluir aqueles que não compartilham dos mesmos ideais ou crenças. Aquele cujas convicções são firmes não se deixa arrastar facilmente pelos outros, e, se o faz, então é porque não eram assim tão firmes. Por outro lado, não existe nada de mau em conhecer outras crenças e culturas, pois isso enriquece o ser humano, permitindo-lhe dispor de mais informação para formar as suas próprias ideias e crenças. Os que são católicos porque nascem num país católico ou os que são muçulmanos porque nascem num país muçulmanos, não

escolheram livremente a sua fé, pois apenas tinham uma opção à escolha.

Contudo, o facto de não se dever criar qualquer tipo de instituição material, não representa uma contradição com a mensagem de amor ao próximo? Não impede que se ponham em prática projectos de ajuda material, por exemplo, prestar assistência na educação, sanitária ou de acolhimento aos necessitados?

Aquilo a que nos estávamos a referir, era a criação de instituições de tipo material, que tenham como principal objectivo o sustento delas próprias, e que, através dos seus rendimentos, possam acumular poder e riqueza. A riqueza e o poder são chamarizes para atrair cobiçosos e ambiciosos que procuram aceder a posições privilegiadas para satisfazer as suas expectativas egoístas, e que contribuem para piorar ainda mais tudo. Se pretendeis ajudar os desamparados, podeis abrir centros de acolhimento, se quereis cuidar dos doentes, podeis abrir hospitais, se vos preocupais com a educação das crianças, podeis abrir escolas. É essencial que tenham uma utilidade prática de ajuda ao próximo, e que não sejam simplesmente centros de realização de cerimónias ou armazéns de relíquias, pois então, dessa forma, não cumprirão a função para a qual supostamente foram criados, que deveria ser a ajuda aos outros. Podeis utilizar o já existente e que se encontre subutilizado, dando-lhe um uso social, ou criá-lo de novo se ainda não existir que, com isso, não deixais de cumprir o conselho que aqui vos é dado. O que aqui se censura, não é o uso dos recursos materiais que, bem empregados, podem contribuir para o bem-estar comum, representando um ideal justo e nobre, mas sim o abuso dos mesmos, obtendo justamente o contrário, como seja, a satisfação de interesses egoístas, que estão a origem das desigualdades sociais, isto é, a opulência de uns quantos à custa do infortúnio de todos os outros.

Então, não será correcto fazer peditórios, pois se trata de pedir dinheiro a uns para ir beneficiar outros?

Pedir para ajudar quem necessita não tem nada de errado. Pelo contrário, pois se esse dinheiro se destina a uma boa causa, como o é ajudar quem precisa, é um acto espiritualmente nobre. O que está errado é pedir para si mesmo, com o propósito de evitar o trabalho. Também não é correcto pedir para causas inúteis ou egoístas. E, muito mais condenável ainda, é pedir para uma causa justa e, em seguida, empregar esse dinheiro com uma finalidade egoísta, como aqueles que pedem dinheiro para ajudar os pobres e, uma vez arrecadado, aplicam-no na Bolsa.

Mas, parece-me a mim, que, quem recolhe o dinheiro, costuma achar que a sua causa é nobre. O que, para umas pessoas, é uma causa nobre, para outras, pode ser uma causa inútil. Como se pode distinguir uma coisa da outra? Por exemplo, não faltarão pessoas que considerem ser uma causa nobre construir um centro de culto ou restaurar uma igreja antiga, enquanto para outras será uma causa inútil.

Uma causa nobre, é a ajuda aos necessitados. São causas egoístas, aquelas que não contribuem em nada para a eliminação das desigualdades, das injustiças, e que não se destinam a cuidar dos necessitados. Que cada um averigüe na sua consciência o que é que o move quando pede dinheiro aos outros, saberá assim se o que o move é um ideal egoísta ou não, porque, ainda que possamos enganar os outros, não poderemos nunca enganar a nossa consciência. A Igreja Católica é multimilionária e não precisa de peditórios para restaurar catedrais ou fazer um novo edifício de culto, apesar de ficar muito satisfeita se conseguir que outros paguem a factura da sua casa.

Há alguma coisa mais a ser evitada?

O que referimos antes. Deve ser evitada a profissionalização da espiritualidade. Isso quer dizer que, ninguém deve pretender aspirar a sustentar-se economicamente com a actividade que desenvolva espiritualmente. Aquele que cobra pelo trabalho

espiritual, perde a condição de conselheiro espiritual e converte-se em comerciante do espiritual. Tão-pouco deve utilizar a espiritualidade para a obtenção de bens ou benefícios económicos, vantagens ou favores em relação aos outros. Isso evitará que se formem hierarquias de profissionais religiosos (como o sacerdócio), sustentando-se com os recursos da organização, sem outra função nela, para além de officiar nos cultos e rituais da igreja, e basear-se no proselitismo como fórmula de preservar a organização. Um exemplo actual, que vos pode dar uma melhor ideia daquilo a que me refiro, são as empresas de tipo piramidal.

Comentaste também que o proselitismo é algo negativo. Isso parece-me conter uma contradição, porque se alguém tem conhecimentos do espiritual, se isso o ajudou na sua vida e deseja dá-lo a conhecer aos outros, para que também eles sejam ajudados, estará a proceder incorrectamente?

Quando falamos de praticar o proselitismo referimo-nos àqueles que procuram persuadir ou convencer os outros de alguma coisa, sem respeito pelo seu livre arbítrio. Refiro-me aos que usam a força, a manipulação ou a coacção para conseguir adeptos. Ou àqueles que ajudam alguém, na condição de que adira a determinada doutrina, ou quem tenta convencer quem não tem interesse em ouvir, ou ao que tenta impor as suas ideias ou crenças sobre as dos outros. Tudo isso é forçar o seu livre arbítrio. Amar os outros significa ajudá-los no que eles necessitam, sem esperar que eles participem das mesmas ideias ou crenças que se tenham. Não há nada de mau em divulgar o conhecimento espiritual. Pelo contrário, é algo bem feito e necessário para que o ser humano evolua e seja feliz. Porém, não deve ser feito contra a vontade do outro. Quer dizer que, ainda que alguém se julgue estar na posse da verdade, se a impõe aos outros, já se está a iludir. Portanto, não se deve forçar, nem asfixiar os outros, tentando convencê-los das próprias crenças. Não imponhais nunca as vossas crenças a ninguém. De preferência, aplicai-as em vós mesmos, para trazer mais felicidade à vossa vida, para desenvolver os vossos sentimentos e eliminar o vosso egoísmo,

porque não há melhor mestre para os outros do que o exemplo do próprio.

E de que maneira se deve proceder quando outras pessoas se aproximam em busca de ajuda espiritual?

Ao ajudar os outros, não condicioneis essa ajuda a que aceitem ou adotem as vossas crenças. Deve-se estar aberto a responder e compartilhar com os que se interessem. Temos de estar preparados para aceitar a diversidade de opiniões e a respeitar outros pontos de vista diferentes do nosso, estar abertos para ouvir e, inclusivamente, para modificar os nossos, se descobirmos que o dos outros é mais acertado. Quando alguém vos pedir ajuda para resolver um problema emocional, antes de dar a vossa opinião, perguntai-lhe, “que é o que teu coração te diz para fazeres?” ou “que é que sentes que deves fazer?”, porque não há melhor guia do que o próprio sentimento, apesar de, muitas vezes, se confundir sentimento com pensamento. Ajudai-os, então, a distinguir entre o que sentem e o que pensam, pois o egoísmo influi no pensamento. Podeis dar a vossa opinião e contar as vossas experiências, sobretudo as que possam ajudar a esclarecer. Todavia, não tomeis decisões pelos outros, mas permiti que cada um decida de acordo com o seu critério no que respeita à sua própria vida. Cada pessoa precisa de um tipo de ajuda com particularidades diferentes. Devemos colocar-nos ao nível de cada pessoa e disponibilizarmo-nos até onde precise e queira receber, nem mais, nem menos, e também até onde a vossa capacidade alcance. Ponderai se estais suficientemente preparados ou não para prestar a ajuda que essa pessoa precisa. Se verificardes que não estais, reconhecei-o, e procurai outra pessoa mais preparada, para que seja esta quem preste a ajuda, porque, apesar de não terdes má intenção, se aconselhais sem saber, podeis estar a confundir, em vez de ajudar. Se alguém precisa de ajuda, mas não a quer receber, deve-se respeitar a sua vontade. Pode-se aconselhar, mas não impor. Nesse caso, a única coisa que se pode fazer, é ficar à espera que venha a mudar de opinião. Quer dizer, não fecheis a porta àquele que não quis entrar, de preferência deixai-a entreaberta, para o

caso de mudar de opinião e resolver pedir a ajuda que, previamente, tinha recusado.

Há alguma coisa a acrescentar?

Sim, que as vossas crenças não sejam aceites em função do argumento da autoridade, mas, preferencialmente, sejam formadas através da vossa própria reflexão. Quero dizer, não deis mais crédito à palavra de certas pessoas, apenas pelo facto de serem quem são, mas avaliá-las em função da qualidade da mensagem que transmitem, e levai-as em conta ou afastai-as em função do vosso próprio critério. Desta forma, não serão menosprezadas mensagens espirituais verdadeiras, pelo facto de procederem de pessoas humildes, nem se aclamarão mensagens egoístas, simplesmente por procederem de autoridades de nomeada. O poder das religiões reside, precisamente, em terem convencido os seus fiéis de que é o critério da autoridade o válido, quer dizer, que a palavra de quem tem um posto superior vale mais do que a de quem tem um inferior ou da de quem não tem nenhum. Que o sumo-sacerdote, pontífice, Papa ou como lhe queirais chamar, está na posse da verdade absoluta e que o que ele diz não admite contradição, porque ninguém tem maior autoridade do que ele, em relação ao espiritual. Desta maneira, as autoridades religiosas conseguiram que fossem tomadas por boas, doutrinas egoístas que impedem o progresso espiritual do ser humano, mas que favorecem os seus interesses, enquanto condenaram, difamaram e ocultaram outras, espiritualmente verdadeiras, mas que representavam um obstáculo para os seus interesses.

Há alguma coisa mais que deveríamos evitar?

Sim. Não procureis o reconhecimento, a fama e a admiração, no que façais pelos outros, porque, então, não estareis a amar, apenas a alimentar a vossa vaidade.

Bom, passemos ao terceiro mandamento, que é “Guardarás os dias santos”.

Este é um mandamento que também sofreu alterações, porque no texto do Deuterónimo, diz: “Lembra-te do dia de sábado

para o santificar. Trabalharás seis dias e realizarás todas as tuas tarefas. Mas, o sétimo dia é de repouso". O sentido deste mandamento era proporcionar ao trabalhador o merecido descanso, que lhe fosse reconhecido esse direito, face ao abuso dos poderosos. Não esquecer que estávamos numa época em que era frequente a escravatura e que os poderosos tinham tendência para explorar os seus trabalhadores, livres ou escravos, não permitindo que descansassem. Por isso, se especifica que o descanso é para todos, incluindo os servos e os animais de carga. Era uma maneira de tentar pôr travão a todos esses abusos. Era uma forma de dizer: "guardarás dias festivos para descansar do trabalho, no mínimo, um por semana". A Igreja também quis acrescentar aqui o seu pozinho, modificando este mandamento a seu favor. O que inicialmente era pelo respeito aos dias de descanso, foi convenientemente transformado, dando ênfase à celebração de cerimónias em honra de Jesus, da Virgem ou dos santos. O senso comum diz-nos que seria impossível, algumas celebrações, coincidirem com o que, supostamente é celebrado, porque se atentarmos nas datas do calendário, a concepção de Jesus celebra-se no princípio de Dezembro, enquanto o nascimento de Jesus se celebra em finais do mesmo mês. Se as datas fossem reais, isso significaria que a gestação de Jesus foi completamente anómala. Ou teria durado menos de um mês ou mais de um ano, o que não tem qualquer lógica. Também isto é uma assimilação dos rituais do Império Romano anteriores a Constantino, dado que as festividades dos santos, inclusive, o nascimento de Jesus, coincidem com celebrações, nessas mesmas datas, de festas pagãs anteriores, como são as festas da Primavera e os solstícios de Verão e de Inverno, que foram reconvertidas em festividades cristãs (S. José, S. João e nascimento de Jesus).

Passemos à análise do quarto mandamento: Honrarás pai e mãe. Que haverá a dizer sobre este?

Este mandamento tinha como objectivo proteger os idosos. De ter em conta que, naquele tempo, não havia sistemas de segurança social nem reforma, para proteger os idosos. Os

governos nada faziam para proteger os desfavorecidos e os indefesos, logo, tão-pouco havia protecção para os idosos. A sua única opção de protecção estava na família, quer dizer, que os filhos, uma vez adultos, tomassem a seu cargo a subsistência dos idosos, que já não estavam em condições de se poderem valer a si mesmos.

Contudo, também este mandamento foi pervertido no seu significado, uma vez que o ser humano transformou algo que era positivo, que era o respeito e o cuidado pelos progenitores, na obrigação dos filhos se submeterem à vontade dos pais. Debaixo do guarda-chuva deste mandamento, deu-se, aos pais, o direito de propriedade dos filhos, e muita gente, sem escrúpulos, tiranizou os filhos, convertendo-os em escravos, controlando e dominando as suas vidas, subjugando a sua vontade à custa de maus-tratos, humilhações e manipulações, interferindo no seu livre arbítrio desde a mais terna infância, como quando se combinavam os casamentos dos filhos contra a sua vontade condenando-os, assim, a uma vida inteira de infelicidade. Julgavam-se no direito divino de o fazer. Por isso, acontece que, nas sociedades fortemente religiosas, é onde se manifesta mais intensamente o domínio exercido pelo pai sobre a vida dos filhos, e, não será de estranhar que, muitas vezes, os filhos, quando se tornam maiores e se encontram com forças para quebrar as suas correntes, não queiram saber dos pais para nada. É, então, quando estes se queixam amargamente de que os seus filhos os abandonaram, e dizem " Depois de tudo o que fiz por eles... e repara como me pagam!", quando, na realidade, apenas estão a colher os frutos da sua má sementeira. Por isso vos digo, que não se deve apenas "honrar o pai e a mãe", mas que a compreensão, o respeito e o carinho se devem estender a toda a família, avós, pais, mães, irmãos, filhos ou netos, sobretudo às crianças, por serem as mais frágeis. Os filhos, quando são pequenos, são os mais vulneráveis e indefesos, e, por isso, devem ser tratados com mais compreensão, carinho e respeito. Nunca se deve bater ou humilhar as crianças. Já anteriormente falámos do amor às crianças, em pormenor, porque é muito importante. Portanto, entendi este mandamento em sentido mais amplo, mostrei carinho, respeito e

compreensão por todos os vossos chegados com os quais compartilhai a vossa vida, especialmente com os mais vulneráveis, que são as crianças.

Falemos agora do quinto mandamento, que é “Não matarás”.

Este mandamento não pode ser mais claro. Conserva-se tal e qual foi transmitido pelo mundo espiritual. Não há lugar a diferentes interpretações. Não matar é não matar, não tirar a vida. Sabemos que o espírito é imortal e, felizmente, nada do que se possa fazer ao ser humano vai acabar com essa vida imortal. A única coisa que podemos fazer, é interromper uma vida física. Porém, a vida física é um dos dons que o mundo espiritual concede ao espírito. A vida física é a etapa na qual o espírito põe à prova aquilo que aprendeu no mundo espiritual. Ao espírito é tão necessária a vida física para evoluir, como ao corpo, para viver, o ar que respira. Daí que exista um instinto, o da sobrevivência, que programa os seres vivos para que conservem a sua vida e a da sua descendência, mesmo antes de terem consciência da sua própria existência. Quando se tira a vida, está-se a terminar com a oportunidade de evolução de um ser, e isso é algo de muito negativo do ponto de vista espiritual. Por isso, enquanto não se respeite esse simples, mas fundamental mandamento, não se pode considerar que a humanidade da terra esteja suficientemente preparada para dar o salto evolutivo a que aspira.

Bom, julgo que não há código penal no mundo que não condene o homicídio.

Certo. Mas, parece que o ser humano distingue entre umas mortes e outras. Algumas vidas parecem-lhe mais importantes que outras, e legitima o homicídio, em muitos casos.

A que te referes?

Se alguém mata outras pessoas em época de paz, é um assassino em série e, certamente, a justiça irá condená-lo. Se essa mesma pessoa mata outras em tempo de guerra, e elas estão do lado inimigo, então é um herói de guerra, e o seu governo dar-lhe-á uma medalha. Todavia, se esse mesmo

indivíduo desertar do exército, porque não quer matar essas pessoas, então o seu governo prende-o e condena-o como traidor, podendo mesmo chegar a executá-lo. Se uma pessoa fizer explodir uma bomba, que mate milhares de pessoas, em tempo de paz, é porque é um terrorista, é perseguido como tal e condenado se for capturado. Se um governante ordena ao exército do seu país um ataque com bombas, dirigido a um país inimigo, e morrem milhares de pessoas, diz-se que está a cumprir o seu dever; e aos assassinados, se forem militares, chamam-lhe “baixas” e, se forem civis, “danos colaterais”. Se esse país ganhar a guerra, esse governante será recordado como um herói, e a história prestar-lhe-á tributo. As ruas e as escolas do seu país ostentarão o seu nome. Acrescente-se que, em muitas nações, continua a existir, no código penal, a pena de morte para determinados crimes, sendo aplicada para se “fazer justiça”.

A conclusão de tudo isto é que, vós aplicais o mandamento “não matarás”, com um aditamento, que é como as letras pequenas nos contratos abusivos: “Não matarás... quem o não mereça. Mas, se o merecer, então é bem feito”. A partir daí, falta apenas encontrar uma boa desculpa para que aquele, que vai ser assassinado, o mereça, porque toda a gente que mata ou manda matar, julga sempre que tem bons motivos para o fazer.

Que opinião tens sobre as guerras?

As matanças e assassinatos colectivos a que chamais guerras são, do ponto de vista espiritual, alguns dos crimes mais graves. Não só porque se ceifa a vida física de inumeráveis seres, mas também pela destruição e sofrimento que é provocado nos sobreviventes. Por isso, digo-vos que não promover a guerra, é um conselho espiritual também muito importante. Os responsáveis máximos pelas guerras terão de enfrentar duras e prolongadas expiações até terem reparado todos os danos que causaram.

Porém, muitas vezes, aquele que vai à guerra não chega a ter consciência que está a provocar danos, antes, está convencido

de que está a fazer algo de bom, como seja, defender a pátria, os seus ideais ou a sua fé religiosa.

Engana-se ou é enganado. Não há nada que justifique o homicídio de seres humanos, nem pátrias, nem religiões, nem ideologias. Portanto, não existem Guerras Santas. É uma invenção do ser humano querer usar Deus como meio para justificar as suas ânsias de poder e riqueza, e convencer os outros, através do fanatismo, a converterem-se em carrascos dos seus irmãos. Não se deve promover a guerra nem participar nela, pois não há nada que o justifique.

Gostava também que me desses a tua opinião sobre a pena de morte, já que, em muitos países da Terra, é considerada uma forma de castigo adequada para os crimes mais graves.

A pena de morte, venha de quem vier, seja qual for o motivo, é algo ignóbil, atroz, horrível, revoltante e repugnante, do ponto de vista espiritual. Com que profunda tristeza verificamos que, precisamente os estados que pretendem ser os mais religiosos e crentes em Deus, são os que com mais frequência aplicam a pena de morte como castigo para os criminosos. Em que se é melhor que um assassino, quando os administradores da justiça se comparam ao condenado, ao executarem um castigo igual ao da falta cometida? Em alguns países, ainda mais cruéis, aplica-se a pena de morte, inclusivamente para faltas menores, mesmo para algumas delas que nem sequer são puníveis do ponto de vista espiritual, como quando se executam mulheres por terem sido infiéis ao marido, apesar de muitas terem sido obrigadas a casar com alguém que não amavam.

Três religiões monoteístas, milhares de milhões de pessoas de centenas de países, reconhecem como divinos uns mandamentos entre os quais está o de "não matarás". Porém, quantos, realmente, o respeitam na prática? Se, ao que parece, os que se consideram mais crentes em Deus são os que menos o respeitam? Acontece, frequentemente, que existem pessoas que se consideram a si mesmas religiosas fervorosas, que cumprem todos os rituais e normas da sua religião e que se escandalizam com quem não os cumpre, todavia, são, ao

mesmo tempo, insensíveis e desapiedadas, pois não têm o menor respeito pela vida e sofrimento dos outros, posto que apoiam a pena de morte ou encorajam os seus filhos a alistarem-se no exército, com a finalidade de exterminar na guerra os seus irmãos de outro país, firmemente convencidos de que é Deus quem os abençoa.

Todos os que se quiserem considerar autênticos crentes em Deus, têm de estar completamente contra este horrendo crime disfarçado de acto de justiça, e devem saber que não é Deus quem os inspira na sua crença de que a pena de morte é algo justo, mas que esta se alimenta do fanatismo dos que querem fazer do seu próprio egoísmo um deus à sua imagem e semelhança.

Qual é o destino, depois de falecerem, dos encarnados que cometeram homicídios, ou que foram os responsáveis pela morte de alguém ou de muita gente?

Costumam ficar retidos em determinadas zonas do plano astral inferior, denominado comumente por alguns espíritos, como O Abismo. Permanecem ali durante um tempo mais ou menos prolongado, de acordo com a maior ou menor gravidade dos crimes que cometeram, juntamente com outros seres que cometeram crimes semelhantes ao seu. Nestes lugares revivem, várias vezes, episódios dos crimes que cometeram, percebendo, agora como seu, o mesmo sofrimento vivido pelas suas vítimas, o que os faz sofrer enormemente. Esses seres atormentam-se uns aos outros e podem também ser incomodados pelas vítimas desencarnadas, pouco avançadas, que guardem desejos de vingança. Quando mostrarem sinais de tomada de consciência do que fizeram e de arrependimento, serão resgatados do Abismo por espíritos mais avançados, que os transferem para centros de assistência, onde são acolhidos para sua reintegração e preparados para a reparação dos seus crimes, que começa logo no plano espiritual, por exemplo, participando no resgate daqueles que estiveram na mesma situação que eles, e continua, chegado o momento para voltarem a encarnar no

plano físico, com vidas dedicadas à reparação dos danos que provocaram.

E que há a dizer sobre o suicídio?

Um suicídio é o equivalente ao homicídio de si mesmo e, do ponto de vista espiritual, é algo negativo, pois se está a desperdiçar uma oportunidade de progresso espiritual. Equivale a um exame não concluído. O que se interrompe nesse momento, terá de voltar a ser enfrentado na próxima vida.

Qual é o destino dos suicidas no plano espiritual?

Costumam entrar num estado de perturbação no qual relembram, uma e outra vez, o momento em que puseram termo à vida, e percebem, como se fosse própria, a dor sentida pelos seus chegados. Neste processo, acabam por tomar consciência da inutilidade do acto que cometeram. Quando mostrarem sinais de tomada de consciência e de arrependimento, são preparados para uma nova encarnação, que costuma ser bastante rápida, onde terão de enfrentar as mesmas provas que vieram superar na vida que interromperam bruscamente.

Que opinião tens sobre a eutanásia? É justificada em alguns casos, por exemplo no caso de doentes incuráveis ou de doentes terminais?

Já dissemos que a vida é sagrada e que não deve ser ceifada antes de chegar o tempo em que a morte ocorra por si mesma. Interromper a vida, mesmo que seja com a boa intenção de evitar o sofrimento, é algo negativo do ponto de vista espiritual. De notar que se, a todas as pessoas que vivem uma situação de sofrimento, fosse tirada a vida, não ficaria ninguém vivo no mundo. Todas as circunstâncias vividas pelo ser humano, enfermidades congénitas, paralisias, tudo tem um significado, que é ajudar o espírito a evoluir. São provas escolhidas por esse espírito, antes de encarnar. Interrompê-las antes de tempo, implica voltar, noutra ocasião, para terminar a prova não concluída, pelo que, em termos absolutos, não se está a ajudar em nada. Às vezes, o espírito que vive nessa situação de

sofrimento, acobarda-se e quer escapar dela, acabando com a vida, porém, não é dessa maneira que o conseguirá.

E nos casos de doentes terminais, será justificada a eutanásia?

Se já estão a morrer, que sentido faz acelerar-lhes a morte? Permitti-lhes morrerem por si mesmos.

Suponho que a intenção é encurtar o seu sofrimento, porque muitos deles experimentam dores insuportáveis.

Alivie-se-lhes a dor então, mas sem se lhes cortar a vida.

E nos casos de coma prolongado? É justificada a eutanásia?

Tão-pouco aí é justificada. Quando alguém finalizou o seu tempo de encarnação e deve abandonar o mundo terreno, a partir do mundo espiritual, é ajudado a desprender-se do corpo físico, o mais rapidamente possível. Se o corpo permanece com vida, é porque essa vida ainda tem significado, porque se, para esse espírito, tivesse chegado o momento de desencarnar, nada do que vós fizésseis poderia evitar a sua partida.

Que opinião te merece o aborto?

Já falámos anteriormente sobre este assunto em profundidade, e não vamos repetir a conversa. O homicídio de um recém-nascido, não deixa de ser um homicídio, apenas porque não se vê a cara da vítima e não se percebe como sofre. Os que ordenam um bombardeamento também não vêem os rostos das suas vítimas e, nem por isso, deixa de ser menos grave o delito que cometem. O espírito ligado a esse ser em gestação, passa tão mal como as pessoas que são torturadas até à morte. Evitai-lhes esse sofrimento e evitar-vos-eis o sofrimento derivado de ter sido os algozes dos vossos próprios filhos. Respeitai a vida, que é um dom espiritual muito valioso para evoluir, e não a interrompais de nenhuma forma, nem em nenhum contexto, nem com homicídios, guerras, penas de morte, suicídios, eutanásias ou abortos e, com isso, evitareis muitos sofrimentos para vós e para os outros.

O sexto é “Não cometerás actos impuros”.

Este é outro mandamento que foi variando ao longo do tempo pois, nas traduções católicas ou cristãs do Deuteronómio, aparece como “Não cometerás adultério”.

E qual é a versão correcta?

Nenhuma das duas. Pegai na versão hebraica dos dez mandamentos, que aparece no Deuteronómio, e verificareis que a tradução original do mandamento não é “não cometerás adultério”, mas sim “não prostituirás”, o que equivale a dizer “não forces ninguém a manter relações sexuais não desejadas”. Este mandamento abrangia também os casamentos combinados, em que se obriga um ou ambos os cônjuges, geralmente a mulher, a manter relações não desejadas. Isso quer dizer que, ninguém deve ser obrigado a manter relações sexuais não desejadas, nem dentro nem fora do casamento.

De ter em conta que, nessa época, os direitos das mulheres e das crianças (especialmente das meninas), praticamente, não existiam. Eram tratadas, apenas, um pouco melhor do que gado. Comercializava-se com elas desde a mais tenra infância, sobretudo com as que pertenciam às classes mais desfavorecidas. Eram compradas e vendidas como escravas e prostitutas, para satisfazer os baixos instintos daqueles que podiam pagar. Os sequestros de mulheres e as violações estavam na ordem do dia. Nas guerras, eram frequentemente consideradas troféus de guerra, violadas pelos soldados e, em seguida, encaminhadas para a prostituição e para a escravatura.

Também, os casamentos combinados estavam na ordem do dia. As próprias famílias consideravam um bom negócio conseguir casar alguma das filhas com alguém com dinheiro e poder. Os casamentos de meninas com homens adultos ou idosos ou entre meninos e meninas, por interesse dos pais, eram muito frequentes. Praticamente, poderíamos dizer que mais de 90% das uniões eram decididas sem que o cônjuge mais débil participasse nesta decisão, uma vez que eram decisões tomadas pelos pais, quando os filhos ainda eram crianças ou

nem sequer tinham nascido. As pessoas poderosas e ambiciosas utilizavam o casamento como uma maneira de acumular maior riqueza ou poder, de anexar propriedades próximas ou, simplesmente, para satisfazer o capricho de possuir sexualmente quem lhes apetecesse. A poligamia, para o homem, era normal e sinal de poder e de riqueza e era bem aceite. Imaginai o sofrimento de todas aquelas mulheres e meninas, submetidas a todos esses abusos e humilhações tão extremos. A intenção deste mandamento era pôr freio a todos esses abusos. Mas, o egoísmo do ser humano encarregou-se, também, de perverter este mandamento e fez, da vítima, o carrasco, e, do carrasco, a vítima, pois desde bem cedo se castigou a mulher forçada a prostituir-se, e, não ao proxeneta, ao violador ou ao “esposo” forçado, ou aos pais que negociavam com as vidas das filhas, sendo eles quem prostitui e viola o mandamento.

Qual pode ter sido o motivo que explica qual o interesse em modificar este mandamento? Quero dizer, quando e porquê de “não prostituirás” passa a ser “não cometerás adultério”?

Se o poderoso violava e prostituía abertamente, era evidente que desrespeitava o mandamento “não prostituirás”. O casamento combinado e a poligamia eram, na realidade, formas de prostituição e violação encobertas, permitidas aos mais poderosos, que, em contrapartida, se encarregavam do sustento das esposas ou concubinas e da sua prole. Na verdade, tudo isso já acontecia muito antes de Moisés nascer e era prática muito generalizada. Ele conhecia todos esses abusos, que lhe provocavam uma enorme indignação, e tentou legislar para evitar que continuassem a ser cometidos, apoiando-se num Conselho Divino. Enquanto ele foi vivo, conseguiu refrear os casos de abuso mais flagrantes. Mas, depois de ele morrer, os poderosos interpretaram o mandamento segundo a sua conveniência. Não se atreveram a mudar o mandamento. O que fizeram foi acrescentar leis novas da sua própria invenção que foram obscurecendo o significado do mandamento original. O primeiro, foi passar a ideia de que o casamento combinado, a poligamia e possuir concubinas, era “agradável a Deus”, e que o casamento, em si mesmo, era uma instituição sagrada. Em

seguida, para evitar arcar com o sustento das esposas que não lhes interessavam, inventaram o repúdio e imputaram à mulher as culpas do repúdio, fazendo uma propositada má interpretação da própria lei, sob a acusação de que exerciam a prostituição. Nalguns casos, era verdade que estas mulheres tinham relações sexuais com outro homem, precisamente com aquele por quem estavam enamoradas, pois o facto de serem esposas forçadas do poderoso, não lhes permitia estabelecer uma relação aberta com aquele, pelo que viviam os seus amores na clandestinidade. Outras mulheres, ao serem repudiadas, não tinham outro remédio senão recorrer à prostituição para subsistir, pois eram totalmente excluídas da sociedade, acabando por confirmar a falsa acusação que lhes tinha sido feita.

O catolicismo ainda foi mais atrevido e acabou por, finalmente, modificar o mandamento, transferindo toda a importância para a instituição do casamento e nenhuma para a liberdade de escolha de parceiro, pois os poderosos das épocas posteriores continuavam a utilizar o casamento combinado como arma de satisfação do seu egoísmo e não estavam dispostos a renunciar a ela. Por isso introduziram o conceito do adultério e utilizaram-no na redefinição do mandamento, que passou a ser “não cometerás adultério”, para castigar o cônjuge que mantinha relações sexuais fora do casamento. Na prática, apenas a mulher era condenada por adultério, pois sendo a sociedade católica profundamente machista, como o era a hebraica, o homem continuava a fazer a vida dupla que lhe apetecia, sem que nada lhe acontecesse.

Pois, apesar do que dizes, as sociedades que se consideram mais religiosas, ainda consideram o matrimónio combinado como algo normal e agradável a Deus e continua a ser prática habitual. Que se poderia dizer sobre isto?

Compreendi que o casamento combinado é uma forma de violação institucionalizada, à qual foi dada a aparência de “honestidade”. Para que não reste nenhuma dúvida a esse respeito, acrescentarei que do ponto de vista espiritual se trata de uma flagrante violação do livre arbítrio, uma manipulação

horível que se faz dos sentimentos de uma pessoa, que é obrigada a conviver e a manter relações sexuais com alguém que não escolheu. Além de que, é impedida de se libertar dessa escravidão, debaixo de um monte de ameaças e chantagens, entre as quais sobressai a de julgar que, se não se submeter, é uma pessoa suja, impura e que desobedece aos desígnios de Deus, com o que, desta forma, se desrespeita igualmente o mandamento de “não utilizarás o nome de Deus com propósitos egoístas”.

Então, o adultério é algo negativo do ponto de vista espiritual ou não?

Já comentámos este tema amplamente quando falámos sobre as relações de casal e referimos que a fidelidade aos sentimentos é a única coisa que interessa a nível espiritual, pois é a chave da felicidade. A fidelidade surge espontaneamente quando há um sentimento de amor de casal mútuo entre os cônjuges, e esse não se pode forçar. Pouco importam aqui os vossos convencionalismos. Se uma união matrimonial é forçada, seguramente haverá uma rejeição completa, uma aversão pela relação sexual com o cônjuge forçado, e um desejo de ter uma ligação escolhida por vontade própria, incluindo a relação sexual. Se, apesar de a relação ser voluntária, não houver também sentimentos, surge insatisfação, falta de interesse, e, inclusivamente, também rejeição da relação sexual, bem como um desejo insatisfeito que procura completar-se noutra relação. Nestes casos, a infidelidade, o adultério ou como lhe queirais chamar, é um reflexo da ausência de sentimentos de casal entre os cônjuges, que se obrigam eles mesmos, ou são obrigados, a manter uma relação sem amor, e que procuram fora dessa relação o que não encontram dentro dela. O problema está, então, em pretender forçar ou prolongar uniões não desejadas.

Etimologicamente, a palavra adultério vem de adulterar, alterar a qualidade ou pureza de alguma coisa pela adição de uma substância estranha, ou, também, falsificar ou manipular a verdade. Estes significados aproximam-nos mais da definição espiritual, que a palavra adultério deveria ter. Uma relação

adulterada verifica-se quando duas pessoas se unem como casal, sob a aparência de existir um sentimento que, na realidade, não existe. Quer dizer, manipula-se ou falsifica-se a união de casal, altera-se a pureza da união, quando esta não assenta no amor. Quando as relações de casal se baseiam num sentimento de amor e afinidade mútuos, não existirá, nem o adultério na sua definição espiritual, nem na terrena, porque, ao estar-se unido ao ser amado, a relação sexual com o parceiro será verdadeiramente plena, e não se procurarão outras relações para satisfazer a sexualidade.

Porém, para que isto seja possível é preciso que exista liberdade de sentimento. Por isso, posso dizer que este mandamento, o de “não prostituirás”, uma vez que o ser humano já avançou o suficiente para o compreender, pode ser reformulado na actualidade desta maneira: “Respeitarás a liberdade de sentimento”. Dito de outra forma, todo o ser humano tem direito a escolher livremente com quem quer ou não quer ter relações de casal, incluindo a relação sexual, e ninguém deve infringir esse direito. Por isso, ninguém é obrigado a unir-se a outra pessoa se o não desejar, nem é obrigado a perpetuar uma relação se o não desejar.

De acordo com o que explicaste, que restará em defesa da indissolubilidade do casamento, tão exaltada pela Igreja?

Já o dissemos anteriormente. O prolongamento de uma relação conjugal, se houver sentimentos firmes dentro do casal, acontecerá de modo espontâneo, haja ou não contrato de casamento assinado. Todavia, não pode ser forçado, porque isso seria atentar contra o livre arbítrio. Portanto, a indissolubilidade do casamento não é uma lei divina, mas sim humana, e não provém, nem de Moisés, nem de Jesus. De facto, é uma norma que foi introduzida mais de mil anos depois da passagem de Jesus pela Terra. Se reparares na vossa história, vereis que o divórcio esteve vigente durante o governo de todos os imperadores romanos cristãos. A lei civil da época dos imperadores cristãos permitia um novo casamento após o divórcio. Também o esteve em todos os Estados que resultaram

da fragmentação do Império romano. Foi o Papa Gregório IX (1227-1241) quem, por inimizade para com os imperadores e reis da época, ao verificar que estes costumavam mudar de mulher frequentemente, impôs por decreto o casamento indissolúvel nos reinos cristãos.

Então, o divórcio não contraria nenhuma lei divina?

Certamente que não. Pelo contrário, permite que se possa exercer o livre arbítrio e a liberdade de sentimento. Já o tínhamos dito antes, ninguém é obrigado a perpetuar uma relação se o não desejar, e não vai ser o mundo espiritual quem irá colocar obstáculos ao desenvolvimento do livre arbítrio e à liberdade de sentimento do ser humano.

Há pessoas que interpretam o aumento do número de divórcios como o reflexo da diminuição do sentimento de amor dentro dos casais. Estarão certas?

Não. É reflexo de que existe maior liberdade para romper as relações, e de que as pessoas se sentem mais livres para se desligarem das relações, quando já não são satisfatórias. Se antes não havia mais divórcios, não era porque as relações fossem melhores, nem porque houvesse mais amor, mas sim porque, ou era a lei que não permitia o divórcio, ou, porque, ainda que o permitisse, a educação repressiva fazia com que muitas pessoas se sentissem obrigadas a aguentar uma relação, mesmo quando já não se sentissem enamoradas.

Já que estamos a falar do mandamento “Não prostituirás”, gostava que me desses a tua opinião sobre a prostituição, do ponto de vista espiritual.

A prostituição é um reflexo da pouca evolução que existe em relação ao desenvolvimento dos sentimentos, pois um espírito avançado não concebe manter uma relação sexual sem amor, e, muito menos, sem que haja um desejo mútuo entre os que a mantêm. Quem se satisfaz com a sexualidade da prostituição, reflecte pobreza de sentimentos e predomínio do instinto sobre os sentimentos e a sensibilidade.

**Sim, mas como se deverá legislar em relação à prostituição?
Deve ser permitida ou proibida?**

Deve ser proibida em todos os casos que implique menores de idade, e devem ser perseguidos tanto os proxenetas como os clientes, neste caso, pederastas, e proteger os menores, para que não voltem a sofrer nenhum tipo de abuso. No caso da prostituição que implica pessoas de maior idade, deve-se proibir a prostituição forçada, quer dizer, quando a pessoa que exerce a prostituição tenha sido obrigada ou pressionada de algum modo a exercê-la, e a justiça deve perseguir aqueles que a obrigaram a prostituir, pois lesam o seu livre arbítrio, e também o cliente, caso ele seja conhecedor de que a pessoa está a praticar a prostituição contra a sua vontade. Deve ser protegida a pessoa que tenha sido prostituída, para impedir que sofra mais danos. Também, os governos devem proporcionar o sustento das pessoas com escassos recursos económicos, para que ninguém exerça a prostituição por necessidade económica, visto que há quem, recorra a ela para ganhar o seu sustento ou o da sua família, como última opção, porque não tem outra forma de o conseguir, sendo esta uma forma de prostituição da qual a própria sociedade é cúmplice. Não obstante, não deve ser proibida, quando uma pessoa, em plena posse das suas faculdades e de livre decisão, sem qualquer necessidade de sustento familiar, queira vender o seu corpo. Ainda que uma tal decisão reflecta pouca evolução interior, daí não resulta atentado ao seu livre arbítrio, pois exerce-a de sua livre vontade, nem o cliente incorre em delito, pois não forçou o livre arbítrio da pessoa que se prostitui.

Por outro lado, acrescentarei que uma proibição total da prostituição, no estado actual do vosso mundo, onde há uma grande procura de satisfação do instinto sexual bastante primitivo, e uma falta de respeito pelo livre arbítrio, não é suficiente para a erradicar. Mais provavelmente, teria como consequência um incremento dos casos de violações e abusos sexuais, bem como a sua prática clandestina. Se repararmos bem nisso, as pessoas que se dedicam voluntariamente à prostituição no vosso mundo, previnem muitas violações e

abusos sexuais, uma vez que satisfazem voluntariamente os baixos instintos de muitos espíritos pouco evoluídos, que, na ausência dessa facilidade, procurariam a satisfação sexual à força. Por isso, a erradicação da prostituição no vosso mundo não pode ser à força, antes, ocorrerá quando os seres humanos aumentem a sua sensibilidade o suficiente para que o desejo sexual seja mais do que a satisfação de um instinto biológico e se transforme na expressão de sentimentos de amor de casal. E, para que tudo isso aconteça, é necessário que o ser humano possa ter liberdade de sentimento e liberdade em relação à sua sexualidade. Então, as relações sexuais serão naturais, e não um negócio ou motivo de exploração.

O mandamento seguinte é “Não roubarás”.

Sim. Usualmente, entende-se por roubar, o furto, o acto de subtrair a outra pessoa um bem material de sua pertença, sem o seu consentimento, e consideram-se ladrões, apenas, os carteiristas, os assaltantes de bancos, ourivesarias e de outros estabelecimentos. Contudo, digo-vos que aquele que priva o trabalhador do seu justo salário em benefício próprio, ou aquele que acumula poder e riqueza à custa do prejuízo, do sofrimento e da necessidade alheias, utilizando o engano, a fraude, a chantagem, mesmo que formalmente nunca chegue a ser considerado delito, é o maior ladrão que existe. Por isso, o mandamento “Não roubarás”, pode ser agrupado num único, conjuntamente com o de “Não levantarás falso testemunho nem mentirás” e o de “Não cobiçarás coisas alheias”, uma vez que todos procedem de uma mesma intenção, a de prejudicar os outros para satisfação do seu próprio egoísmo. Em consonância com isso, pode ser enunciado um conselho que reúna os três mencionados, que seria este: “Não procederás movido pelo egoísmo de forma a prejudicar os outros”. As manifestações do egoísmo, de índole mais materialista, são a avareza, a cobiça e a ambição, pois são as responsáveis pelos comportamentos das pessoas que se entregam à acumulação de riquezas e poder, sem se preocuparem com os prejuízos causados aos outros. Contudo, também outras manifestações do egoísmo, que não são de ordem materialista, como todos os

ego-sentimentos de que já tratamos no capítulo das relações pessoais, como o apego, os ciúmes, o ódio, a raiva, a absorvência, o rancor e o despeito causam, igualmente, danos aos outros.

Se uma pessoa enriquece sem prejudicar os outros, incorrerá em algum tipo de dívida espiritual ou desrespeitará a norma de “não procederás movido pelo egoísmo de forma a prejudicar os outros”?

Não desrespeita o mandamento, todavia tão-pouco demonstra grande evolução, pois os espíritos avançados não ambicionam a riqueza nem desperdiçam tempo e esforços para a obter, uma vez que nada advém dessa circunstância. Até pode acontecer que não cause prejuízos directamente, porém se possui riqueza e poder material e não os emprega para ajudar o próximo, mas antes para satisfazer os seus caprichos materiais, perde uma boa oportunidade para ajudar os outros e para avançar na sua própria evolução no amor, pois, apesar de poder ter praticado muito o bem, não o fez. Se um espírito encarnou, pedindo riqueza material para a usar no bem comum e, uma vez encarnado, apenas se dedica a utilizá-la na satisfação do seu egoísmo, falha a sua missão. Em qualquer caso, no vosso mundo, é muito difícil alguém enriquecer sem causar prejuízo a alguém, a não ser que tenha recebido uma herança ou saído a lotaria, uma vez que no vosso modo de funcionamento da economia e do comércio impera a lei do mais forte, e as pessoas de boa vontade dificilmente podem prosperar num sistema tão agressivo, sem serem contagiadas pelas suas más práticas.

A que te referes exactamente?

Pois, que o sistema económico que vigora na Terra, a que chamais capitalismo, é um sistema que nasce do egoísmo do ser humano e contraria aquele mandamento de uma ponta à outra, isto que se pode dizer que é um sistema que permite e persegue o enriquecimento desmedido sem limites, desprovido do mais ínfimo respeito pelos direitos do ser humano.

Eu não percebo muito de economia, e afigura-se-me bastante complicado entender o que move a economia mundial, com tantos indicadores macroeconómicos. Constató que existem muitas desigualdades, injustiças e muita pobreza, sempre a aumentar, o que se agrava ainda mais em alturas de crise económica, como a actual. Parece-me difícil vislumbrar um futuro melhor para o ser humano no estado em que estamos, e tão-pouco vejo qualquer solução.

É mais fácil do que parece, ainda que vos façam pensar que tudo é complicado e que ninguém é responsável pelas coisas funcionarem do modo que funcionam, para que não vejais qualquer solução nem possais exigir responsabilidades a ninguém. O vosso sistema económico actual é como uma grande empresa de tipo piramidal. Baseia-se num sofisticado sistema de créditos com juros crescentes em que cada intermediário vai incrementando os juros para obter lucros, asfixiando aquele que recebe o dinheiro como último recurso, e não se trata de um empréstimo, pois o que tem de devolver é o capital acrescido de todos aqueles juros, tudo à custa do fruto do seu trabalho ou da sua produção. Estes, os que estão na base da pirâmide, e que são a maioria, são os que suportam todo o sistema com o seu esforço. Os restantes vivem da usura e da especulação, pois também se criam mercados de compra-e-venda especulativa, onde se geram lucros apenas baseados em comprar barato e vender caro, seja o que for. Alguns dos produtos, que se compram e se vendem, são reais, como o são os produtos agrícolas, os da criação de gado, a pesca, a extracção mineira ou a indústria, enquanto outros são produtos fictícios, chamados "produtos financeiros", como as acções, os títulos de dívida, ou os fundos financeiros. Na realidade, na actualidade é tudo muito simples: uns quantos apropriam-se do direito de cunhar moeda. Quer dizer, têm a máquina de fazer dinheiro. Praticamente fazem-no a custo zero e emprestam-no aos outros com juros, pelo que toda a gente fica endividada perante eles, conseguindo, através desse sistema, que toda a gente faça o que eles querem, especulando nos mercados que eles criaram, detendo eles sempre informação privilegiada, o que lhes permite comprar barato e vender caro.

Isto estará relacionado com a crise económica?

Sim. As crises económicas não acontecem por acaso, antes são geradas a partir do topo da pirâmide. Primeiro, facilita-se o crédito a um juro baixo, para promover o endividamento. Aos que estão na base da pirâmide, depois de passar por vários escalões de intermediários, chega-lhes esse dinheiro emprestado, que utilizam para financiar os seus negócios e adquirir bens, o que tem como efeito uma dinamização da economia e um aumento do consumo. Esta é a fase denominada de crescimento económico. Existe uma aparência de riqueza e bem-estar, todavia apenas aparência, porque tudo foi adquirido com dinheiro emprestado, que tem de ser devolvido com os juros. Quando os pescadores de cima verificam que já muitos peixes morderam o isco, ou seja, que já há muita gente endividada, puxam pelo fio para recolher a presa. Isto é, fecham a torneira dos empréstimos. Isso faz com que o dinheiro escasseie. E, para obter crédito, é necessário pagar um juro mais elevado, aumentando também os juros dos empréstimos antes concedidos. Tudo isso dificulta a actividade económica. Os que se endividaram não podem fazer frente ao pagamento dos empréstimos e são desapaosados de todos os seus bens. O nível de vida da população piora notavelmente, enquanto toda a riqueza gerada nesse período passa para as mãos dos que dominam o sistema. Os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. É assim como se gera uma crise económica.

E qual é a solução de tudo isto?

A solução é muito simples: renunciar ao egoísmo, à cobiça, à avareza, cada um no seu lugar, e começar a repartir, a ver o outro como a si mesmo e a preocupar-se tanto com o seu bem-estar como com o próprio. Se todos dessem esse passo, o mundo mudaria rapidamente. Este sistema mantém-se porque abunda a avareza, a cobiça e a ambição do ser humano, enquanto escasseia o amor e a generosidade. Há pouca disposição para repartir. Quem tem muito não se conforma com o que tem. Não pensa em dividir a sua abundância com quem tem menos, antes aspira ter ainda mais, mais dinheiro e mais poder, mesmo

que seja à custa do prejuízo dos outros. Muitos dos que têm menos desejam ser como os que estão em cima, triunfar na vida, ser ricos e poderosos. Fariam o mesmo que eles, na sua situação. Por isso, não é suficiente que mudem os que estão em cima, mas antes tem que haver uma mudança de consciência geral, que abranja todo o ser humano, no sentido de reconhecer que, na realidade, todos somos seres espirituais, irmãos que percorremos um mesmo caminho, o da evolução espiritual, e um mesmo destino, atingirmos a felicidade através de experimentar o amor, e que para isso precisamos uns dos outros. É preciso compreender que acumular riquezas não serve para nada, porque não nos faz felizes, contudo, privar-nos do que necessitamos para viver, gera sofrimento, pelo que, se há de tudo em abundância e repartirmos o que há, ninguém sai prejudicado e todos saímos beneficiados. Porém repito, para isso, tem de se renunciar à acumulação de riquezas e estar disposto a repartir.

Isso parece-me muito bonito, mas muito utópico. Julgo que deverias indicar medidas concretas.

Não há um receituário de medidas a tomar, se é isso o que me pedes, porque tudo depende da intenção e da boa vontade do ser humano em renunciar ao seu egoísmo, de uma maior disposição em relação ao amor fraternal e em repartir. Sem essa predisposição, todo o esforço será inútil. Teria de haver um desejo, da maioria das pessoas, favorável à realização das mudanças que conduzem a uma sociedade baseada no amor, grande disposição para colaborar activamente na sua implementação, pois nada se pode fazer por imposição nem sem a colaboração de todos em geral. Deveriam escolher-se como governantes pessoas que tivessem uma alta capacidade espiritual, pessoas dedicadas, humildes, de grande generosidade, totalmente desprovidas de cobiça, de avareza e de ambição, conhecedoras da situação e dispostas a aplicar as medidas que fomentem o bem comum, a justiça social e a redistribuição equitativa da riqueza. Saberão o que fazer em cada momento. Uma das coisas a realizar com a maior urgência, seria desmantelar todo o sistema económico baseado

na usura e na especulação e promulgar leis mais justas e equitativas que velassem para evitar que as práticas egoístas voltassem a controlar o mundo. Por isso, o mandamento “Não procederás movido pelo egoísmo, prejudicando os outros” seria completado do seguinte modo: “Promoverás o bem comum, a justiça social e a redistribuição equitativa da riqueza”.

Depois de termos analisado três mandamentos de uma só vez, apenas nos resta um: “Não consentirás pensamentos nem desejos impuros”. Que haverá a dizer sobre este?

Que esse mandamento não existe. Nem sequer foi recolhido no Deuteronomio. É de invenção posterior. Tão-pouco o contemplam as Igrejas cristãs protestantes. Seria muito pedir ao ser humano, a quem tanto custa proceder sem egoísmo, que nem sequer tivesse pensamentos egoístas. O termo “impuro” é, além do mais, muito ambíguo, ainda que, certamente, se refere ao desejo sexual que não se encontre dentro dos cânones permitidos pela Igreja, ou seja, quando nasce um desejo sexual fora da relação do casamento. É um mandamento criado pelo ser humano com o propósito de reprimir a liberdade de sentimento, de pensamento e a liberdade sexual.

Pois, como unimos três mandamentos num e eliminámos outro, restam-nos sete e não dez.

E quem disse que tinham de ser mesmo dez? Bem, isso pouco interessa, porque há três conselhos mais que gostaria de acrescentar, que me parecem bastante importantes, e que deveríeis ter muito em conta.

Quais são?

Respeitarás o livre arbítrio, respeitarás a lei da justiça espiritual e resolverás os conflitos individuais e colectivos de forma pacífica. Estes três conselhos estão muito relacionados entre si, pois a resolução de conflitos de forma pacífica implica ser justo e respeitar o livre arbítrio dos outros, de forma individual e colectiva.

Poderias aprofundar um pouco cada um deles para esclarecer a que se referem?

Sim, ainda que já tenhamos falado disso quando explicámos em que consiste a lei do livre arbítrio e a lei da justiça espiritual. Respeitar o livre arbítrio é respeitar a liberdade dos outros, isto é, respeitar a sua vontade, as suas opiniões, as suas crenças, os seus sentimentos e as decisões que tomem em relação à sua própria vida. A liberdade de sentimento não é mais do que uma variante do livre arbítrio. Ninguém pertence a ninguém, pelo que ninguém tem o direito de se apropriar da vontade dos outros nem a decidir por eles. Respeitar a lei da justiça espiritual é tratar os outros como gostarias que te tratassem a ti e a não fazer aos outros o que não gostarias que te fizessem a ti, porque, na realidade, tudo o que fazes aos outros estás a fazê-lo a ti mesmo. E isso deve ser respeitado tanto de forma individual como de forma colectiva.

Parece-me claro, na forma individual. Porém, a nível colectivo, a que te referes?

Pois, a que a humanidade, no seu conjunto, para poder conviver de forma harmónica, deve respeitar a justiça e o livre arbítrio, e pôr isso em prática, o que se deve manifestar no funcionamento das sociedades, nas formas de governo, nas leis, na economia, na educação e na cultura. E ainda que, em teoria, alguns países do mundo acolham nas suas leis os princípios da liberdade e da justiça, na prática, o egoísmo do ser humano encarrega-se de deitar tudo por terra e apenas subsistem em papel molhado.

Há algum exemplo do que dizes?

A escravatura formal é ilegal em todos os países, contudo, praticamente toda a humanidade se rege por um sistema económico e político que tolera e encoraja a exploração e o abuso do ser humano, de uma forma tão semelhante à escravatura formal que se confunde com ela. Muitos países escondem, sob uma aparência de democracia, governos que fingem servir a população, mas na realidade se servem do povo para satisfazer os seus propósitos egoístas, ou que aparentam querer a paz, mas fomentam a guerra e justificam-na para que

pareça que é a única opção para resolver os conflitos, quando, na realidade, nunca procuraram outra opção. Quem não vê outra opção, é porque o seu egoísmo, a sua ambição e a sua cobiça o cegam, e quer fazer vingar a sua, custe o que custar. Todavia, há sempre outras opções, se houver vontade, respeito e compreensão para com os outros e disposição para renunciar às atitudes egoístas. Por isso, tende em conta este conselho que vos evitará muito sofrimento a vós e aos outros: resolverás os conflitos, individuais e colectivos, de forma pacífica. Não se deve utilizar nunca a violência, a coacção nem a chantagem, nem impor a vossa vontade sobre os outros, ainda que vos julgueis na posse da razão.

Isso deixa-me algumas dúvidas. Se uma pessoa for atacada, abusada ou coagida, em suma, se vê o seu livre arbítrio ofendido por outra, nalgum aspecto da sua vida, deve permitir esse abuso para evitar um conflito, ou tem o direito de se defender?

Certamente que tem o direito a se defender. Não apenas tem direito a se defender, mas também o dever de o fazer, pois é tão importante respeitar a liberdade dos outros como defender a sua própria. Não se trata de evitar os conflitos, na base de se submeter à vontade do mais forte, mas sim de os resolver evitando a violência. Contudo, isso não implica que tenha de se colocar ao nível do outro.

Haverá algum exemplo, que sirva para esclarecer este ponto?

Se uma mulher recebe maus-tratos por parte do marido, não deve tolerá-lo sob nenhum pretexto. Mas, isso não significa que a forma de o evitar, seja responder com a mesma agressão, pois isso tornava-a semelhante ao agressor. O lógico é afastar-se do agressor e denunciar os maus-tratos, para que a justiça se encarregue dele.

Mas, certamente, o agressor vai enfurecer-se ainda mais com essas medidas e pode aumentar o seu nível de violência, com o que, o conflito se torna mais violento; isso parece contrariar a

mensagem de resolver os conflitos de forma pacífica. Que se poderia argumentar a este respeito?

Que a violência não é gerada pela vítima com a sua atitude, mas sim pelo agressor, por não alterar a sua. É ao agressor que cabe aplicar o conselho que aqui deixamos, de resolver os conflitos sem violência, e não à vítima. Por favor, não confundir ser-se pacífico com ser-se submisso, porque são coisas distintas. Aconselhamos a ser-se pacífico, mas não a ser-se submisso. Um bom exemplo para demonstrar a diferença, observa-se naquela pessoa que, por ser pacifista, se nega a prestar o serviço militar, nos países em que é obrigatório. Não vos parece insubmisso? Um pacifista é insubmisso para com a violência, e procede com coerência e firmeza nas suas convicções. Não permite que outros o obriguem a fazer algo que a sua consciência lhe diz que está mal, pelo que está a lutar para defender o seu livre arbítrio.

E a nível colectivo, se um país for atacado ou invadido por outro, tem direito a se defender ou não?

Tem direito a se defender, mas deve esgotar sempre a via pacífica. Podeis ver o exemplo de Gandhi, que comprova que há uma diferença entre ser-se submisso e ser-se pacifista, e como a convicção em ideais nobres e justos, a vontade e a firmeza podem conseguir grandes obras sem recorrer à violência. As guerras, os conflitos bélicos em geral, não rebentam da noite para o dia, nem a vontade de os provocar é a da maioria. Geralmente, existem uns interesses egoístas por detrás dos conflitos armados, a ânsia de se apropriar de alguma coisa por parte de uns quantos, e são esses quem leva ao engano os outros, para que estes façam o trabalho sujo. Afastai dos governos os beligerantes ambiciosos, e vereis que todas as guerras e conflitos violentos em geral serão evitáveis.

Bem, penso que o que conseguiu Gandhi é uma excepção, porque o normal é que o forte se imponha sempre ao fraco. E, mesmo assim, ainda houve muitas vítimas inocentes.

Mais vítimas se contariam se tivesse havido uma guerra. E, mesmo sendo como dizes, compreendei que o objectivo da vida não é a luta política, mas o avanço espiritual. E, ainda que

sintais ser injusto um país invadir outro, e concluais que o forte, no fim, sempre se apropria do fraco, deveis pensar que os invadidos de hoje, podem ter sido os invasores do passado e que estão a viver agora o mesmo pelo que eles já fizeram outros passar. Relei a história e notareis que as lutas entre povos sempre foram uma constante na história do ser humano, e que as posições entre opressor e oprimido foram mudando ao longo dos tempos. Os povos que foram oprimidos, tornaram-se opressores com a maior das facilidades e, se o não foram antes, não foi porque não quisessem, mas sim porque não podiam. E isto deve-se ao facto de, em todos os povos e em todas as raças, encarnarem espíritos dotados de egoísmo muito primitivo, cheios de ambição, cobiça e avareza, que lutam entre si para ver quem chega a ser o mais rico e poderoso. Tem sido isto, a ambição, a cobiça, a avareza e o fanatismo, o que tem impellido e continua a impelir os seres humanos a lutarem uns contra os outros. Contudo, todos os impérios, por muito poderosos que tenham chegado a ser, desmoronam-se com o tempo, porque tudo o que não seja baseado no amor, é efémero. O que há a reter de tudo isto é que esse egoísmo sob a forma de ambição, cobiça e avareza, gera muito sofrimento, e que a ninguém agrada viver nesse sofrimento, pelo que cada um deve lutar para eliminar esse egoísmo do seu coração. Quando essa lição for aprendida não haverá mais lutas entre os países, povos, raças ou religiões, e os espíritos que encarnarem verão muito claramente que nenhum motivo justifica prejudicar o seu irmão, pois é o mesmo que prejudicar-se a si mesmo.

MISSÃO DE JESUS NA TERRA II

Parece-me surpreendente que, se a reencarnação é tão importante para o processo da evolução espiritual, Jesus não tivesse falado de forma clara e inequívoca na reencarnação.

Mas, ele fê-lo. E também falou das Leis Espirituais e de tudo o que diz respeito à evolução espiritual, de uma maneira clara e simples. Outra coisa é, a informação que vós tendes dele, ser correcta e completa.

E há provas documentais disso?

Toda a verdade sobre Jesus, sobre a sua personalidade e a sua obra, ninguém do vosso mundo a conhece. Apenas ficaram uns retalhos de parte dos seus pensamentos, da sua personalidade e da mensagem que veio transmitir. E, dos fragmentos que restam, a maior parte foi modificada, manipulada ou ocultada da generalidade das pessoas, pelos que governaram e governam o vosso mundo desde então. E assim continuam a mantê-lo, pois a sua intenção é que nada disto seja conhecido, uma vez que consideram que a verdade prejudica os seus interesses egoístas.

Então, todas estas informações não são novas?

Claro que não! Esta é a mesma mensagem que foi sendo transmitida ao longo da história em diferentes lugares do globo. Os transmissores foram, na realidade, sempre os mesmos enviados espirituais, com mais elevado nível de evolução do que a média do planeta, conhecedores da lei do amor e das restantes leis espirituais, conhecidos sob diferentes nomes, segundo a época histórica em que viveram.

E por que razão não nos tem sido dado conhecimento disso?

Já o dissemos. Quando os enviados espirituais desaparecem e a mensagem fica nas mãos de espíritos menos avançados, estes infiltram as suas ideias egoístas na mensagem original, sem que isso se possa evitar, pois os transmissores originais já cá não estão para rectificar os desvios. No caso concreto de Jesus também aconteceu o mesmo. Com o passar dos séculos, a mensagem que Jesus deixou, foi sendo adulterada, sempre para favorecer a

os poderosos ou para não prejudicar nos seus interesses. Os ensinamentos verdadeiros foram sendo escrupulosamente modificados, contratando-se escribas que eliminaram aqueles que os poderosos não queriam que fossem conhecidos e acrescentado os que lhes convinha que contivessem.

E que tipo de ensinamentos foram os omitidas?

Os mesmos que estamos a divulgar agora. O conhecimento sobre a reencarnação das almas e a lei da evolução. O direito de cada um decidir por si mesmo em relação à sua vida e aos seus sentimentos. O chamamento à protecção e ao respeito pela vida e pelos direitos dos seres mais fracos e indefesos, incluindo os animais. Todas aquelas mensagens que condenavam e denunciavam o egoísmo em todas as suas manifestações, como a avareza, a cobiça, o ódio, o abuso e a exploração de uns seres pelos outros, tudo foi escrupulosamente eliminado ou modificado para que o seu sentido original não fosse reconhecível.

E por que motivo não evitou Jesus que se manipulassem os seus ensinamentos quando cá não estivesse?

Porque nem Jesus, nem qualquer outro enviado do mundo espiritual, podem obrigar as pessoas a fazerem o que eles desejariam, porque isso constituiria uma violação do livre arbítrio. A única coisa que podem fazer é encarnar de novo para refazer o que o egoísmo humano desfez.

Queres dizer que Jesus voltará a encarnar na Terra? Quer dizer, voltará uma segunda vez?

Sim. Contudo, não será a segunda vez, mas sim uma vez mais, das tantas que já veio.

Então, estão certas as profecias de uma segunda vinda de Cristo?

Já dissemos que Cristo não encarna, pois é uma entidade evolutivamente muito avançada, que superou a fase humana de evolução há muitos éones, e que o que ele faz é influenciar os espíritos em fase de evolução humana, quando estes vêm em

missão espiritual. Porém, é verdade que Jesus voltará a encarnar. Ainda que, como já disse, não seja a segunda vez. Todavia, não virá para liderar a Igreja Católica como alguns esperam. Nem será bem recebido por muitos dos que se consideram cristãos, sobretudo pela hierarquia, porque, entre outras coisas, virá para desmascarar toda a falsidade e erros que a Igreja criou em seu nome, como já o fez, faz dois mil anos, com a Igreja hebraica.

Porquê, ao perguntar-te anteriormente sobre se Jesus voltaria a encarnar na Terra, me respondeste falando-me de Cristo, e agora que te pergunto sobre Cristo, respondes-me falando-me de Jesus, se é que são duas entidades distintas?

Porque vós identificais Jesus com Cristo. É verdade que, quando Jesus voltar a encarnar, contará com a inspiração de Cristo. Porém, também é verdade que Cristo pode inspirar outros seres de grande evolução, quando é necessário voltarem a encarnar para prosseguir o trabalho de evolução espiritual.

Percebo das tuas palavras que Cristo inspirou outros seres além de Jesus.

Claro.

E pode, esse Cristo, inspirar seres menos evoluídos, mesmo quando não está em curso a encarnação do Messias?

Certamente, pois Cristo, em particular, e os seres espirituais avançados, em geral, não se limitam, unicamente, a inspirar apenas um ser em momentos pontuais, mas sim todos os seres que agem movidos pelo amor incondicional, mesmo que não se encontrem num nível tão elevado como o de Jesus. Ser mais ou menos intensa a ligação de Cristo com outras entidades evolutivamente avançadas, depende do grau de evolução de cada ser encarnado. Muitos desejam ser “eleitos” para se sentirem importantes, e aparentam querer amar, mas não estão dispostos a renunciar ao seu egoísmo. O mundo espiritual ajuda todo aquele que quiser avançar no caminho do amor. Porém, quem actua movido pelo egoísmo, não pode esperar que as entidades espirituais avançadas o acompanhem nos seus

objectivos. A escolha, portanto, é do próprio, e consiste em optar entre o egoísmo e o amor. Em função da opção escolhida, atrairás umas influências ou outras.

Como devemos entender essa combinação Cristo-Jesus? Como um estado de consciência Crístico?

Cristo é um ser espiritual muito evoluído, que existe da mesma forma que existe cada um de vós, com vontade própria e individualidade. Portanto, é muito mais do que um estado de consciência, pois um estado de consciência não é um ser, mas antes uma manifestação de um ser. Certamente que a ligação de um humano com Cristo permite ao ser humano expandir a sua consciência até limites muito mais amplos do que os que por si mesmo poderia atingir, e estar sob a inspiração deste ser super evoluído permite-lhe agir com muito mais clareza, valentia e decisão em prol da missão de que estiver incumbido, do que se apenas contasse com a sua própria capacidade.

Qual é o ser mais avançado depois de Deus? Está encarnado? Que missão tem em concreto e de âmbito geral?

Se queres saber se Cristo ou Jesus são seres imediatamente por baixo de Deus na evolução, adianta-te já que não. O Universo espiritual é muito vasto, e há uma infinidade de seres muito avançados, mais do que Cristo e do que Jesus. O nascimento desses seres é tão antigo no tempo que é impossível para mim explorar até tão longe na história da evolução, a qual não tem um princípio, visto que Deus sempre existiu e nunca deixou de criar. Vós, na vossa limitada compreensão, julgais que a máxima ajuda que esses seres podem dar, é baixar ao planeta e encarnar numa personalidade humana. Por isso, até julgais que é normal que mesmo Deus encarne num humano, quando considerais Jesus como a encarnação do próprio Deus. Com a escassa largueza de vista que tendes, não podeis nem imaginar até onde chega a capacidade destes seres super evoluídos. Eles têm a seu cargo responsabilidades muito maiores do que conseguis imaginar, como criadores e dirigentes de uma infinidade de mundos e humanidades; uma encarnação com personalidade humana seria restringir a sua capacidade de

actuar a uma parte infinitesimal do seu potencial. Portanto, não encarnam em personalidades humanas, pois seria equivalente a esperar que um ser humano encarnasse no corpo de uma formiga, para levar a vida de uma formiga. Por isso, são seres evolutivamente mais próximos de vós, os que assumem este tipo de missões, ainda que não deixem de ser auxiliados por seres de maior evolução.

E porquê, se Jesus não era a encarnação directa de Deus ou de Cristo, disse de si mesmo Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida?

Jesus nunca pronunciou essa frase tal como vós a conheceis, pois não podia personalizar em si mesmo uma mensagem que era universal. É uma simplificação da mensagem seguinte: eu vim mostrar-vos, como enviado do mundo espiritual, o caminho da evolução espiritual, a verdade do mundo espiritual e o que é realmente a vida do espírito.

Disseste que Jesus já tinha vindo mais vezes, queres dizer que Jesus encarnou outras vezes no passado, antes de vir na personalidade de Jesus de Nazaré?

Certamente. Esteve encarnado anteriormente na Terra, em épocas da antiguidade que a vossa história oficial nem descreve nem admite.

E que fez nessas outras vidas?

Jesus foi como tu, como todos vós. E quando evoluiu o suficiente, veio como mensageiro espiritual.

Mas, antes de vir como Jesus, suponho que também realizou missões semelhantes no passado. Há alguma continuidade histórica no que fez?

As missões são trabalhos espirituais que vão deixando marcas nas almas em todas as épocas da história. E, ainda que os livros de história não o acolham ou o façam de forma deturpada, o trabalho não foi infrutífero, porque o espírito que foi tocado no seu íntimo pela mensagem espiritual, não esquece nunca mais essa aprendizagem e manifestá-la-á nas suas encarnações

posteriores. Quando Jesus veio trazer a sua mensagem de amor, fê-lo em diferentes épocas e lugares do mundo. O grande empenho de Jesus foi procurar a forma de transmitir às pessoas daquelas épocas que todos os males do mundo eram consequência do egoísmo. E, também, poder transmitir-lhes as noções espirituais básicas para perceberem o processo de evolução espiritual e as leis espirituais da maneira mais fácil possível. Contudo, o mundo do passado não o reconheceu, nem estava disposto a pôr em prática as mudanças que ele propunha, uma vez que a maioria das pessoas daquela época, em comparação com a actual, era muito limitada, tanto em inteligência como em sensibilidade. Por isso, ficavam muito fascinados com os actos, para eles sobrenaturais, que Jesus realizava, mas não entendiam a profunda mensagem espiritual que ele transmitia. Sabiam que era um ser excepcional, mas não o entendiam. Apenas uns poucos, os seus discípulos mais chegados, o chegaram a compreender.

Por isso, foi preciso dar continuidade a essa mesma tarefa. E, aqueles, que o compreenderam no passado, foram os encarregados de continuar a sua obra no presente, para ajudar, no tempo actual, aqueles que, por falta de evolução, não compreenderam os seus ensinamentos no passado.

A salvação da Humanidade depende de nova encarnação de Jesus, ou pode ser salva sem essa encarnação, uma vez que ele já encarnou no passado?

A "salvação", se a entendermos como uma mudança espiritual do ser humano em direcção ao amor, não depende da encarnação de nenhum espírito avançado em particular. Se muitas pessoas efectuem a mudança de forma simultânea, isso provocará, a nível colectivo, uma mudança positiva em direcção ao amor, chamemos-lhe "salvação da humanidade", mas não depende de ninguém em particular, mas sim de todos em geral. Já dissemos que o avanço espiritual depende do que cada um faça e decida por si mesmo. Não se pode sobrecarregar Jesus, ou outros seres de grande evolução, com a obrigação de fazer evoluir outros irmãos de menor evolução. Os espíritos avançados podem, através do seu exemplo, ajudar

outros seres a despertar, mas a evolução é individual e voluntária. Nem sequer Deus, que é onipotente, te obriga a avançar.

Talvez, o facto de que termos julgado que, com a sua vinda, os nossos pecados seriam redimidos, seja uma das consequências dessa falta de compreensão da missão de Jesus.

Realmente é assim. Porque se ele pudesse salvar toda a humanidade com o seu sacrifício, equivaleria a dizer que o ser humano, faça bem ou faça mal, seria salvo, inclusivamente contra a sua vontade e os seus méritos. E isso iria contra o seu livre arbítrio. A vinda de seres espirituais avançados ao planeta tem sempre como objectivo instruir a humanidade, para que ela própria tome consciência e evolua. Fazê-lo ou não, já depende dela mesma.

Então, se a salvação da humanidade não dependia de Jesus morrer na cruz, não sei até que ponto esse sacrifício tão grande foi necessário.

Repara, a escolha de Jesus foi vir a este mundo para transmitir uma mensagem de amor à humanidade, sabendo que, como consequência disso, corria o risco de ser assassinado. Em determinado momento da sua vida, fez-se-lhe saber claramente, mediante visões, que da forma como se estavam a desenvolver os acontecimentos, acabaria por ser assassinado através da crucificação, e foi-lhe dada a opção de desistir, dado que o mundo espiritual superior respeita totalmente o livre arbítrio e nunca obriga ninguém a fazer nada, nem sequer aos que sabe que estão totalmente empenhados.

E, se ele sabia que o iam a matar, porquê não o evitou? Não terá sido isto, uma espécie de suicídio, que, segundo dizes, é contrário à lei espiritual?

Não foi que ele quisesse que o assassinassem, nem que tivesse especial predilecção por morrer crucificado, se é isso a que te referes. Contudo, pela sua coragem pessoal e pelo exemplo que quis dar, de levar a sua mensagem de amor até às últimas consequências, decidiu continuar. Já disse que o mérito de Jesus

não esteve em ter morrido na cruz, mas sim na coragem que mostrou ao cumprir a sua missão de mensageiro de Deus, pois apesar de saber que aquilo lhe ia custar um tremendo sofrimento, que acabaria com o seu martírio e assassinato, aceitou esse sacrifício, apesar de tudo.

Então, se Jesus não veio redimir os nossos pecados, foi Jesus o Salvador anunciado no Antigo Testamento ou não?

Jesus, sim, foi o enviado anunciado no Antigo Testamento. Coisa diferente de ele ter vindo com o propósito que a Igreja Católica fez crer, ou com o esperado pelo povo de Israel. Israel esperava um rei político, semelhante ao seu rei David, que os livrasse do domínio estrangeiro e os convertesse num povo conquistador. Porém, Jesus não vinha com esse propósito. A sua missão destinava-se a toda a humanidade, não como um governante material, mas sim como um mensageiro de Deus, transmissor da verdade do mundo espiritual, que vinha tirar das trevas a confundida humanidade, perdida em crenças mal interpretadas, absurdas e erróneas. Vinha mostrar o verdadeiro caminho da evolução espiritual a uma humanidade totalmente confundida em relação à sua concepção de Deus e à evolução humana, e totalmente presa ao egoísmo.

E poderá ter acontecido que algum dos grandes avatares ou profetas que a história retrata, estou a pensar em Moisés, Krishna ou Buda, foram anteriores encarnações de Jesus?

Nenhum dos que mencionaste foi Jesus. Ainda que, sim, foram mensageiros de Deus, ou seja, enviados do mundo espiritual, com a mesma missão que Jesus. Todos serviram a mesma causa, e o seu trabalho foi mais ou menos proveitoso, consoante a receptividade das mentalidades dos povos entre os quais encarnaram.

Poderíamos, então, dizer que Jesus e Buda foram os seres mais evoluídos que estiveram no planeta Terra?

Dos que vós conheceis, sim.

Mas, não é verdade que o Povo judeu rejeitou Jesus porque achava que as ideias dele eram contrárias à lei de Moisés?

Todo o povo judeu, não. Foi o clero hebraico e os que se deixavam influenciar por ele. E as ideias de Jesus não eram contrárias à lei de Moisés, mas antes às leis que o clero hebraico tinha decretado para o povo, utilizando Moisés como fachada. Por isso, ele não veio derogar a lei de Moisés, mas sim, apresentá-la de novo na sua forma original, despindo-a das mentiras e manipulações de que tinha sido objecto, e cumpri-la.

Referes-te aos Dez Mandamentos?

Acontece que os Dez Mandamentos são uma das poucas coisas que se salvaram, ainda que alguns deles tenham sido modificados para alterar o seu significado original. Já falámos disso amplamente e não vamos repetir agora. Os escritos verdadeiros de Moisés foram curtos, simples, mas espiritualmente verdadeiros. Nada têm a ver com o chamado Pentateuco, que é atribuído a Moisés, que foi escrito muito depois de ele ter morrido e está cheio de relatos alterados, fantasiosos e de actos abomináveis ordenados pelos dirigentes do povo hebraico, que, para arranjarem justificação e calarem os discordantes, o atribuíram a Deus ou a Moisés.

Voltemos a Jesus. A última vez que Jesus esteve encarnado na Terra, foi há dois mil anos ou voltou alguma vez mais desde então, sem que o tenhamos reconhecido?

A última vez que encarnou foi como Jesus há 2 000 anos, e desde então não voltou a encarnar na Terra.

E está Jesus actualmente encarnado na Terra?

Não. Ainda não. Mas, já falta pouco tempo.

A decisão de encarnar e quando ocorrerá essa encarnação, toma-a ele ou é outra entidade superior?

É decidida por ele no exercício do seu próprio livre arbítrio, conhecendo as necessidades evolutivas do planeta e qual é o momento mais favorável para conseguir uma maior profundidade na mensagem.

Quanto tempo exactamente falta para que volte a encarnar?

A isso não te posso responder. Voltará num futuro não muito longínquo, dependendo de como se forem desenrolando os acontecimentos. Contudo, nesta geração, ainda não. Mas já estão a encarnar há algum tempo os que lhe vão preparar o caminho.

Que queres dizer com os que “lhe vão preparar o caminho”?

Pois, que as missões espirituais não são trabalhos individuais e isolados, nem tão-pouco se improvisam, mas são preparadas conscienciosa e detalhadamente com muita antecedência. São missões de ajuda colectiva nas quais participam muitos seres, que, ainda que não sejam tão evoluídos como Jesus, actuam em sintonia com ele, com o objectivo de fazer avançar espiritualmente a humanidade. Uns assistem e cooperam a partir do plano espiritual e outros no plano físico, encarnando antes, durante e depois do mensageiro principal.

Em que consiste essa preparação?

Em ir dando a conhecer a mensagem em pequena escala, para que já se verifique uma boa predisposição nas pessoas à mensagem espiritual, para que, quando o mensageiro encarnar, a sua mensagem tenha maior penetração.

Que características tem de ter o planeta para que se manifeste uma maior quantidade de seres evoluídos?

Já referimos que as missões de ajuda espiritual não são novas, de agora, mas que se entrelaçam com o trabalho realizado noutras épocas. Os mesmos espíritos encarnam em diferentes épocas com o mesmo propósito, os menos avançados tentam aprender as noções básicas do amor e, os mais avançados, com a responsabilidade, tanto de desenvolver mais a sua própria capacidade de amar, como a de educar no amor os que o conhecem mais mal, mostrando com o seu exemplo.

À medida que o espírito “educador” progride, as suas missões vão adquirindo uma maior profundidade. Como os espíritos menos avançados também vão evoluindo como fruto desse

trabalho, o número de espíritos que compreendem com maior profundidade o significado da mensagem espiritual e que decidem pô-la em prática, vai aumentando, e eles mesmos passam também a ser divulgadores da mensagem. Em cada onda espiritualizadora, mais espíritos se vão progressivamente juntando ao carro da evolução, e isso faz com que o número de espíritos avançados seja cada vez maior. Portanto, encarnarem maior número de espíritos avançados, é um sinal de que o nível espiritual da humanidade está a aumentar.

O que acabas de dizer sobre o facto de estar a ocorrer a encarnação de um maior número de espíritos avançados, fez-me lembrar uma passagem dos evangelhos onde, supostamente, Jesus terá dito: “Coisas maiores que eu, fareis!” Estarás de acordo comigo em reconhecer que, até aos dias de hoje, ainda não foram igualadas por ninguém as que ele fez, e já passaram dois mil anos. Ter-se-á Jesus enganado ao dizer isto, ou será que também esta afirmação foi mal interpretada?

Ele fazia referência a algo que já dissemos anteriormente, e que é que, quando o ser humano evoluir o suficiente, poderá chegar ao nível evolutivo que Jesus tinha quando encarnou neste planeta. E, dado que não há um limite para a evolução, também poderá conseguir níveis de evolução superiores. Isso quer dizer que, nesse estado de evolução, terá as mesmas capacidades, ou maiores, que as que Jesus tinha quando encarnou no planeta. Se, ainda ninguém no vosso planeta, manifestou uma capacidade de amar tão grande como a de Jesus, é porque ainda não passou tempo suficiente para que, nem mesmo os seres mais evoluídos do vosso mundo, tenham já chegado a esse nível. Ainda que para vós signifique muito tempo, espiritualmente falando, 2000 anos é um intervalo de tempo muito curto. Portanto, nem se enganava, nem a mensagem foi manipulada, acontece apenas que ainda não chegou o tempo em que essa afirmação se cumpra.

Há muitas pessoas que se consideram avançadas espiritualmente e dizem ser mensageiros de Deus. Isso será verdade?

A maior parte, não. Expressam o desejo de notoriedade que têm, alimentado pela sua ânsia de protagonismo, não correspondendo a nenhuma realidade. O espírito avançado é reconhecido pela sua capacidade de amar e pela sua humildade, e pelo respeito pelas ideias e crenças dos outros. Muitas das pessoas, que se afirmam mensageiros de Deus, fazem alarde dessa suposta condição e utilizam essa presumida superioridade para se imporem aos outros e tirarem daí benefício. Aos que alardeiam ser mais que os outros e, além disso, se pretendem impor aos outros, falta-lhes humildade e respeito pelo livre arbítrio. Por aí se reconhece que não são o que afirmam ser.

Ao falar de uma nova encarnação de Jesus, veio-me à ideia que o Apocalipse parece anunciar essa vinda. Será uma interpretação correcta?

Sim.

Porém, o Apocalipse faz uma profecia de acontecimentos em relação ao futuro da Terra, muitos deles de carácter catastrófico. Estarão correctas essas predições? Poderias esclarecer um pouco esse assunto?

O Apocalipse, como já disse, é uma visão do futuro possível da Terra, que João teve. Dentro dessa visão, ele teve acesso a certos factos que poderão ocorrer na Terra, no futuro, alguns provocados pelo ser humano e outros consequência de alterações geológicas naturais, que ele tentou transmitir de acordo com a sua capacidade, às pessoas do seu tempo, e, igualmente, os eventos e transformações que a humanidade experimentaria durante esse período. Pode dar a impressão de que, sendo contado tudo de uma só vez, tudo irá acontecer muito rapidamente, mas, na realidade, esses acontecimentos abarcam um período de tempo bastante prolongado, de milhares de anos, no final do qual se verificará um avanço espiritual na humanidade. O ser humano tomará então consciência da sua origem, do seu destino, da existência de um mundo espiritual e a descoberta de que existem entidades acima dele, começando em Deus, Cristo, Jesus e outros seres

por si desconhecidos ou para quem nem nome há, que lhe dedicam amor, zelam pelo seu desenvolvimento espiritual e pela sua felicidade.

Da mesma forma que o Apocalipse fala da vinda de Cristo, fala-se do reinado do Anticristo. A minha pergunta é, existe o Anticristo? Também vai encarnar? Quando?

Já dissemos que não existe nenhum ser onipotente no mal, nem, tão-pouco, algum espírito encarna com o objectivo declarado de praticar o mal. Se acaba a fazê-lo, não é porque esteja incumbido desse propósito, como se de uma missão espiritual se tratasse. Nenhum espírito encarna com um intento negativo de antemão, mas antes, pela sua falta de evolução espiritual, uma vez encarnado, inclina-se para o mal, seguindo o impulso do seu próprio egoísmo. Portanto, se estais à espera de que o Anticristo seja um ser poderosamente mau, que encarna com o propósito de destruir o mundo, ou de destruir Cristo ou os seus seguidores, isso digo-vos já que não existe.

E, se não existe, qual é o sentido com que se utiliza esta palavra no Apocalipse? Ou será que é mais uma manipulação das escrituras?

O evangelista viu, nos acontecimentos do futuro, que havia grande egoísmo na humanidade, que esta se regia por valores egoístas contrários ao amor. Além disso, parte da mensagem foi comunicada encriptada, para que se tornasse mais difícil a sua manipulação posterior. Nesse contexto, o Anticristo é uma figura simbólica, que representa a faceta egoísta, ambiciosa e desapiadada do ser humano diminuído de evolução que, em consequência disso, procede provocando um grande dano aos seus semelhantes. É o egoísmo personificado. E o reinado do Anticristo representa o mundo governado pelo egoísmo. Se assumirmos que a mensagem de Cristo é o amor incondicional, o anticristo é aquele que age em oposição a Cristo, quer dizer, que é fortemente contrário ao amor.

Então, personagens como Nero, Napoleão e Hitler, que provocaram tantos danos na humanidade, foram ou não foram o Anticristo?

Os personagens históricos que mencionas, que foram identificadas como o Anticristo, foram pessoas sumamente egoístas que, movidas pela ambição e pelo desejo de poder, provocaram graves danos na humanidade. Mas, como eles, houve muitos na História, há-os e continuará a havê-los, enquanto o egoísmo impere à vontade pelo mundo. Como vós lhes chameis, não os faz nem melhores nem piores, embora, talvez sim, apareçam mais importantes e terríveis aos olhos do mundo.

Isto do fim do mundo, do Apocalipse, também me traz à lembrança as profecias maias, que situam no ano de 2012 acontecimentos de tipo catastrófico para a humanidade...

Quererás dizer que os ocidentais quiseram ver isso nas escrituras maias, porque se perguntares aos descendentes dos maias, dir-te-ão que não é assim.

Mas, vai-se passar algo de apocalíptico, como um cataclismo planetário, ou o início de uma terceira guerra mundial que destrua a humanidade em 2012 ou não?

Em 2012 não se vai passar nada disso. Catástrofes naturais irá continuar a haver como as que já há, mais ou menos na mesma proporção, porém nenhuma será tão forte que provoque uma destruição de âmbito planetário. Preocupai-vos muito com as catástrofes naturais, que não podeis evitar, e pouco com as que podeis evitar, como são as guerras e a barbárie, obra do ser humano. Os conflitos bélicos, infelizmente tão frequentes no vosso mundo, continuarão a desenvolver-se mais ou menos ao ritmo dos que actualmente existem, e assim continuarão enquanto não se verificar uma mudança de consciência em direcção ao amor. Contudo, de momento, nada que destrua a Terra ou a Humanidade. Se te recordares, em finais do século passado, houve uma psicose semelhante que predizia diferentes acontecimentos catastróficos para o final do século ou para o início do seguinte, e que, supostamente, se apoiavam nas

profecias de Nostradamus. E passou o ano 2001 e nada disso aconteceu. É o fanatismo, a fantasia e a ignorância de muita gente que fez uma montanha de um grão de areia. As pessoas, que se deixam levar por esses maus augúrios, ficam agarradas numa psicose de medo ou alucinação que as impede de se centrarem no que é importante, e que é a evolução espiritual. Já dissemos que a mudança fundamental que se avizinha é de tipo espiritual e que não está limitada a um ano ou data concreta, mas antes abarca uma época que pode ser de centenas de anos. Quem espera o fim do mundo para 2012 vai sofrer uma enorme decepção.

Também, em diferentes partes do mundo, houve manifestações de tipo sobrenatural, com um certo ar apocalíptico, que tiveram muita repercussão. Refiro-me às chamadas aparições marianas de Lurdes e Fátima. Há algo de verdade nisso?

O que há de verdade, é que existem seres espirituais que comunicam directamente com pessoas com capacidade mediúnica, com o propósito de transmitir mensagens, algumas de tipo mais pessoal e outras de tipo colectivo. Em geral, estas manifestações não costumam ter grandes repercussões, porque as pessoas, que passam por elas, costumam ser discretas e não fazem publicidade desses factos, porque sabem que o mais provável é que os taxem de desequilibrados mentais. Os casos de Lurdes e Fátima adquiriram notoriedade pelo facto de terem sido protagonizados por crianças e estas contarem com toda a naturalidade o que tinham visto.

Mas, nos casos concretos de Lurdes e de Fátima, diz-se que foi a Virgem Maria quem se manifestou. É verdade? Qual foi a mensagem que transmitiu?

Não, não foi Maria quem se manifestou, ainda que isso não tenha grande importância. É verdade que foram espíritos avançados que apareceram com fisionomia de mulher. Mas, eles nunca disseram que eram Maria. Não costumam atribuir-se nome ou, se o fazem, são nomes genéricos. A identificação com Maria costuma dar-se porque as crianças a identificam com a personagem da crença religiosa em que foram educados, ou

porque, depois das visões, foram condicionados por parte dos adultos para que a identifiquem com Maria. A mensagem que transmitem costuma ser muito clara, na linha do que temos dito, de que o ser humano está no mundo para evoluir, que para o fazer tem de desenvolver a sua capacidade de amar e desfazer-se do egoísmo. Em certas ocasiões, advertem sobre os riscos futuros que, a nível colectivo, implicam as atitudes egoístas individuais e colectivas, como conflitos bélicos futuros. Contudo, logo aparece a Igreja e manipula todas as mensagens, segundo a sua conveniência, e abafa o que não lhe interessa que seja conhecido, porque prejudica os seus interesses. Sobretudo, faz crer que a aparição da suposta Virgem Maria é uma chamada à conversão da humanidade à sua religião, para conseguir mais adeptos ou para assegurar os que já tem. O fanatismo e a superstição fazem o resto, convertendo esses lugares em centros de peregrinação, que rendem abundantes benefícios à custa do fanatismo e da ignorância dos fiéis.

**E qual é o terceiro segredo de Fátima se é que se pode saber?
Tem alguma coisa a ver com o fim do mundo?**

Se o mundo espiritual quisesse guardar um segredo, não o teria revelado ao mundo. É o egoísmo do ser humano, sobretudo daqueles que ostentam o poder material do mundo, quem guarda as revelações do mundo espiritual fechadas à chave e não quer dá-las a conhecer, pelo medo de ficar descoberto, à vista de todos. Em qualquer caso, não percais o sono por causa disso, porque o que aí foi dito já tinha sido revelado por outras vias.

A DESPEDIDA

Uma das vezes em que estava relaxado a falar com Isaías, ele disse-me:

-VIVA, IRMÃO! HOJE GOSTARIA QUE SAISSES DO TEU CORPO PORQUE QUERO QUE VEJAS UMA COISA.

E, acto seguido, estava fora do corpo, catapultado a toda a velocidade para o interior de uma das pirâmides de cristal, que faziam parte daquele lugar tão precioso onde Isaías me costumava levar. Levou-me a um lugar que parecia uma espécie de sala de exposições circular. No centro, havia como que um pequeno palco circular rodeado por assentos colectivos, à volta. E, no meio dele, havia como que um suporte, onde estava colocada uma pedra cristalina, que parecia quartzo, muito grande e bem lapidada.

-SENTA-TE ONDE QUIERES E ESPERA - disse-me.

Depois de mim, começaram a ocupar os assentos, outras pessoas, que também chegavam acompanhadas como eu. Percebi que aquelas pessoas eram encarnados como eu, e deduzi que os seus acompanhantes, pela forma como vinham vestidos, com túnicas, e pela luz que desprendiam, seriam os seus espíritos-guia. Sentaram-se da mesma forma que eu, enquanto os espíritos-guia, do mesmo modo que Isaías, se dirigiam para o centro, formando um círculo à volta do suporte com a pedra. Pegaram nas mãos uns dos outros. Num determinado momento, a luz da sala atenuou-se até quase se apagar. Começámos logo a ver como o cristal de quartzo se iluminava pouco a pouco e, de repente, vimos como a luz do cristal atingia o tecto e activava um qualquer dispositivo desconhecido que fez com que todo o centro do círculo se enchesse de luz, como que formando uma espécie de cilindro luminoso. Imediatamente, esse cilindro luminoso, foi-se alargando até nos abranger a todos os que estávamos na sala, como se nos metesse dentro. "NÃO VOS ASSUSTEIS, NADA VOS

PODE ACONTECER. PRESTAI ATENÇÃO AO QUE IDES VER"- pudemos ouvir nas nossas mentes. Pouco a pouco, a luz foi-se esfumando e começámos a ver imagens. Era como um filme em 3D, mas muito mais real, pois era como se estivéssemos dentro dele, com um realismo total. As imagens eram tão perfeitas que, iria jurar, me encontrava realmente nesse lugar. Começámos a ver homens que pareciam políticos a discursar à frente de uma multidão que aplaudia e berrava entusiasmada. Mesmo sem entendermos as palavras, podiam-se perceber os pensamentos. Os políticos obedeciam às ordens de outros seres, cuja fisionomia não chegámos a ver, mas que eram sombrios e transmitiam fluxos de escuridão aos políticos que falavam. Estavam a incitá-los a fazer uma guerra. À medida que os políticos falavam, a corrente de escuridão ia-se estendendo como se fosse nevoeiro, sobre o público, e penetrava neles de modo que estes ficavam como que impregnados dessa névoa escura. Percebia-se uma grande corrente de medo, ódio e fanatismo, que me atingiu profundamente. Imediatamente as imagens desapareceram e apareceram outras, onde se viam exércitos a desfilar. Começámos logo a ver imagens de aviões, carros de combate, barcos de guerra, tanques, lançadores de mísseis, em plena actividade. Vimos soldados com metralhadoras, preparando-se para entrar em acção. Em seguida, começámos a ver bombas a cair e explosões que destruíam tudo à sua passagem. Vimos a forma como morria muitíssima gente, homens, mulheres e crianças, uns crivados de balas, outros esventrados pelas explosões de bombas, outros queimados. Também vimos como os soldados apanhavam mulheres e as violavam sem nenhuma consideração, e as matavam, de imediato, sem nenhuma contemplação. Vimos prisioneiros agredidos e torturados até à morte. Cidades, povoações e campos totalmente destruídos, cadáveres e cadáveres espalhados por todos os lados. Foi o mais horrível que vi em toda a minha vida, porque tudo isso se passava como se acontecesse ali mesmo. Estava em estado de choque, todos estávamos. Em determinado momento, foi como se nos elevássemos repentinamente numa nave e observássemos toda a destruição, a partir de cima. Começámos a ver mísseis pelo céu e vimos o que se passava quando um dos

mísseis atingiu o alvo sobre uma cidade muito grande. Produzia-se um enorme estrondo, ao mesmo tempo que uma onda explosiva de fogo se expandia a grande velocidade, arrasando tudo com uma capacidade de destruição impressionante. Formou-se uma nuvem de pó gigantesca. Não sei calcular a extensão que ficou arrasada, mas era enorme. Num instante, descíamos de novo, rentes ao chão, a uma distância bastante afastada do lugar onde tinha explodido aquela bomba. Via-se a forma da nuvem. Era semelhante ao cogumelo das explosões das bombas atômicas de Hiroxima e Nagasaki, porém a sensação era de que foram detonações muito mais potentes e destrutivas. Vimos explodir várias bombas atômicas semelhantes em diferentes lugares. O espectáculo era dantesco. Em alguns lugares, não restava nada de pé. Nada. Tudo transformado, completamente, em pó e cinzas. Outros lugares ficavam em ruínas, onde se podiam ver por todo o lado cadáveres destroçados. Viam-se, nalguns sítios, alguns sobreviventes cadavéricos e andrajosos, que vagueavam sem rumo, como que tentando fugir das zonas mais devastadas. Essa visão terminou. E, logo, começámos a ter outra, de um lugar onde a terra começava a tremer e a abrir-se em vários pontos. Produziram-se terramotos muito fortes, que demoliam o pouco que ainda restava de pé. Também surgiram vulcões em muitos sítios, e a lava corria por todos os lados, arrasando toda a superfície de uma terra já devastada. Noutro momento, experimentámos um estrondo muito maior, que nem tenho palavras para descrever. A terra, naquele lugar, estava a afundar-se. Víamos, simultaneamente, imagens de diferentes lugares, todos a passar por um cataclismo semelhante. O afundamento da terra fez com que se formassem ondas gigantes nos mares circundantes, espécie de *tsunamis* gigantes, que, quando alcançavam a costa dos continentes que não se tinham afundado, arrasavam tudo numa extensão enorme, difícil de determinar. O contacto súbito da lava com a água provocava uma enorme evaporação de água. O céu cobria-se totalmente de nuvens muito espessas. Tormentas e tempestades enormes fustigavam tudo, e deixou de penetrar a luz do sol. Afastámo-nos em seguida, progressivamente, da

superfície terrestre, até vermos completamente a esfera terrestre, a partir do espaço. O aspecto era desolador. Já não se via o azul do mar e o castanho e verde dos continentes, nem o branco das nuvens. O que se via, era uma esfera completamente coberta por uma atmosfera cinzenta e densa, que impedia de observar a superfície terrestre. Que tristeza tão grande observar qual tinha sido o destino do nosso mundo! Aqui terminou a visão. O ecrã cilíndrico encolheu de novo até ao centro da sala e apagou-se logo. A luz da sala de projecção tornou-se de novo intensa. Todos os que tínhamos assistido estávamos em estado de choque. Vimos como um dos guias se aproximou do centro da sala e tirou o cristal de quartzo, substituindo-o por outro. Antes de termos tido tempo para reagir, voltou-se a reactivar o cilindro da mesma maneira que da vez anterior, e, de novo, o ecrã cilíndrico de imagens 3D voltou a envolver-nos. Voltámos a ver os mesmos políticos de antigamente, os que faziam discursos a favor da guerra, com as entidades sombrias a transmitir-lhes influências negativas. Mas, desta vez, faziam-no em estúdios de televisão. Estavam a comunicar, através da televisão, a decisão de entrar em guerra contra outros países. Contudo, as pessoas reagiam de maneira diferente da visão anterior. Também se formavam multidões, só que, desta vez, não era para apoiar os seus governantes belicistas, mas sim para protestar contra eles. As manifestações eram massivas. Os governantes tentaram sufocar os protestos, dando ordens ao exército e à polícia para que agissem contra as pessoas. Todavia, os próprios soldados e polícias, negavam-se a acatar as ordens de agredir os seus concidadãos e uniram-se no protesto. Vimos a queda destes governantes, diante da força das rebeliões populares, e como eram detidos e encarcerados. Isto acontecia, simultaneamente, em todos os países que iriam entrar na guerra. Vimos aparecer, então, outras pessoas que transmitiam sentimentos muito diferentes dos políticos. Estes estavam acompanhados de seres luminosos que lhes transmitiam fluxos luminosos, e que eles estendiam aos outros. Desprendiam humildade, serenidade. Vimos como um raio de luz se propagava a partir deles em direcção às pessoas, transmitindo-lhes paz e amor. Estes novos dirigentes decretaram a cessação

de toda a actividade violenta e formaram uma espécie de congresso mundial para decidir qual iria ser o novo rumo para a humanidade. Assistimos a outra visão em que todas as máquinas de guerra eram desmontadas e fundidas, os exércitos eram desmantelados e todos os que tinham contribuído para levar o mundo à beira da guerra, eram levados a juízo. A visão desapareceu. Fizem-nos saber mentalmente, após um espaço de tempo que não soube precisar, que iríamos presenciar as mudanças que tinham ocorrido no mundo depois desta decisão. Tudo tinha mudado para melhor. Vimos as pessoas nas suas actividades quotidianas. Não havia guerras, não havia conflitos, não havia pobreza nem desigualdades. A humanidade vivia em harmonia. Via-se no rosto das pessoas que desprendiam felicidade. A visão terminou da mesma maneira que antes, com uma imagem da Terra vista do espaço. Que contraste tão grande com a primeira visão! Que linda parecia agora, em comparação com a visão anterior! O cilindro luminoso voltou a encolher até ao centro do palco e apagou-se logo. As luzes acenderam-se. Eu estava extremamente comovido e emocionado. Reparei nos outros e comprovei que estavam tão impressionados como eu. Tinham sido muitas emoções, muito fortes e contraditórias, num pequeno espaço de tempo. Os guias foram dispersando do círculo que tinham formado e reuniram com os seus protegidos. Pude ver como lhes transmitiam ondas de energia, para os ajudar a recuperar do impacto da experiência vivida. Em pouco tempo todos tinham desaparecido da sala. "É HORA DE VOLTAR, PARA TI TAMBÉM". Era Isaías quem me falava. Notei um esticão forte e uma queda livre que me trouxe directamente ao meu corpo. Contudo, não despertei de imediato, antes, continuei em estado de entorpecimento.

-FALEMOS UM POUCO ANTES DE DESPERTARES. VAMOS FAZÊ-LO ASSIM, PARA QUE A TUA MENTE RECORDE MELHOR.

-Quem eram eles? - perguntei.

-SÃO PESSOAS COMO TU, ESPÍRITOS ENCARNADOS DO TEU MUNDO - disse Isaías - OS SEUS ACOMPANHANTES SÃO IRMÃOS DO MUNDO ESPIRITUAL QUE OS AJUDAM.

-Vi-os muito impressionados - disse.

-SIM. TU TAMBÉM ESTAVAS. MUITOS DELES NÃO RECORDARÃO ESTA EXPERIÊNCIA CONSCIENTEMENTE. SERIA UM IMPACTO DEMASIADO FORTE PARA A SUA MENTE TERRENA. PORÉM, O SEU ÍNTIMO RECORDÁ-LA-Á E TÊ-LA-Á EM CONTA.

- O que foi que vimos? - perguntei.

-O QUE VISTES SÃO DUAS POSSIBILIDADES DIFERENTES DO FUTURO DO VOSSO MUNDO. A PRIMEIRA É O FUTURO POSSÍVEL SE A HUMANIDADE SE DEIXAR LEVAR PELO EGOÍSMO, E A SEGUNDA É O FUTURO QUE SE PODE ESPERAR DEIXANDO-SE SEDUZIR PELO AMOR.

-Então, nada disso sucedeu ainda nem tem, necessariamente, de suceder. Quero dizer, não gostaria que viesse a acontecer a primeiro cenário de futuro.

-EXACTO. NADA DISSO SUCEDEU. AINDA.

-E haverá outras possibilidades de futuro, para além das que vimos?

-SIM. ISSO QUE VISTES SÃO OS DOIS EXTREMOS, NEGATIVO E POSITIVO. HÁ SITUAÇÕES INTERMÉDIAS. CONTUDO, BASICAMENTE TODAS AS POSSIBILIDADES CONVERGEM, DESENVOLVENDO-SE EM MAIOR OU MENOR TEMPO, ATÉ SE CHEGAR A UMA DESTAS DUAS. SÃO COISAS QUE NÃO SE PASSAM DA NOITE PARA O DIA. CONVÉM QUE TENHAIS UMA PERSPECTIVA A MAIS LONGO PRAZO, MAIOR DO QUE DURA UMA ENCARNAÇÃO.

- E quem está a ver estas possibilidades sobre o futuro?

-AQUELES ENCARNADOS QUE QUEREM AVANÇAR ESPIRITUALMENTE. DO MESMO MODO QUE VÓS O ESTIVESTES HOJE, MUITOS HUMANOS ENCARNADOS ESTÃO A SER CONDUZIDOS PELOS SEUS GUIAS DURANTE A NOITE ENQUANTO DORMEM, A PRESENCIAREM ESTE TIPO DE PROJEÇÕES SOBRE O FUTURO.

- E por que motivo?

-FAZ PARTE DA PREPARAÇÃO DO VOSSO INTERIOR, PARA QUE TOMEIS CONSCIÊNCIA DAS CONSEQUÊNCIAS QUE TÊM OS VOSSOS ACTOS, A NÍVEL GLOBAL, E ASSIM POSSAIS DECIDIR, COM CONHECIMENTO DE CAUSA, DE QUE LADO DA BALANÇA PREFERIS ESTAR, SE NO LADO DO EGOÍSMO OU NO DO AMOR.

-Não acredito que alguém queira viver a situação do primeiro possível futuro.

-CLARO. NINGUÉM QUER SOFRER. QUEM AGE EGOÍSTICAMENTE, PENSA SEMPRE QUE NUNCA VAI SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS DOS SEUS ACTOS. O QUE TENTAMOS FAZER-VOS COMPREENDER É QUE TUDO ESTÁ INTERLIGADO E QUE, O QUE FAZEIS AOS OUTROS, SE REPERCUTIRÁ, MAIS TARDE OU MAIS CEDO, EM VÓS. EM TODOS VÓS.

- Mas, porquê esta visão em concreto? É muito inquietante.

-PORQUE UMA PARTE DA HUMANIDADE DO VOSSO PLANETA ESTÁ A CHEGAR A UM TAL EXTREMO DE EGOÍSMO E DE CAPACIDADE DE DESTRUÇÃO, QUE ESTÁ A PÔR EM PERIGO A SOBREVIVÊNCIA DE TODA A HUMANIDADE. IDES COLABORAR NESSA DESTRUÇÃO, OU PELO CONTRÁRIO, IDES COLABORAR PARA TENTAR EVITÁ-LA? PORQUE TUDO DEPENDE DE VÓS, DO VOSSO LIVRE ARBÍTRIO. HAVERÁ UMA OCASIÃO, NESTA OU NOUTRAS VIDAS, EM QUE TEREIS DE ESCOLHER DE QUE LADO ESTAIS. O DESTINO DO MUNDO ESTÁ NAS VOSSAS MÃOS.

-Ufa! O destino do mundo está nas nossas mãos. Que enorme responsabilidade! É demasiado para qualquer um!

-COMPREENDEI QUE O DESTINO DO MUNDO NÃO DEPENDE DA ACTUAÇÃO DE UMA ÚNICA PESSOA, MAS SIM DA SOMA DE MILHÕES. CADA UM CONTRIBUI NUMA PEQUENA PARTE, COM A SUA ATITUDE AMOROSA OU EGOÍSTA, PARA QUE O MUNDO SEJA UM POUCO MELHOR OU UM POUCO PIOR. APESAR DE ALGUNS PODEREM PROVOCAR MAIOR OU MENOR DANO, OU ACRESCENTAR MAIS OU MENOS AMOR QUE OUTROS, DE ACORDO COM A SUA CAPACIDADE E VONTADE PARA FAZER O BEM OU O MAL. É COMO UMA DESSAS COMPETIÇÕES DE FORÇA, EM QUE DUAS EQUIPAS SE ENFRENTAM, PUXANDO CADA UMA PELA PONTA DE UMA CORDA, PARA ARRASTAR O LENÇO ATADO NO CENTRO, PARA O SEU LADO. A VOSSA ESCOLHA CONSISTE EM SABER DE QUE PONTA DA CORDA QUEREIS PUXAR, DO LADO DO EGOÍSMO OU DO LADO DO AMOR. O LENÇO DO JOGO É, NESTE CASO, O DESTINO DO VOSSO MUNDO. QUANTOS MAIS JOGADORES PUXAREM DO LADO DO AMOR, MAIS POSSIBILIDADES HÁ DE QUE O DESTINO DO MUNDO PENDA PARA O AMOR.

- E, como decorre a competição de momento?

- SE TE DISSER QUE ESTÁ A CORRER BEM, ÉS CAPAZ DE AFROUXAR, E SE TE DISSER QUE ESTÁ A CORRER MAL, PODE ACONTECER DESESPERARES. COMO PENSAS TU QUE CORRE?

- Está bem, não me vais dizer nada. Já pensava isso. Julgo que, de momento, ganha o egoísmo. Porém, noto que as pessoas estão a mudar de clube, porque se estão a aperceber de que as coisas, conforme estão, não vão acabar bem. Quero dizer que, antes puxavam da ponta do egoísmo, mas mudaram e agora puxam do lado do amor.

- E HÁ MUITOS OUTROS QUE PUXAM UM BOCADO DE UM LADO E UM BOCADO DO OUTRO, DE ACORDO COM AS CONVENIÊNCIAS, AH! AH! AH!...

- Não me parece que seja assunto para se agradecer.

- TAMBÉM NÃO LHE ACHO GRAÇA NENHUMA. TENTO APENAS DESDRAMATIZAR, PORQUE PERCEBO QUE ESTÁS ASSUSTADO E IMPRESSIONADO COM O QUE VIVESTE. MAS, VAIS RECUPERAR. BOM, AGORA É TEMPO DE ME DESPEDIR.

- Já vais, tão rápido?- disse-lhe.

- SÃO HORAS DE EU REGRESSAR A CASA. ESTOU BEM AQUI CONTIGO, MAS LÁ ESTOU MELHOR. NÃO TE PREOCUPES. EM BREVE, NOS VOLTAREMOS A VER. AMOR, IRMÃO. UM ABRAÇO PARA TODA A FAMÍLIA. JÁ SABES, A NOSSA QUERIDA HUMANIDADE.

FIM

CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS AUTORES.

É nosso expresse desejo que a mensagem, divulgada através desta obra, possa chegar a toda a gente, de forma totalmente gratuita e desinteressada, em harmonia com a filosofia do amor incondicional que expusemos, ou seja, a de dar sem esperar receber nada em troca.

Por isso, apoiamos e permitimos a livre difusão, reprodução total ou parcial desta obra, por todos os meios actualmente disponíveis, com a condição de que não seja feita com fins lucrativos nem se modifique o seu conteúdo.

A nossa intenção é que esta obra se vá ampliando com a contribuição de todos. Se tens perguntas acerca do tema do livro, isto é, sobre a espiritualidade e o amor, sejam estas pessoais ou genéricas, está à vontade para as expores e fá-las chegar-nos por correio electrónico que, com muito gosto, procuraremos responder com a maior brevidade possível.

As questões que sejam consideradas de interesse geral e tragam novas e valiosos contributos para o objectivo desta obra, serão incluídas, conjuntamente com a resposta que lhes for dada, em futuras edições. Neste livro, A LEI DO AMOR (AS LEIS ESPIRITUAIS - PARTE II), já foram incorporadas algumas das questões colocadas por alguns dos leitores de AS LEIS ESPIRITUAIS – PARTE I.

Também pedimos a colaboração de pessoas interessadas em traduzir desinteressadamente esta obra noutras línguas, para que a sua mensagem possa chegar ao maior número possível de pessoas.

Se estás empenhado/a em que nos desloquemos à tua cidade ou à tua vila, por achares que existe um suficiente número de pessoas interessadas em assistir a uma palestra sobre o tema deste livro, por favor, dá-no-lo a conhecer. Não importa que a tua cidade ou a tua vila sejam noutro país ou noutro continente, tentaremos, na medida das nossas possibilidades, aceder ao teu pedido. A organização da palestra não importará em qualquer

despesa económica para quem a solicitar, pois fazemo-lo de forma totalmente gratuita e desinteressada e, também, os gastos da viagem e alojamento serão por nossa conta. A única condição é que a entrada seja, sempre, livre e gratuita para todos os interessados.

Dirige o teu pedido a:

Vicent Guillem Primo

Endereço de correio electrónico: lasleis.espirituais@gmail.com

Na página web: <http://asleisespirituais.blogspot.com> poderás descarregar gratuitamente este livro em formato electrónico e solicitar uma cópia em papel.

Com todo o nosso amor, para ti. Até já.



VICENT GUILLEM PRIMO

Doutor em Ciências Químicas pela Universidade de Valência (Espanha). Trabalha como investigador da influência da predisposição genética, no cancro.

No seu tempo livre, dedica-se à prática do reiki com fins terapêuticos, de forma gratuita e totalmente desinteressada.

O conteúdo deste livro é uma mensagem de amor para ti.

Desejo, que te sirva para conheceres melhor os teus sentimentos, que te permita distinguir os sentimentos de amor verdadeiro das formas de egoísmo que imitam o amor, mas que o não são, que procures alimentar os primeiros e eliminar os segundos, pois é a única forma de se conseguir chegar a ser feliz. Desejo que consigas perder o medo de amar, para que a tua vida seja um reflexo do que sentes. Espero que, depois de leres este livro, seja para ti claro que tens um direito fundamental que não deves permitir que ninguém restrinja, que é o direito à liberdade de sentimento.

Com todo o meu amor, para ti.



O trabalho A Lei do Amor de [Vicent Guillem Primo](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em <http://asleisespirituais.blogspot.com.es/>.